

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DO MARANHÃO

ÂNGELA SARAIVA SILVA

**LUCRO E PODER POLÍTICO:
o reggae como instrumento de lucratividade e ascensão política na sociedade
maranhense (1990 - 2012)**

São Luís
2012

ÂNGELA SARAIVA SILVA

**LUCRO E PODER POLÍTICO:
o reggae como instrumento de lucratividade e ascensão política na sociedade
maranhense (1990 - 2012)**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História do Maranhão da Universidade Estadual do Maranhão como requisito à obtenção do título de Especialista em História Cultural do Maranhão.

Orientadora: Prof.^a Dra. Adriana Zierer

São Luís
2012

Silva, Ângela Saraiva.

Lucro e poder político: o reggae como instrumento de lucratividade e ascensão política na sociedade maranhense (1990 a 2012) / Ângela Saraiva Silva.– São Luís, 2012.

50 f

Monografia (Especialização) – Curso de História do Maranhão, Universidade Estadual do Maranhão, 2012.

Orientador: Profa. Adriana Zierer

1.Maranhão. 2.Música regueira. 3.Apropriação. 4.Lucros financeiros. 5.Poder político. I.Título

CDU: 781.15:32(812.1)“1990/2012”

ÂNGELA SARAIVA SILVA

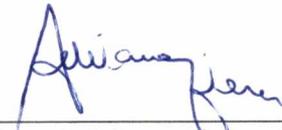
**LUCRO E PODER POLÍTICO:
o reggae como instrumento de lucratividade e ascensão política na sociedade
maranhense (1990 - 2012)**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em
História do Maranhão da Universidade Estadual do
Maranhão como requisito à obtenção do título de
Especialista em História Cultural do Maranhão.

Orientadora: Prof.^a Dra. Adriana Zierer

Aprovada em: 28/09/2012

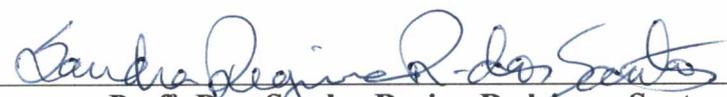
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dra. Adriana Zierer (Orientadora)
Universidade Estadual do Maranhão



Prof.^a Dra. Elizabeth Sousa Abrantes
Universidade Estadual do Maranhão



Prof.^a Dra. Sandra Regina Rodrigues Santos
Universidade Estadual do Maranhão

Aos meus pais, Raimundo Nonato e Gregória Saraiva, e ao meu irmão Camilo Lellis que representam uma das mais importantes bases para a construção da minha pessoa.

*“Magnatas e regueiros
Na jamaica brasileira
Os regueiros gostam de reggae
Os magnatas gostam de dinheiro
Não fazem nada pelo reggae
Nada fazem pelos regueiros
Pensam que a vida é uma festa
Para lucrar o ano inteiro
Muitos se dizem de bem
Se dizem regueiros sem interesse
No fundo são desordeiros
Lobos vestidos em pele de cordeiro
Movidos pela grana,
Pela inveja e pela ganância,
Não conhecem a mensagem,
Princípios de paz e tolerância.”*

(Tribu de Jah – Magnatas e Regueiros)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por mais esta graça concedida e pela força em todos os momentos, sobretudo nos de maiores dificuldades.

À minha família, pelo apoio, motivação e forte torcida nos estudos, atividades profissionais e demais realizações pessoais.

Aos professores do Departamento de História, pelos ensinamentos ministrados durante o período do Curso de Especialização.

À Professora Adriana Zierer, pela orientação deste trabalho, além do incentivo para os estudos e da confiança de que “tudo vai dar certo”.

Aos amigos e companheiros deste Curso de Especialização, em especial, Elaine Regina, Márcia Andréa e Maria da Glória, com quem compartilhei mais uma vez todas as emoções acadêmicas e com quem continuo aprendendo grandes lições de vida.

Ao amigo Léo Batista, sem o qual teria sido tudo mais difícil no desenvolvimento deste trabalho, pois além de ser também companheiro de Curso, me auxiliou no decorrer da pesquisa e das entrevistas, e teve muita paciência comigo; todos os agradecimentos necessários a este amigo não caberiam aqui.

À amiga Jackeline por também ter tido paciência para me ajudar na organização do trabalho, se dispondo a ouvir todas as minhas preocupações e chatices.

Aos entrevistados que se dispuseram a contribuir com o seu depoimento, fornecimento de materiais e importantes informações sobre o tema.

A todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho monográfico.

RESUMO

Esta pesquisa tem como propósito fazer um estudo sobre a música regueira no Maranhão sob o ponto de vista de uma análise das influências das questões econômicas, sociais e políticas sobre os aspectos da produção, recepção e, sobretudo, apropriação deste objeto cultural, tendo em vista que tem sido possível notar que este ritmo tem servido como instrumento de obtenção de lucros financeiros e poder político para alguns sujeitos na sociedade com ele envolvidos direta ou indiretamente. São analisados os mecanismos utilizados por seus produtores, quais suas possíveis intenções ao produzi-los, quem está sendo beneficiado com a aproximação da manifestação do reggae com a economia e a política e os modos como o próprio público tem percebido estas vinculações. São utilizadas fontes orais e fontes escritas como artigos e publicações de jornais, revistas e páginas da Internet, visando uma melhor compreensão acerca de como têm se processado tais relações dentro do cenário regueiro maranhense.

Palavras-chave: Música regueira. Maranhão. Apropriação. Lucros financeiros. Poder político.

ABSTRACT

This research has the purpose make a study about reggae music in Maranhão by analysis viewpoint of the influences of economic, social and political issues about aspects of production, reception and, especially, appropriation of this cultural object, considering that, it has been possible to observe that this rhythm has served like tool of obtain of financial gains and political power to some subjects in the society with it involved directly or indirectly. The mechanisms used by its producers, what their possible intentions when to produce them, who is being benefited with the approximation of manifestation of reggae with the economy and politics, and the ways how the own public perceives these linkages are analysed. Oral sources and written sources like articles and publications of newspapers, magazines and websites, seeking a better understanding about how the relations have been processed in the maranhense reggae scene are used.

Key words: Reggae music. Maranhão. Appropriation. Financial gains. Political power

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 O REGGAE NA NOVA HISTÓRIA POLÍTICA	12
2 A MÚSICA REGUEIRA: lucro e encanto	28
2.1 O reggae no mercado econômico	29
2.2 A discriminação apesar da mídia e da moda	36
2.3 O reggae como produto turístico	41
2.4 A presença feminina no cenário regueiro maranhense	47
3 A MÚSICA REGUEIRA: instrumento de ascensão política	55
3.1 O reggae no cenário político maranhense	56
3.2 O que diz o eleitor regueiro	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS	80
APÊNDICES	85

INTRODUÇÃO

A Nova História Cultural tem proporcionado uma ampla variedade de abordagens dentro da historiografia, enriquecendo-a e permitindo que novos objetos de estudo, como a música, por exemplo, possam ser analisados e tomados como base para uma reflexão acerca das sociedades na qual estão inseridos.

Em trabalho anteriormente realizado por Silva (2006) e intitulado *No embalo das canções: um estudo sobre a música regueira no Maranhão (1980-2006)*¹, o reggae fora colocado como ponto de partida para auxiliar na compreensão dos modos de agir e pensar dos indivíduos em uma sociedade, através de uma análise sobre as canções regueiras que buscou enfatizar a interação dos aspectos musicais e verbais nelas contidos.

Têm sido cada vez mais notórias as possibilidades de analisar a música enquanto objeto de estudo, não apenas sob o ponto de vista de sua musicalidade – envolvendo neste caso, ritmo e letras das canções – mas também se referindo a ela no âmbito das questões relativas à produção e recepção musical que estão condicionadas às influências dos mercados econômicos e políticos na sociedade.

De acordo com Burke (2005,p.30), Erick Hobsbawn foi um dos primeiros historiadores a pensar a música além do aspecto de sua musicalidade em si – em 1959, com sua obra *A história social do jazz* – mas retratando também o seu público, o contexto no qual este ritmo se desenvolvera e adquirira outros sentidos como o de produto negociável na sociedade, na medida em que o jazz ia se vinculando cada vez mais ao mercado econômico por meio dos avanços na indústria cultural.

Neste sentido, uma retomada nos estudos sobre a música regueira no Maranhão dentro do meio historiográfico pode ser feita com o intuito de agora refletir principalmente os aspectos econômicos e políticos que têm influenciado nas formas de produção e recepção deste ritmo e também nas práticas e representações a serem criadas ou recriadas a partir das apropriações feitas. Nessa tentativa, prima-se por entender de que modo o reggae tem se constituído como instrumento que contribui para geração de lucros financeiros para determinados segmentos na sociedade e para o crescimento político de candidatos que tenham algum tipo de vínculo com o ritmo.

Tendo em vista que estes aspectos de possibilidades de lucratividade e ascensão política a partir da música regueira começaram a ficar mais evidentes no início da década de

¹ Trabalho monográfico desenvolvido para conclusão do Curso de História da Universidade Estadual do Maranhão.

1990 – apesar de que, na década de 1980, o crescimento das radiolas já se acentuava bastante no Maranhão e estas se constituíram como peças de extrema importância para incentivar o movimento das festas realizadas nos salões e clubes onde se tocava o ritmo regueiro – esta pesquisa procura enfatizar abordagens sobre a manifestação do reggae deste período até os dias atuais, nos quais tem sido possível perceber cada vez mais fortes os vínculos entre o reggae, a economia e a política na sociedade maranhense.

No ensejo de melhor compreender os acontecimentos neste período, utilizam-se como fontes as matérias publicadas em jornais, revistas e também em páginas da Internet, buscando-se assim, elementos sobre o reggae que permitam auxiliar na demonstração de questões relacionadas aos possíveis modos de influência do ritmo na sociedade maranhense, tanto do ponto de vista econômico quanto político.

Além destas fontes escritas, utilizam-se também as fontes orais que são de grande relevância para o desenvolvimento do trabalho, pois possibilitam uma maior aproximação com as possíveis formas de pensar e agir das pessoas ligadas à produção e divulgação desta música no Estado, assim como dos frequentadores dos locais onde se ouve e se dança o ritmo do reggae, visando-se também com estas, destacar como têm sido processadas as relações políticas, econômicas e sociais no cenário regueiro maranhense a partir de uma análise de opiniões e dados coletados.

No cenário regueiro maranhense atual, é possível afirmar que o reggae se manifesta de diferentes formas, atraindo diferentes públicos. Existe um movimento conduzido pelas bandas locais – que tocam principalmente o reggae em português direcionado, ao estilo chamado *roots reggae* – e o movimento das radiolas de reggae, predominantemente em inglês e que se subdivide em dois estilos, o *roots reggae* e o chamado *reggae eletrônico*.

Neste sentido, em função da maior facilidade de acesso ao público que tem preferência pelo estilo *roots* do reggae, as entrevistas foram realizadas com pessoas que têm o hábito de frequentar os locais onde este é tocado, além de algumas pessoas vinculadas à produção do ritmo no Maranhão.

Deste modo, as abordagens feitas neste trabalho estão divididas em três capítulos, além destas ideias introdutórias e das considerações finais. O primeiro capítulo trata das possibilidades de se estudar a música regueira no contexto da Nova História Política, também chamada de História Cultural do Político, visto que ela focaliza as análises sobre as influências dos aspectos do campo político sobre os objetos culturais e chama a atenção para a necessidade de realização de estudos interdisciplinares para sua melhor compreensão. Busca-se também neste capítulo, associar tais aspectos a alguns dos conceitos comumente abordados

nesta Nova História Política, dentre eles, por exemplo, as noções de culturas políticas, poder e discurso.

O segundo capítulo direciona-se, principalmente, a um estudo das questões pertinentes aos aspectos de ordem econômico-culturais que se fazem presentes no cenário regueiro maranhense, possibilitando pensar acerca de alguns dos modos pelos quais tem sido utilizada a música regueira, contribuindo para uma significativa aquisição de lucros financeiros pelas partes que com ela trabalham direta ou indiretamente. São observadas também as possíveis relações sociais que têm sido construídas – algumas apresentando mudanças importantes como a atuação de mulheres dentro do reggae ao desempenhar trabalhos vinculados à produção do ritmo – e outras representando indícios de permanências quanto às discriminações que ainda se encontram neste cenário.

No terceiro capítulo, a última análise feita refere-se às relações estabelecidas na sociedade maranhense a partir da aproximação do reggae com a política, demonstrando o seu constante uso como instrumento capaz de contribuir para que sujeitos com ele envolvidos ascendam politicamente, valendo-se lembrar que existem muitos que já possuíam vínculos com a música regueira e depois se lançaram no meio político e existem também aqueles que fizeram o percurso contrário, pois já estavam dentro da política e em seguida, dela se aproximaram. Enfatiza-se também neste capítulo, as formas como o próprio público percebe esta aproximação e se ela estaria sendo, de algum modo, benéfica para algum segmento da população.

Pretende-se, assim com este trabalho, focalizar além dos mecanismos de produção e recepção, a apropriação do reggae por seus produtores e receptores – ambos que são construtores e reconstrutores de representações e práticas a partir das formas como são apropriadas – buscando-se perceber como se têm desenvolvido as relações nos âmbitos políticos, sociais e econômicos em torno deste ritmo, bem como o modo como vários segmentos na sociedade maranhense têm conseguido alcançar significativos lucros ou mesmo crescer dentro da política a partir do trabalho com a música regueira.

1 O REGGAE NA NOVA HISTÓRIA POLÍTICA

À semelhança do que vem sendo feito na historiografia brasileira – a partir das possibilidades surgidas com a Nova História Cultural – a historiografia maranhense tem aberto caminhos para pesquisas que abordam a análise de variados objetos como formas de manifestação cultural em uma sociedade. Um dos principais autores que exerceu forte influência nesses estudos foi E.P.Thompson que, segundo o autor Ronaldo Vainfas (1997), enfatizou as tradições das camadas populares enquanto meios de demonstração da capacidade destas em resistir aos poderes opressores na sociedade e para isso se utilizou de diversos tipos de fontes como sonhos, canções, jornais populares, panfletos, etc..

No Brasil, estudos partindo destes pressupostos de análise iniciaram desde fins da década de 1970 e principalmente nos anos 80, possibilitando a realização de mais pesquisas, como por exemplo, os trabalhos dos historiadores brasileiros João José Reis e Kátia Matoso que também analisaram as possíveis formas de resistência desenvolvidas pelos escravos contra o sistema a que estavam submetidos.

Outra influência de E.P.Thompson, apontada pelo autor Peter Burke (2005) foi em uma obra publicada pelo *Grupo de Estudos Subalternos*² cujo foco seria reescrever a história do movimento pela independência na Índia. Nesta obra, buscou-se vincular as noções de política e cultura a partir da análise das condições e atividades das chamadas classes subalternas, estudando-se para isto, tanto as obras de literatura como os documentos dados como oficiais.

Em relação a esta possível ligação existente entre política e cultura, assim coloca Burke (2005, p. 136): “O conceito de cultura política é uma expressão da necessidade de ligar os dois domínios, focalizando as atitudes ou noções políticas de diferentes grupos e as maneiras pelas quais essas atitudes são instiladas.”

O autor Serge Berstein é uma das principais referências dentro do meio historiográfico ao se pensar a respeito da cultura política e de sua importância para a historiografia. Em relação ao surgimento da cultura política, Berstein (1998) o coloca como algo decorrente de uma necessidade de explicação para os comportamentos políticos dos indivíduos na sociedade e que se encontra interligado aos problemas e crises surgidos em determinado momento histórico.

² Conforme o autor Peter Burke (2005), este grupo criado na Índia, sob liderança de Ranajit Guha, influenciou as discussões sobre abordagens subalternas, como ocorreu na Irlanda e também a criação de outros grupos de estudos subalternos, como por exemplo, na América Latina.

Tendo em vista que são vários e diferentes estes momentos e acontecimentos históricos em uma sociedade, surge portanto, ainda segundo Berstein (1998), a possibilidade de se falar na existência de várias culturas políticas que podem também interagir umas com as outras e modificar-se, caracterizando-se como um fenômeno evolutivo capaz de oferecer respostas às situações ocorridas.

Deste modo, assim coloca Berstein (1998, p.355):

A complexidade do fenômeno implica que o seu nascimento não poderia ser fortuito ou acidental, mas que corresponde às respostas dadas a uma sociedade face aos grandes problemas e às grandes crises da sua história, respostas com fundamento bastante para que se inscrevam na duração e atravessem as gerações. [...] A cultura política assim elaborada e difundida, à escala das gerações não é de forma alguma um fenômeno imóvel. É um corpo vivo que continua a evoluir, que se alimenta e se enriquece com múltiplas contribuições, as das outras culturas políticas quando elas parecem trazer boas respostas aos problemas do momento, os da evolução da conjuntura que inflecte as ideias e os temas, não podendo nenhuma cultura política sobreviver a prazo a uma contradição demasiado forte com as realidades.

Além de se constituir como um fenômeno evolutivo, a cultura política, de acordo com Serge Berstein (1998), também representa um importante fenômeno de dimensão coletiva, sendo este exatamente um dos aspectos que mais interessa à historiografia, pois permite que seja feita uma compreensão de grupos estruturados em torno de uma cultura e que posteriormente poderão criar novos comportamentos diante dos novos acontecimentos.

Levando em consideração que este conceito de cultura política se refere a um conjunto de elementos através dos quais é possível refletir acerca das motivações que influenciam as atitudes dos indivíduos na sociedade, e neste caso, mais especificamente, nas atitudes destes em relação aos aspectos políticos, Berstein (1998, p. 363) enfatiza a importância do estudo da cultura política na historiografia e assim destaca:

No centro da nova atenção dada doravante pelos historiadores ao fenômeno cultural, a cultura política ocupa pois um lugar particular. Ela é apenas um dos elementos da cultura de uma sociedade, o que diz respeito aos fenômenos políticos. Mas, ao mesmo tempo, revela um dos interesses mais importantes da história cultural, o de compreender as motivações dos actos dos homens num momento da sua história, por referência ao sistema de valores, de normas, de crenças que partilham, em função da sua leitura do passado, das suas aspirações para o futuro, das suas representações da sociedade, do lugar que nele têm e da imagem que têm da felicidade.

Outro ponto em que se destacou Serge Berstein foi quanto aos estudos que enfatizaram a aproximação entre História e outras áreas do conhecimento e em relação a isto, ele coloca o conceito de cultura política como um dos principais pontos de vinculação entre as várias disciplinas. Para Berstein (1992 apud FERREIRA, 1992, p.267):

A cultura política é uma chave. Ela introduz a diversidade, o social, ritos, símbolos, lá onde se acredita que reina o partido, a instituição, o imutável. Ela permite sondar os rins e os corações dos atores políticos. Seu estudo é mais que enriquecedor, é indispensável.

Em relação a esta questão da interdisciplinaridade, o autor Francisco Falcon (1997) afirma que a partir da década de 1970, a Sociologia e a Antropologia foram áreas que mantiveram bastante contato com a História, ampliando as noções de poder e política na historiografia e permitindo que estas se aproximassem cada vez mais das noções de representações sociais e práticas sociais. Deste modo, assim coloca Falcon (1997, p.76):

O estudo do político vai compreender a partir daí não mais apenas a política em seu sentido tradicional, mas em nível das representações sociais ou coletivas, os imaginários sociais, a memória ou memórias coletivas, as mentalidades, bem como as diversas práticas discursivas.

Observa-se, então, o quanto tem sido possível e importante esta associação entre os vários campos de estudo, enfatizando-se neste caso a relação entre política e cultura, tendo em vista que isto permite desenvolver mais questionamentos aos diversos tipos de fontes e objetos culturais, na tentativa de se perceber alguns dos modos pelos quais estes são utilizados na sociedade e como podem ser construídas as práticas e representações por meio destes usos.

É preciso destacar também que, na medida em que este trabalho tem como uma de suas pretensões analisar alguns dos modos de comportamento político em torno da música regueira – considerando-a como uma das formas de manifestação cultural no Maranhão – bem como o modo pelo qual têm se processado determinadas relações entre os produtores e receptores deste objeto cultural, nota-se a importância de buscar inicialmente estes apontamentos acerca dos conceitos de cultura política e de sua importância e contribuições dentro da historiografia.

Na sociedade maranhense tem sido possível observar determinadas práticas adotadas por aqueles que almejam o acesso aos cargos políticos utilizando-se de objetos culturais como, por exemplo, a música regueira como um dos meios de facilitar a obtenção de votos durante o processo eleitoral.

Com isto, cresce cada vez mais a presença de inúmeras pessoas ligadas ao reggae dentro do quadro de candidatos aos cargos a serem disputados. Ao mesmo tempo em que envolve pessoas que têm buscado este acesso ao poder político, há o envolvimento daqueles que, por intermédio de seus votos poderão, garantir ou não o êxito de seus candidatos nas eleições.

É possível pensar então que, atualmente, a manifestação do reggae no Maranhão também tem representado uma das formas de expressão da cultura política no Estado, já que vem agregando – ao longo destes 20 anos de maior aproximação entre o ritmo e a política – uma série de diferentes comportamentos dos indivíduos na sociedade, tanto daqueles vinculados à produção e divulgação da música regueira quanto daqueles que a recebem, interpretam e atribuem diferentes sentidos.

Retomando a questão do surgimento das culturas políticas, vale acrescentar também que este pode está associado – além dos problemas e crises originados em uma sociedade – aos interesses e necessidades surgidas nesta, causando modificações nas formas de agir e pensar dos indivíduos diante dos aspectos políticos, como no caso das práticas criadas em torno do reggae no Maranhão no que diz respeito ao seu uso como mecanismo facilitador para obtenção de lucros e também ascensão na política.

Desta forma, os estudos enfatizando aspectos do campo político e suas influências sobre os objetos culturais têm fortalecido e ampliado as abordagens feitas na História Cultural, podendo-se falar, segundo a autora Sandra Pesavento (2004), em uma História Cultural do Político – ou mesmo, Nova História Política – cujos principais focos seriam as discussões acerca da cultura política.

Quanto ao estudo da política dentro da História Cultural, assim afirma Pesavento (2004, p.75):

Neste ponto, cabe mostrar que a História Cultural não exclui a política de suas análises, como apontam alguns de seus críticos. Pelo contrário, o campo político tem demonstrado ser um dos mais ricos para o estudo das representações, com o que se pode mesmo afirmar que a História Cultural trouxe novos aportes ao político, colocando questões renovadoras e sugerindo novos objetos. Não seria demais falar em uma verdadeira renovação do político, trazida pela História Cultural.

O autor José D'Assunção Barros (2004) também fala sobre a aproximação e vinculação da História Cultural com a História Política e coloca que esta Nova História Política passou a se interessar por estudos direcionados a uma análise da noção de poder de um modo mais amplo, não apenas pensando na história dos importantes nomes do cenário político, mas também focalizando as massas anônimas, os micropoderes da vida cotidiana, as representações e relações políticas entre grupos sociais. Sobre estes novos interesses abordados ampliando-se a noção de poder, assim destaca Barros (2004, p.109):

Por outro lado, tal como já ressaltamos, hoje despertam um interesse análogo as relações interindividuais (micropoderes, relações de poder no interior da família, relacionamentos intergrupais), bem como o campo das representações políticas, dos símbolos, dos mitos políticos, do teatro do poder, ou do discurso, enfim. Em muitos destes âmbitos, são evidentes as interfaces da História Política com outros campos historiográficos, como a História Cultural, a História Econômica, ou sobretudo, a História Social.

Deste modo, ainda de acordo com José D'Assunção Barros (2005), em seu artigo *História Política, Discurso e Imaginário: aspectos de uma interface*, o poder passa a ser trabalhado também, sob o ponto de vista das possíveis relações originadas a partir dele. Diferente do que se fazia anteriormente, esta Nova História Política permitiu a abertura de mais caminhos de estudo, incluindo abordagens acerca de sujeitos que antes não eram retratados na história, além de dar maior atenção à noção de poder em suas diversas modalidades.

Segundo Barros (2005), a forte necessidade de ampliação do número e dos tipos de fontes tem contribuído significativamente para estes novos passos que vêm sendo dados pela História Política. Tanto as fontes escritas quanto às fontes orais podem ser observadas a partir da perspectiva de que elas possuem a capacidade de expressar relações de poder, estas que por sua vez, através dos discursos contidos nessas fontes, afetam e envolvem os produtores, os conteúdos produzidos e os receptores de tais conteúdos.

Em relação a estes discursos, Barros (2005) afirma também que o autor Michel Foucault, ao considerar os discursos produzidos por uma sociedade como elementos constituintes de uma realidade a ser estudada, trouxe uma importante contribuição no que diz respeito à mudança ou diversificação destas duas noções: *discurso* e *poder*, tendo em vista que este último passou a ser visto não mais apenas a partir de um discurso central, mas demonstrando-se estar presente sob variadas formas e atreladas a vários discursos na sociedade; as relações de poder não deveriam mais ser consideradas como algo centralizado em um determinado ponto, elas seriam dinâmicas e em constante interação com os discursos.

Assim coloca Barros (2005, p.136):

Estas noções fundamentais permitiram ainda uma verdadeira revolução na História Política, pois interligavam a percepção de que o Poder não tem um centro único (isto é, não é apenas uma forma de repressão encaminhadas a partir dos mecanismos estatais a serviço de uma classe dominante) e a idéia de que este Poder, que está por toda a parte, inclusive sob a forma de micropoderes, aparece entranhado em diversas outras relações que coexistem no mundo humano: a família, a sexualidade, o amor, o parentesco, a produção, a comunicação através do uso da língua. Por isso, as relações poderiam ser estudadas por meio de todos esses discursos que vão do discurso amoroso e da sexualidade às relações expressas no seio da família ou no âmbito da produção.

Neste sentido, os discursos passam a se apresentar como as próprias relações de poder que se expressam nos embates políticos e que se fazem presentes também em vários elementos em uma sociedade, como por exemplo, nas suas manifestações culturais nas quais é possível observar a existência de diferentes mecanismos de apropriação por parte dos seus produtores e receptores, influenciando nos modos como passam a ser percebidas dentro desta sociedade.

Mediante estas considerações, crescem também as possibilidades de pensar a música regueira enquanto objeto de estudo, analisando-a não apenas como ritmo contagiante e envolvente (o que de fato representa para vários segmentos da população), ou por se constituir como música de contestação e protesto às realidades da sociedade, expressando romantismo, fé e servindo como meio de identificação cultural, mas também por vir representando uma forma de obtenção de lucro ou mesmo ascensão no campo político para muitos agentes envolvidos com o ritmo.

De acordo com Napolitano (2005), a música tem a propriedade de ser observada sob aspectos que podem ir além da questão de sua musicalidade, adentrando os campos do social, político e econômico e, desta forma, podendo ser estudada em várias áreas de pesquisa paralelamente. Em relação a essa tendência multidisciplinar na qual os estudos sobre música – assim como outros elementos culturais – encontram-se inseridos, assim destaca Napolitano (2005, pp.110-111):

Mais do que uma história da música por si e em si, a tendência atual, perceptível nos congressos de musicologia e de estudos musicais, é a articulação entre história da cultura e história da música [...] Não porque acredito na “neutralidade” do historiador, mas porque o excesso de juízo de valor geralmente cega o analista para os inúmeros aspectos que se escondem atrás de um documento musical, que vão além da complexidade ou da mediocridade puramente estética [...] enfatizo que a música esconde níveis de realização social, tais como a criação artística, a produção sonora, a circulação econômica, a recepção comercial e a crítica. A história cultural da música é formada por todos estes níveis.

A partir desses espaços criados permitindo pensar um mesmo objeto sob variados pontos de análise, torna-se possível perceber que o reggae também está inserido neste quadro de objetos culturais cuja utilização pode estar relacionada (dentre outros sentidos atribuídos) à satisfação de interesses individuais capazes de proporcionar determinados prestígios políticos e/ou econômicos construindo assim, novas relações dentro do próprio cenário regueiro maranhense.

De acordo com as abordagens propostas por esta História Cultural do Político ou Nova História Política, focalizando-se as culturas políticas, a ampliação nas noções de

discurso e poder e a interdisciplinaridade de várias áreas do conhecimento, abrem-se os caminhos para reflexões sobre a música regueira também sob este aspecto que relaciona práticas políticas, práticas econômicas e objetos culturais.

É neste sentido que têm sido desenvolvidos mais estudos focalizando as manifestações que fazem parte da cultura de uma sociedade como, por exemplo, o reggae, chamando ainda mais a atenção dos pesquisadores tanto no campo historiográfico como em outras áreas afins que contribuem para dar suporte à pesquisa historiográfica.

O sociólogo Carlos Benedito Rodrigues da Silva, por exemplo, é um dos principais autores nos estudos sobre o reggae no Maranhão e em sua obra *Da terra das primaveras à ilha do amor: reggae, lazer e identidade cultural* (1995) retrata sobretudo, o ritmo do reggae enquanto um possível objeto construtor de identidade cultural na sociedade além de representar uma das principais opções de lazer escolhida por vários segmentos desta.

Em seu outro trabalho, *Ritmos da identidade: mestiçagens e sincretismos na cultura do Maranhão*, Carlos Benedito Rodrigues da Silva (2001) aborda dentre outros pontos, alguns movimentos étnicos e sociais da juventude maranhense e o próprio reggae, adotado – paralelamente a estes movimentos – como uma forma de expressão cultural.

Também na área de Ciências Sociais, o trabalho *Que reggae é esse que jamaicanizou a “Atenas Brasileira”* de Karla Cristina Ferro Freire (2010), faz um estudo acerca de como tem ocorrido a diversificação do reggae em São Luís apontando desde elementos dos aspectos históricos do ritmo no Estado até questões relacionadas à produção, ao consumo, às formas de midiaticização do reggae e às tentativas de transformá-lo em produto turístico.

Outro importante aspecto da manifestação regueira foi destacado no trabalho *Reggae em São Luís: um estudo sobre o ritmo como elemento de atratividade turística* da turismóloga Alessandra dos Santos Ribeiro (1998), onde esta analisou o ritmo do reggae enquanto elemento utilizado como atrativo turístico, já que, segundo a autora, ele desperta o interesse de pessoas de diferentes locais para conhecê-lo tanto por uma curiosidade acerca dos seus embalos sonoros quanto por seu aspecto político-social.

Na área de administração, o trabalho *Produção e consumo do reggae das radiolas em São Luís-MA: significados, simbolismos e aspectos mercadológicos* de Fábio Abreu Santos (2009), direcionou-se a uma análise das possíveis relações de produção e consumo, proporcionadas a partir dos movimentos das radiolas de reggae em São Luís, buscando identificar alguns dos aspectos mercadológicos que se fazem presentes em torno da produção

musical das radiolas e quais poderiam ser suas influências na manifestação do ritmo no Maranhão.

Dentro do meio historiográfico foi desenvolvido o estudo *A trajetória do reggae em São Luís* de Ana Lúcia Ribeiro Pereira (2003), no qual foram tratados principalmente alguns elementos sobre a história do ritmo em São Luís e sobre o modo como ele foi sendo incorporado por segmentos da população ludovicense, apesar das fortes repressões e discriminações em torno dessa manifestação.

Ainda dentro da historiografia maranhense, como já foi citado, realizou-se um trabalho intitulado *No embalo das canções: um estudo sobre a música regueira no Maranhão (1980-2006)*, no qual foi feita uma análise de suas canções, abordando a relação possível de ser traçada entre musicalidade, letra e contexto. Neste enfatizou-se também a interação das noções de práticas e representações presentes na manifestação regueira, além de algumas das possíveis formas de produção e recepção deste objeto cultural, chamando-se a atenção para a possibilidade de variadas leituras e interpretações a que este, assim como outros objetos, podem estar submetidos, sem, contudo, pensá-las como únicas, verdadeiras ou imutáveis.

Além destas noções de práticas e representações e encontrando-se também vinculada a estas destaca-se a noção de *apropriação*, que de acordo com Roger Chartier (1988) seria o uso de discursos que influenciam no modo como os receptores passam a pensar e perceber os objetos culturais.

Este conceito também se enquadra no estudo sobre a música regueira já que é possível relacioná-lo a uma análise sobre os aspectos econômicos e políticos presentes no cenário regueiro maranhense, destacando-se o caráter de lucratividade que o reggae tem para oferecer, a quem está oferecendo e por quais motivos, ou seja, refletindo-se acerca de que elementos podem influenciar na produção e recepção do reggae, de acordo com os modos como são utilizados ou apropriados por seus produtores e receptores.

Como exemplo da presença deste conceito na manifestação regueira, é possível observar a prática de monopolização de discos de reggae visando manter a exclusividade das canções que eram trazidas de fora e aqui chegavam como raridades. Os proprietários de radiola possuíam desse modo, um certo controle sobre as músicas e sobre a forma como esta chegaria ao público.

Relacionando os conceitos de representação e práticas do cotidiano ao modo como estas são manipuladas ou utilizadas na sociedade, assim coloca o autor Certeau (2007, p.40):

A presença e a circulação de uma representação (ensinada como o código da promoção sócio-econômica por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam. Só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização.

Com base nestas ideias, é interessante perceber então, a necessidade de refletir a respeito do modo pelo qual algumas pessoas vinculadas à manifestação regueira no Estado – que não necessariamente seus produtores diretos, mas intermediários na produção e divulgação do ritmo – podem estar se utilizando desta, contribuindo para criação de novas práticas, representações e causando diferentes formas de recepção dentro do próprio público regueiro.

Ainda segundo Michel de Certeau, estas práticas de manipulação ou apropriação dos objetos em uma sociedade caracterizam o que ele denomina de *estratégias*, ou seja, as ações com capacidade de determinar as relações de forças presentes em torno de um objeto podendo influenciar nos modos como este pode ser percebido por seus receptores.

Além das estratégias, coexistem em uma sociedade as chamadas *táticas*, compreendidas por Certeau (2007) como as variadas práticas cotidianas desenvolvidas pelos indivíduos, como por exemplo, caminhar, falar, cozinhar, etc.. Enquanto as estratégias se relacionam às práticas utilizadas para se articular as forças que atuam no plano de estabelecimento das relações espaciais, as táticas se referem às práticas que atuam no plano das relações temporais, entendendo-se aqui, as relações espaciais como os lugares físicos ou teóricos onde o poder é manipulado e as relações temporais por sua vez, se constituem como os momentos que podem permitir a transformação de determinada situação ou da estrutura de um espaço.

Neste caso, tomando-se o reggae como objeto de estudo, é possível apontar como estratégias as atitudes que visam, de certo modo, a manipulação das formas de produção e divulgação da música regueira no espaço maranhense por parte de seus produtores e as táticas seriam as práticas desenvolvidas por seus receptores, podendo-se incluir os atos de ir às festas nos salões e clubes de reggae, assistir aos programas pela televisão ou ouvi-los pela radio, ou ainda no ato eleitoral, escolher um candidato de alguma forma vinculado ao ritmo, podendo gerar algum tipo de alteração na organização sócio-política do Estado.

Considerando-se também como estratégias, segundo Certeau (2007), os movimentos retóricos, ou seja, os “modos de falar” e as táticas como astúcias práticas, ou mais precisamente, os “modos de fazer” dos indivíduos, dentro do contexto do reggae no Maranhão, as atitudes direcionadas ao alcance de votos – como por exemplo, os discursos

empregados em propagandas ou comícios – caracterizam-se como estratégias utilizadas por aqueles que se colocam como candidatos à disputa de cargos políticos ou que de algum modo, trabalham em favor disto; as táticas se caracterizam como as ações dos indivíduos relativas à possibilidade de escolha dos candidatos durante o processo eleitoral.

Desta forma, na tentativa de desenvolver um estudo direcionado a uma análise sobre as questões econômicas, sociais e políticas presentes no cenário regueiro maranhense é preciso destacar a necessidade de se perceber os modos como a música vem sendo apropriada e quais os mecanismos utilizados por seus produtores. Na busca por um melhor entendimento destas questões, tornam-se relevantes também os estudos do autor Michel Foucault que enfatizou bastante as abordagens acerca da noção de poder e as formas como este tem se manifestado na sociedade.

Buscando associar em seus estudos as noções de poder, direito e verdade, Michel Foucault (2000) chama a atenção para a necessidade de refletir a respeito de como as relações de poder utilizam as regras de direito para construir discursos de verdade aos quais os indivíduos encontram-se submetidos. Em outras palavras, as formas como os indivíduos vivem na sociedade (como agem, pensam ou mesmo como são percebidos nela) estão condicionadas às ideias ou discursos tidos como verdadeiros e presentes na realidade em torno desses indivíduos; por sua vez, tais ideias ou discursos estão vinculados ao poder estabelecido e àquilo que ele precisa produzir.

Assim afirma Foucault (2000, p.29):

[...] somos forçados a produzir a verdade pelo poder que exige essa verdade e que necessita dela para funcionar; temos de dizer a verdade, somos coagidos, somos condenados a confessar a verdade ou a encontrá-la. O poder não pára de questionar, de nos questionar; não para de inquirir, de registrar; ele institucionaliza a busca da verdade, ele a profissionaliza, ele a recompensa. Temos de produzir a verdade como, afinal de contas, temos de produzir riquezas. E de outro lado, somos igualmente submetidos à verdade, no sentido de que a verdade é a norma; é o discurso verdadeiro que, ao menos em parte, decide; ele veicula, ele próprio propulsa efeitos de poder. Afinal de contas, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a tarefas, destinados a uma certa maneira de viver ou a uma certa maneira de morrer, em função de discursos verdadeiros, que trazem consigo efeitos específicos de poder.

Também no que diz respeito a este forte condicionamento às formas de poder estabelecidas, às quais estão sujeitas as variadas práticas em uma sociedade, assim destaca Chartier (2001, p.236):

[...] não existe produção ou prática cultural que não se fundamente em materiais impostos pela tradição, pela autoridade ou pelo mercado e que não esteja sujeita à supervisão e à censura por parte daqueles que detêm o poder sobre as palavras ou os gestos. Assim, uma suposta espontaneidade “popular” não pode simplesmente opor-

se às coerções impostas pelas autoridades; o que se deve reconhecer é de que modo as liberdades, que são sempre reprimidas (por convenções, códigos e coerções), e as disciplinas, que são sempre perturbadas, articulam-se entre si.

Em relação à manifestação do reggae na sociedade maranhense, nota-se que tem sido comum nas propagandas políticas eleitorais o uso de discursos que visam convencer os eleitores sobre os motivos pelos quais se teria a necessidade de colocar no poder pessoas vinculadas ao ritmo, sustentando-se a ideia de que estes representantes seriam capazes de oferecer meios que favoreçam ainda mais o crescimento e reconhecimento do reggae no Estado e ao mesmo tempo trazer benefícios ao público, por exemplo, quanto aos locais das festas por ele frequentados.

Tais argumentos podem contribuir para que boa parte do público sinta-se incentivado a dar o seu voto a um candidato que, de algum modo, esteja interligado ao reggae, demonstrando-se assim, como os discursos podem influenciar no estabelecimento de relações de poder em uma sociedade através do uso de vários objetos culturais de significativa importância para muitos de seus indivíduos.

Foucault (2000) destaca ainda que é preciso analisar não apenas as formas centrais, regulamentadas e legítimas do poder, mas também a presença deste em suas extremidades, já que segundo este autor, o poder não se constitui como algo estático, mas sim dinâmico, capaz de transitar pelos próprios indivíduos, caracterizando-os ao mesmo tempo como intermediários e/ou consequentes deste poder.

Assim, Michel Foucault (2000) além de levar em consideração a importância de se perceber que o poder também se manifesta nas extremidades de uma sociedade, sugere uma análise do poder em sua relação direta com o seu objeto, alvo ou campo de aplicação, pensando a respeito de como as coisas ocorrem de modo a influenciar nos comportamentos dos indivíduos, nos quais o poder também circula. Para Foucault (2000, p.35): *“O indivíduo é um efeito do poder e é, ao mesmo tempo, na medida em que é um efeito seu, seu intermediário: o poder transita pelo indivíduo que ele constituiu.”*

Diante destes apontamentos, em relação à manifestação regueira e direcionando-se o olhar para os aspectos políticos que a envolvem, é possível considerar a existência do poder, tanto na parte da produção e divulgação da música regueira – ou seja, nos agentes interligados às formas como o ritmo chegará ao público – quanto na parte relativa à recepção desta, na medida em que o público (nesse sentido também entendido dentro desse contexto de recepção cultural), além de demonstrar se constituir como consequência deste poder, representa também um elemento intermediário do mesmo, através da capacidade que tem de

conseguir eleger alguém vinculado ao ritmo regueiro para um cargo político, seguindo motivações individuais ou coletivas.

Assim como propõe o autor Michel Foucault (2000), pensando aspectos da dominação da classe burguesa e destacando a necessidade de estudar os modos pelos quais os mecanismos de poder e controle se tornaram meios de obtenção de lucro e poder político, esta pesquisa sobre o reggae volta-se também para uma busca por trabalhar sob este ponto de análise, refletindo acerca de como este ritmo tem sido utilizado como instrumento capaz de possibilitar o crescimento político e a obtenção de lucros para determinados agentes na sociedade maranhense.

Assim coloca o autor Michel Foucault (2000, p.38):

Parece-me que o que se deve fazer é o inverso, ou seja, ver como historicamente, partindo de baixo, os mecanismos de controle puderam intervir no tocante à exclusão da loucura, à repressão, à proibição da sexualidade (...) como esses mecanismos de poder, em um dado momento, numa conjuntura precisa, e mediante certo número de transformações, começaram a tornar-se economicamente lucrativos e politicamente úteis.

Neste sentido, este autor chama a atenção para o fato de que, os principais interesses da burguesia, nas tentativas de extinguir a loucura ou reprimir e proibir a sexualidade infantil, não estariam centralizados nestes elementos – loucos ou sexualidade – mas nas técnicas ou meios utilizados para se concretizar tais processos, pensando-se nas possibilidades rentáveis que seriam geradas a partir disso diante do quadro político-econômico vivenciado naquele momento.

Em muitas circunstâncias nota-se também que, dentre as relações que envolvem a manifestação do reggae em São Luís, existem estas que se constroem muito mais a partir de interesses em benefícios próprios do que em ações que possam contribuir com melhorias para o próprio público. Para além do gosto pelo ritmo, pela produção e divulgação em si, existe também uma série de vantagens de âmbito político e econômico a serem alcançados com o mesmo.

É preciso pensar inicialmente que a chegada do reggae a São Luís se deu por volta da década de 1970 e segundo afirmam alguns autores como Silva (2001) e Brasil (2006), existem várias versões que tentam explicá-la como por exemplo a de que teria sido através das captações sonoras de ondas baixas de rádios amadores ou através do contato com as músicas caribenhas adquiridas pelos paraenses ou ainda através dos discos que algumas prostitutas do porto recebiam de presente ou como forma de pagamento.

Nesses primeiros momentos, o reggae fazia parte do cotidiano de alguns poucos segmentos da sociedade, já que nos locais onde o ritmo costumava tocar, predominava a população negra ou de baixa renda sofrendo durante um bom tempo várias formas de repressão e discriminação, tanto em relação aos frequentadores dessas festas quanto também à questão de considerá-lo ou não como parte integrante da cultura maranhense.

A música regueira, assim como os outros ritmos de então, eram tocados pelas radiolas que, com o passar do tempo adquiriram grande importância, crescendo no cenário regueiro em número e em qualidade e passando a se constituir como significativa fonte de renda para seus proprietários e discotecários, na medida em que um dos principais modos para conseguir um bom público nessas festas era justamente o fato de obter discos que só tocariam naquela radiola que os possuísse, realizando-se assim altíssimos investimentos na comercialização destes.

Tais fatores incentivavam uma forte busca pela exclusividade das canções – prática muito comum também na Jamaica – e isto conseqüentemente gerava uma certa rivalidade e competitividade entre os donos das radiolas, levando-os a fazer o que eles chamam de *carimbar* a música, ou seja, colocar um prefixo na música com o nome da radiola ou do discotecário para que não fossem reproduzidas por outras radiolas.

É possível relacionar este ato a um dos conceitos bastante enfatizados dentro da História Cultural, a *apropriação* de objetos culturais e neste caso, a apropriação da música regueira por parte dos proprietários de radiola e discotecários, que acabam de certa forma, detendo em suas mãos o controle da produção e divulgação das músicas e também prejudicando a recepção destas pelo público já que deste modo, dificulta-se o acesso a maiores possibilidades ou variedades dos objetos culturais, limitando sua visão e pensamento sobre os mesmos.

Chartier (2001, pp.232-233) é um dos autores que destaca a noção de apropriação relacionando-a com as diferentes formas de recepção que ela pode proporcionar e assim afirma:

Um conceito que nos parece útil aqui é o da apropriação, pois compreendida em termos mais sociológicos do que fenomenológicos, a noção de apropriação torna possível avaliar as diferenças na partilha cultural, na invenção criativa que se encontra no âmago do processo de recepção. Uma sociologia retrospectiva, que há muito tempo vem fazendo da distribuição desigual dos objetos o critério básico da hierarquia cultural, deve ser substituída por uma abordagem diferente, que chame atenção para os usos diferentes e opostos dos mesmos bens, dos mesmos textos e das mesmas idéias.

Dessa forma, a partir da década de 1980 as radiolas se tornaram um dos principais elementos da difusão da manifestação regueira em São Luís, tendo em vista as possibilidades lucrativas que passaram a representar para seus donos e que também começaram a investir nas estruturas das aparelhagens utilizadas para que pudessem disputar com as demais e dar maior movimentação ao mercado de radiolas e às festas de reggae por elas produzidas.

A respeito destas questões, assim coloca Santos (2009, p.149):

[...] as radiolas, enquanto produtos da cultura reggae na cidade, transcenderam o fato de serem apontadas apenas como veículos midiáticos, passaram a serem vistas como empresas que precisam administrar demandas e desenvolver vínculos duradouros e lucrativos com os consumidores de seus produtos. Nesse contexto, verificou-se, de acordo com o que foi apresentado nesse item, os constantes e crescentes investimentos nas aparelhagens e na própria marca para maximizarem a percepção de qualidade da sua radiola e sua conseqüente valorização e reconhecimento pelo regueiro.

Além do crescimento das radiolas, em quantidade e estrutura, conquistando cada vez mais espaço na mídia e no gosto popular, aos poucos o reggae atingiu as demais camadas da sociedade e para isso também contribuiu consideravelmente a criação dos programas de rádio específicos para música regueira, na medida em que estes incentivavam também pessoas de classes sociais mais favorecidas economicamente a percebê-la de modo diferente e a começar a frequentar as festas nos clubes e salões.

Se de um lado, inicialmente, os programas permitiam que os regueiros tivessem de certa forma, um melhor acesso ao conteúdo político do reggae, das canções (tanto por seu ritmo cativante quanto pelas mensagens que traziam), por outro lado, apesar de serem de grande utilidade para os donos de radiola – no sentido de promover maior divulgação das festas e aumentar significativamente o público nestas – estes pouco direcionavam a atenção à busca pela conscientização política do regueiro, voltando-se, sobretudo, aos grandes lucros possíveis de ser obtidos através das programações de rádio.

Interesses à parte, o que se pode destacar é que os programas de rádio sobre música regueira em muito influenciaram na redução do preconceito quanto ao reggae, já que serviram como meio capaz de despertar o gosto pelo ritmo e conteúdo, também em pessoas da classe média e contribuindo para que as festas não mais fossem frequentadas apenas por negros ou pessoas de baixa renda.

Aos poucos, os programas de reggae ganharam espaço nos canais de televisão, sendo também patrocinados pelos proprietários de radiola que construíram deste modo, mais uma forma de divulgação de suas festas e aumento na disputa por maior público nestas.

Além de se direcionarem principalmente a informar os locais e horários das festas, assim como fazem os programas de rádio, outro fator importante a ser destacado é que os programas de televisão têm representado um alto custo para os donos de radiola, pois são cobrados altos preços para se ter alguns momentos de atuação na mídia televisiva que é um dos principais veículos da comunicação. Sendo assim, nem todos os proprietários de radiola conseguem ter espaço na televisão, ficando algo restrito, sobretudo, àqueles que já possuem um maior capital para esses investimentos.

Assim destaca Santos (2009, p.149) a respeito dos principais objetivos dos programas de televisão sobre reggae:

Assistindo aos programas, com os olhos de pesquisador, verificou-se que assim como os programas de rádio, os de televisão também são arrendados a proprietários das radiolas e tem por objetivo gerar lucro, e portanto seguem a mesma linha dos programas de rádio, só que agora utilizando as imagens dos eventos, o que aumenta a visibilidade do produto das radiolas, ou seja, suas festas e sua sequência musical.

Em paralelo a essa significativa adesão de mais segmentos populacionais ao ritmo regueiro, proporcionada por estes programas de rádio e televisão, tem sido notório o envolvimento de várias pessoas com o reggae, utilizando-o também como instrumento facilitador de ascensão no âmbito político, possibilitando assim, de certo modo, que se possa perceber a manifestação regueira através de um diferente olhar, ainda que possam ser observadas “segundas intenções” por trás disso.

Dentro do quadro de nomes de pessoas envolvidas com o reggae que têm buscado adquirir, alguns que já obtiveram ou que obtêm atualmente cargos políticos é possível apontar Pinto da Itamaraty, Ferreirinha, Naty Nayfson (donos de radiola), Ademar Danilo (locutor e jornalista), dentre outros mais que mantêm vínculos diretos ou indiretos com ritmo que neste caso, demonstra-se como elemento cultural em torno do qual se constroem inúmeras relações de interesses econômicos e políticos.

Desta forma, busca-se exemplificar, nesse contexto do cenário regueiro maranhense, a interligação existente entre política, economia e cultura onde algumas das formas de utilização desta última tornam perceptíveis as possíveis representações políticas criadas, bem como suas influências sobre seus receptores.

Quanto a esta questão da vinculação entre cultura e política, assim também destaca Barros (2011, p.58):

A Cultura, desta forma, pode surgir como resposta eficaz ao “fato político” de modo que a interpenetração do cultural e do político na análise historiográfica mostra-se cada vez mais necessária para a compreensão de certos objetos históricos de uma nova perspectiva, mais rica e mais complexa.

A partir destes aspectos citados, é possível notar a importância de se pensar alguns dos modos como a música regueira vem sendo apropriada na sociedade maranhense, quais os mecanismos que vêm sendo utilizados por seus produtores, com que intuito o fazem, quem são os beneficiados, quem não tem conseguido se beneficiar e como o próprio público regueiro tem analisado tais elementos.

Assim, torna-se necessário direcionar os estudos para uma análise acerca de como se têm processado as relações de produção e recepção cultural condicionadas às formas como tem sido apropriada a música regueira no Maranhão, destacando os aspectos políticos e econômicos presentes nela e abordando o possível caráter de lucratividade e mesmo ascensão política que o reggae tem para oferecer, a quem está oferecendo e por quais motivos.

Evidencia-se, através destas considerações, o modo como a História Cultural se encontra vinculada às demais áreas do conhecimento, abrangendo inclusive, assuntos relativos aos aspectos políticos e econômicas e tornando maiores as possibilidades de estudo sobre diversos objetos culturais.

Assim afirma Barros (2011, p.60):

A História Cultural, enfim, tem permitido precisamente o estabelecimento de um novo olhar sobre objetos que habitualmente têm sido beneficiados por um tratamento historiográfico econômico, político ou demográfico. Sua expansão, por conseguinte, vai muito além dos objetos e processos habitualmente tidos por culturais, de modo que é sempre oportuno enfatizar como a História Cultural tem se oferecido cada vez mais como campo historiográfico aberto a novas conexões com outras modalidades historiográficas e campos de saber, ao mesmo tempo em que tem proporcionado aos historiadores um rico espaço para a formulação conceitual.

É, portanto, neste ponto de entrelaçamento da História Cultural com elementos abordados em várias outras ramificações da História que se torna possível inserir mais esta perspectiva de estudo a respeito da manifestação regueira no Maranhão, visando percebê-la a partir de sua capacidade de vinculação com as relações políticas que se constroem no Estado e em consequência disto, seus prováveis reflexos sobre o público.

2 A MÚSICA REGUEIRA: encanto e lucro

Ao se propor um estudo sobre algum tipo de manifestação cultural de uma sociedade é preciso estar atento aos fatores de natureza econômica e política que podem envolvê-la e possibilitar o surgimento de novas formas de produção e divulgação, influenciando também consideravelmente nos variados modos como esta poderá ser percebida por seus receptores. Em outras palavras, é possível afirmar que a relação entre esses três pontos – produção, veiculação e recepção – está condicionada, dentre outros aspectos, àqueles ligados a questões econômicas e políticas.

A música regueira também se encontra cada vez mais inserida nesse contexto marcado por forte vinculação entre cultura, economia e política contribuindo para a construção de diversas relações dentro da sociedade maranhense no que diz respeito aos modos pelos quais passa a ser vista e utilizada, tanto por seus agentes produtores quanto por seu diversificado público que a recebe.

Desta forma e ainda diante das possibilidades de realização de estudos interdisciplinares no meio historiográfico, pensar a influência dos aspectos econômicos sobre os objetos culturais se faz importante e necessário na medida em que tem crescido significativamente o direcionamento das práticas culturais ao atendimento de um mercado consumidor que requer uma produção em série, obedecendo a certos padrões, aos moldes da chamada indústria cultural.

A respeito desta ligação entre a cultura e o mercado consumidor, assim coloca Coelho (1985, p.11):

Nesse quadro, também a cultura – feita em série, industrialmente, para o grande número – passa a ser vista não como instrumento de crítica e conhecimento, mas como produto trocável por dinheiro e que deve ser consumido como se consome qualquer outra coisa. E produto feito de acordo com as normas gerais em vigor: produto padronizado, como uma espécie de kit para montar, um tipo de pré-confeção para manter as necessidades e gostos médios de um público que não tem tempo de questionar o que consome.

Neste segundo capítulo serão retratadas, portanto, sobretudo estas questões relativas aos aspectos econômico-culturais que também perfazem o cenário regueiro maranhense e que contribuem na construção ou reconstrução de relações sociais marcadas por olhares e comportamentos de permanências e/ou mudanças como, por exemplo, quando se pensa a respeito das discriminações ainda existentes ou da presença feminina dentro do espaço da manifestação regueira.

2.1 O reggae no mercado econômico

Como já foi citado anteriormente, o reggae no Maranhão foi difundido através das radiolas que passaram por um importante processo de expansão a partir da década de 1980, representando uma das principais fontes de atração para o público regueiro, fascinado por dançar e ouvir mais de perto e em bom som suas músicas preferidas.

Com o intuito de garantir em suas festas o maior número de regueiros possível, os proprietários dessas radiolas faziam e ainda fazem altos investimentos nessas estruturas, visando atingir um significativo retorno financeiro, desde que consigam garantir a conquista de um público que pode se tornar, de certo modo, fiel àquela radiola porque dificilmente as músicas de que mais gostam serão tocadas em outras radiolas devido à questão da exclusividade das canções – muito presente no cenário regueiro maranhense por mais que hoje se manifeste de modos diferentes.

A intensa procura pela manutenção da exclusividade das canções e também pela qualidade do som nas festas fortalece o clima de disputa entre as radiolas e isso é algo que já acontece há um bom tempo com o reggae. Em matéria publicada no jornal *O Estado do Maranhão*, em 1995, já se comentava essa forte competitividade nesse mercado:

Festa de reggae que se preze tem que ter por excelência uma radiola boa, de preferência com milhares de watts e uma discoteca fantástica com um número variado de “pedras”. O clube? Nada de luxo. Apenas o espaço para dançar agarradinho ou ensaiar alguns passes, de preferência sobre a descontração de alguns copos de cerveja ou bebida quente. Pronto, o clima está formado. Mas para fomentar todo o clima festivo, grandes disputas de mercados existem atualmente pelos donos de radiolas e promotores de festa, que na maioria das vezes formam uma parceria que ao final de cada semana lhes proporciona bons dividendos. (MOSCOSO, 1995, p.14)

Nota-se então que, apesar de não ser recente esta questão de obtenção de lucros com o reggae no Maranhão, tem havido algumas alterações nas formas de consegui-los, já que antes para se manter a exclusividade das canções eram comuns viagens para outros países a fim de conseguir músicas que só tocariam nas festas da radiola que as possuíam e por isso a prática de “carimbá-las” ou “queimá-las” com o prefixo do nome do dj ou da radiola, evitando que outros também a tocassem. Hoje, embora uma boa parte dos reggaes tocados nas festas das radiolas pode ser produzida aqui mesmo no Estado ou baixadas pela Internet, tais festas continuam sendo lucrativas para os seus donos porque o público ainda procura ir aos locais para ouvir determinadas músicas tocadas por estas, além de serem atraídas também pelos discotecários que lá estarão.

Quando se faz referência à exclusividade das canções regueiras, muitos acreditam que ela não exista mais no cenário maranhense, sobretudo em função das facilidades que a Internet e as mídias eletrônicas hoje oferecem no que diz respeito ao acesso a várias informações, inclusive músicas, cd's, etc.. Alguns dos entrevistados para esta pesquisa afirmaram que a exclusividade se mantém apenas enquanto o dj aparece pela primeira ou segunda vez com aquela música e que acaba servindo como meio para promovê-lo, sempre que o público demonstra forte apreço ao que foi apresentado.

Segundo o colecionador, dono de radiola e apresentador de programas de rádio Naty Nayfson³ – que já trabalha com o ritmo do reggae há mais de 30 anos e cuja radiola além de ter grande sucesso dentro do Maranhão, tem viajado para outros estados do Brasil – a exclusividade ainda existe, porém se manifestando de modos diferentes devido às formas de produção atuais nas quais compositores maranhenses são contratados para fazer músicas para exclusivamente para uma determinada radiola e que se faz de tudo para que fique somente com ela por um bom tempo.

Assim afirmou Nayfson:

A exclusividade sempre existiu e vai existir porque para a radiola se manter hoje ela tem que ter sua música exclusiva para o seguidor acompanhar ela. Houve uma mudança: já no finalzinho dos anos 90 para começo do ano 2000, aí entraram os eletrônicos aqui na ilha, porque eles já vinham de muito tempo, mas entrou com mais força; entrou por exemplo, a produção de Bill Campbell, aí de lá pra cá a gente foi consumindo essas músicas, a gente já deixou de viajar, eu pelo menos deixei, eu já fazia com eles, aí de um tempo pra cá, os maranhenses foram ganhando a experiência de fazer música jamaicana e foram gravando, e aí a gente não viaja mais, a gente produz aqui mesmo e compra aqui mesmo da mão deles, mas exclusiva pra poder manter a radiola [...] tem o risco de vazar, que já aconteceu várias vezes, mas aí é o seguinte: eu vou num estúdio, eu falo com Dub Brown ou outros cantores para gravar uma música exclusiva pra minha radiola, eu quero desse jeito assim, com esse ritmo aqui, então aquela música passa a ser exclusiva minha, da minha radiola e no momento que vaza é problema meu, se eu der pra outra pessoa, aí deixa de ser exclusividade, mas quando eles gravam, eles gravam exatamente para aquela radiola.

Quanto à questão da disputa entre as radiolas, mencionada na matéria publicada no jornal *O Estado do Maranhão*, anteriormente citada, para alguns frequentadores de festas de reggae, atualmente não se trataria mais de uma disputa entre os proprietários, mas sim uma espécie de acordo entre eles para não se tocar em suas festas determinados reggaes de outras radiolas. Assim afirmou D. Dulcilene⁴:

³ Entrevista realizada no dia 31 de julho de 2012 com Nayfson Henrique Santos, 49 anos, dono de radiola.

⁴ Entrevista realizada no dia 16 de julho de 2012 com Dulcilene Silva, 47 anos, funcionária pública estadual.

Ainda existe isso de ir a uma determinada festa onde você vai ouvir uma determinada música que só toca lá e às vezes pode tocar em outra radiola, mas é difícil... Por exemplo, tem muito reggae na Estrela que não toca na Naty Nayfson, na Black Power, mas é mais difícil; eu não sei se é um acordo que eles fazem porque todos são donos de radiola e é só um objetivo só, é o reggae, mas acho que tem mesmo é uma questão de respeito entre eles, e aí tem reggae que toca em uma radiola x que não toca em uma radiola y, é exclusividade. Mas eu acho que disputa não tem não.

A disputa a que o dono da radiola FM Naty Nayfson fez referência ocorre por exemplo, quando em uma festa são colocadas mais de uma radiola para tocar e cada uma delas tenta mostrar um repertório de músicas que mais agrade o público, incentivando-o a torcer por aquela radiola. Segundo Nayfson:

A disputa ainda existe sim, todas as vezes que você bota duas, três ou quatro radiolas pra tocar, mesmo que você não queira fazer uma disputa, acaba tendo porque cada uma acaba querendo apresentar uma música diferente da outra, eu quero ver a exclusiva que aquele outro não tem, eu tenho minha torcida aí vou apresentar o melhor da minha radiola... aí cada uma toca um tempo e chega um momento da festa em que eu boto uma, o outro bota outra e outro bota outra, aí vamos ver quem vai ser melhor, aí pra levantar a torcida, e quem ganha é o regueiro que vai.

É possível perceber então que ainda estão presentes esses dois pontos fortes da manifestação regueira no cenário maranhense – tanto a busca por uma exclusividade das canções e a competitividade entre as radiolas nas festas, ambas com o intuito de atrair para si o maior público possível – embora com características um pouco modificadas seguindo cada vez mais as tendências de um mercado consumidor que exerce influência na produção do reggae.

Desse modo, além de encantar inúmeras pessoas através do som produzido, as radiolas também representavam, desde meados da década de 1990, importantes fontes lucrativas para seus proprietários que, na prática, já se tornavam empresários na produção do reggae no Maranhão. Assim foi destacado nesta mesma edição no artigo *Reggae vira filão de negócios em São Luís do jornal O Estado do Maranhão em 1995*:

O reggae virou sinônimo de bons lucros no Maranhão, notadamente na capital. Quem possui uma radiola de reggae hoje independe dos altos e baixos da economia nacional. O regueiro economiza até o último real para frequentar pelo menos uma festa por semana. As grandes radiolas tocam apenas 2 ou 3 vezes por semana. Os donos já não frequentam todas as festas, possuem empregados que conduzem a festa. Os empresários acompanham, via celular, o movimento em casa. (MOSCOSO, 1995, p.14).

Nos dias atuais, tendo em vista que a manifestação regueira no Maranhão encontra-se dividida basicamente em três movimentos – um movimento constituído pelo reggae tocado pelas radiolas, na maioria das vezes produzido aqui mesmo no Estado e também chamado de *reggae eletrônico*; outro movimento conduzido pelo reggae que toca em

bares e locais onde seus donos geralmente contratam dj's que tocam os chamados *reggae roots* e ainda aquele movimento no qual o reggae é tocado por bandas em português – observa-se que não se adquire mais lucros apenas com as festas promovidas pelos donos de radiola, mas também faturam os donos desses bares que têm o reggae como principal atração e as casas específicas para se ouvir e dançar este ritmo.

Analisar o aspecto lucrativo a partir do movimento das radiolas cuja produção de reggae se dá localmente requer se pensar o funcionamento das radiolas enquanto instrumentos empresariais que cada vez mais necessitam de aperfeiçoamentos estéticos e tecnológicos, demandando investimentos de alto custo para seus proprietários que apostam seguramente em um bom retorno financeiro a ser obtido através das festas realizadas.

Em relação a esta vinculação entre radiolas e empresa, assim destaca Oliveira (2009, p. 38):

Ao se conceber a estrutura das radiolas enquanto empresas, verifica-se a incorporação dos modelos de produção contemporâneas, diante das formas de articulação do circuito e das respectivas radiolas-empresas atuantes no mercado do reggae. As radiolas, embora singelas no nome, constituem-se em um conjunto de aparelhos de som de alta capacidade de projeção sonora, além de outros equipamentos relevantes, a fim de aperfeiçoamento da estética das festas de reggae: com equipamentos digitalizados, limpeza sonora, efeitos de luz e som.

Assim como acontece com outros objetos culturais, a produção da música também é influenciada para atender as necessidades de um forte mercado consumidor que neste caso, se constitui tanto do público que vai às festas de reggae realizadas pelas radiolas, geralmente para ouvir o reggae eletrônico, quanto pelo público que prefere ouvir o reggae roots ou aqueles tocados pelas bandas em bares ou eventos específicos.

Em artigo publicado por Lino Raposo Moreira, no Jornal O Estado do Maranhão, foi feito um comentário a respeito dessa tendência e influência das indústrias sobre os bens culturais, de modo a chamar atenção para o fato de que isto ocorre com vários elementos e não somente com o reggae e que não deve ser visto apenas como algo prejudicial para a cultura ou para sociedade, mas que pode gerar fatores positivos para estas, além de ser parte de um processo natural e praticamente inevitável na opinião do autor.

Eu defendia ainda nesse texto, e continuo a fazê-lo, a sua profissionalização (alguns dizem comercialização em sentido pejorativo), concluindo que nisso ele segue os exemplos do Bumba-meu-boi, do samba, da música sertaneja, do Carnaval e do futebol. Qual o motivo de somente a ele se querer interditar esse caminho? Ao ter a oportunidade de segui-lo, investimentos são feitos e empregos são criados com todos os efeitos multiplicadores positivos sobre a geração de renda para amplos setores da população. Acrescento isto: coisas boas e negativas são criadas pela indústria da cultura de massas de que o reggae hoje é parte. Uma possível e idealizada “pureza” de origem fatalmente se altera quando exposta no mercado. Não se pode ter tudo ao mesmo tempo. (MOREIRA, 2012, p. 05).

Dentro desta perspectiva de análise, é possível pensar a música regueira enquanto objeto envolvido pelo processo de mercadorização da cultura, tendo em vista que hoje e mais precisamente as radiolas – que trabalham sobretudo, com a divulgação do reggae eletrônico – têm assumido o papel de empresas direcionadas à satisfação de um grande público que consome esse estilo de reggae, geralmente um público mais jovem que tem um forte apreço por dançar o chamado “robozinho” com passos um pouco diferentes do que se dança o estilo roots do reggae, pois são mais acelerados e parecidos com os que se fazem em outros ritmos como o forró ou brega.

Assim, outro aspecto a ser destacado sobre as mudanças que vêm ocorrendo nas formas de produção do reggae no Estado refere-se justamente ao fato de que este atual estilo de reggae – que tem se tornado um dos principais produtos das radiolas vinculadas a esta linha empresarial do mercado – pode também ser percebido como um dos resultados dos processos de avanço tecnológico, recaindo no embate entre as concepções de tradição e modernidade.

De uma forma geral, as manifestações culturais têm sido pauta de discussão no que diz respeito a esta questão da relação entre tradição e modernidade nelas presente e à questão de se refletir sobre até que ponto cada um desses lados podem ser considerados benéficos ou maléficos, havendo ou não possibilidades de pensá-los de modo complementares um do outro.

Autores como Iran Passos (2003) e Adriano Rios (2004) parecem apontar em seus trabalhos para a necessidade de se repensar tais conceitos, destacando que as inovações surgidas dentro das manifestações culturais – embora seus estudos focalizem a manifestação do bumba-meu-boi – não vêm se colocar necessariamente como tentativa de substituição das tradições, mas chamar a atenção para a possibilidade de caminhar juntas com a modernidade e recriar representações. Ou seja, estes autores abordam que existe a possibilidade de modificações na própria ideia de tradição onde, se por um lado podem significar perda da memória em razão das mudanças geradas, ao mesmo tempo podem ser vistas como reelaboração ou reconstrução de outras formas de representações.

Em relação ao cenário regueiro maranhense, no entanto, é possível afirmar que existem opiniões contrárias a esta ideia, se considerarmos o surgimento do reggae eletrônico como uma das atuais tendências da produção musical proporcionada pela inovação de inúmeros recursos tecnológicos – que também influenciam na produção de outros ritmos.

O professor Tarcísio Ferreira, por exemplo, em matéria publicada no Jornal Pequeno, demonstrou seu desapeço por esta variação de estilo de reggae que tem sido

produzido no Maranhão, chegando a considerar que estaria havendo um momento conturbado quanto à concepção de identidade na música regueira maranhense, assim foi destacado:

É pública e notória, a crise de identidade pela qual passa o reggae no Maranhão, principalmente no que diz respeito às radiolas que optaram por um ritmo musical pobre, chamado popularmente de “robozinho”, “bate lata”, “couro” ou “música de maluco”. [...] Também podemos dizer que para o reggae de radiola prosseguir na sua lida não necessita deste tipo de música “robotizada”, visto que hoje, reggae do Maranhão virou pejorativo em outros lugares do Brasil. Do mesmo modo, as músicas (os clássicos) que ajudaram a construir essa brilhante história, viraram sinônimo de coisa obsoleta, sendo tratada com adjetivos como “música velha” e “músicas do passado”. (FERREIRA, 2008, p. 07).

Percebe-se na leitura desta matéria que há uma preferência por parte do professor pelo chamado reggae roots ao qual ele fez referência colocando que ficaram conhecidos como “música do passado” e é a este passado que ele ainda gostaria de vivenciar em termos de música regueira. O “robozinho” citado por ele trata-se da expressão como é conhecida a forma de dançar o reggae eletrônico no Maranhão ao qual ele desaprova em todos os sentidos, quer no aspecto do dançar ou do modo como é produzido.

O que se observa, de um modo geral, é que para a maioria das pessoas que apreciam o reggae roots, o estilo eletrônico acaba não tendo muito boa aceitação, também por ser mencionado que haveria muita enrolação com o idioma inglês cantado nas músicas. Apesar disto, alguns nomes se destacam neste tipo de produção, como Dub Brown, Toty, Ronnie Green – sendo apontados como bons cantores e compositores que trabalhariam de modo mais sério com o reggae eletrônico.

De certa forma, não há como negar a existência de uma “diferença” entre o público que frequenta cada um dos dois estilos de reggae. Diferença esta apontada por pessoas que trabalham como discotecários, por exemplo, e também pelos próprios frequentadores dos locais onde ocorrem as chamadas festas das radiolas em clubes e salões da cidade – com predominância do reggae eletrônico – e de locais como bares situados principalmente próximos ao centro histórico ou na orla marítima, onde são tocados mais o reggae roots.

Assim destacou, por exemplo, Ivan Madeira⁵ que trabalha atualmente como discotecário de reggae em um dos projetos do bar Catarina Mina:

Há uma diferença de público sim, o eletrônico é principalmente essa rapaziada mais nova, mais jovem, eles gostam desse eletrônico, eles se identificaram [...] É o reggae do robozinho, tem também essa nomenclatura; eu não gosto nem de me aprofundar nessa questão do reggae robozinho eletrônico porque não é muito a minha praia, a gente busca o essencial, também pra não ficar de fora da situação, mas tá sendo bem aceito pela nova geração.

⁵ Entrevista realizada no dia 19 de julho de 2012, com Ivan Madeira, 45 anos, produtor cultural e discotecário.

No entanto, existem também aqueles que apreciam os dois tipos de reggae, frequentando ambos os lugares, mesmo que haja uma preferência por um deles. Assim afirmou João Paulo⁶:

Olha, geralmente o público do reggae eletrônico é um público de menor escolaridade, de menor poder aquisitivo, enquanto que o público do reggae roots, não, é um público mais de universitário mesmo[...]. Eu prefiro o roots, mas vou assim mesmo no eletrônico, porque eu gosto de acompanhar, eu acho interessante, mas também eu prefiro as festas da Itamaraty.

Independente dos questionamentos acerca dos pontos positivos ou negativos dessa discussão sobre tradição e modernidade e das conclusões que isto pode gerar, são notórias que tais permanências e/ou mudanças se encontram amplamente envolvidas pelo contexto de exigências de um mercado que cada vez mais influencia nas formas de produção de um objeto cultural, no modo como será veiculado e conseqüentemente nas diferentes maneiras de recebê-lo.

Assim também foi publicado por Lino Raposo Moreira no jornal *O Estado do Maranhão* em 2001:

A tradição não nasce feita, toma tempo pra crescer e se firmar. O que não é tradicional hoje, pode vir a ser amanhã. É só dar o tempo certo, esperar. O boi barrica é da nossa tradição? Não era, tá virando. É a estilização urbana dos vários sotaques do bumba-meu-boi antigo, mais rural. O reggae não é tradicional? Poderá ser, quem sabe? Se ele está na onda da comercialização, segue o caminho de todos antes. A profissionalização é inevitável e desejável. Tem gente que vive do bumba-meu-boi, do samba, da música sertaneja, do Carnaval, do futebol. Há uma indústria dessas manifestações culturais populares. As críticas devem ser feitas a ela e não ao reggae. Será saudável, para nosso enriquecimento e diversidade culturais, que ao reggae seja dada a oportunidade de andar sozinho, livre de preconceitos e discriminações. Ele irá viver ou desaparecer por seus próprios méritos e defeitos (MOREIRA, 2001, p.06).

É possível observar que, para este autor, as concepções acerca do processo de mercadorização de objetos culturais têm sido algo forte e presente nas sociedades há um bom tempo e de um modo em geral, envolve não só o reggae, mas também outros ritmos que fazem parte do universo cultural maranhense. Ao mencionar se o reggae seria tradicional, Lino Raposo Moreira faz assim referência a um antigo debate sobre o fato de considerar o reggae como uma das formas de manifestação da cultura do Maranhão e quando ele questiona “*Poderá ser, quem sabe?*”, observa-se que ele demonstra acreditar que é muito relativa a questão do que se pode chamar ou não de tradição ou tradicional em uma sociedade, já que estas ideias poderiam adquirir significados diferentes com o passar do tempo.

⁶ Entrevista realizada no dia 27 de julho de 2012, com João Paulo Soares Júnior, 27 anos, bibliotecário.

2.2 A discriminação apesar da mídia e da moda

Quando se pensa a respeito da vinculação do reggae com os aspectos econômicos, bem como a influência da indústria cultural sobre esta manifestação, é preciso também destacar a importância de outros veículos de divulgação da música regueira, além das radiolas.

E nesse sentido, faz-se necessário ressaltar o quanto os programas de rádio e televisão também foram essenciais nos momentos iniciais da difusão do reggae pelo Estado e, nos dias atuais, é possível contar ainda com a Internet como importante meio de divulgação sobre o ritmo.

De um modo geral, a presença da música regueira na mídia cresceu significativamente a partir da década de 1990, inicialmente com os programas transmitidos pelo rádio e em seguida ganhando espaço na televisão. Apesar de serem notórias as diferenças entre os conteúdos veiculados nos primeiros programas e nos da atualidade, não se pode negar que ainda hoje estes representam uma relevante contribuição para o crescimento do reggae no Estado, sobretudo do público nas festas promovidas pelos donos de radiola.

Diante deste aspecto empresarial adquirido pelas radiolas com o passar do tempo, resultante também da influência do mercado econômico no qual elas se encontram inseridas, os programas de rádio – específicos em tocar reggae e de propriedade dos donos de radiola – vêm se constituindo como um dos principais instrumentos de anúncio dos locais onde acontecerão as festas e, desta forma, também vêm contribuindo para uma possível obtenção de lucros financeiros para seus proprietários.

Em relação à importância dos programas de reggae, assim destacou Naty Nayfson:

Esta é a grande ferramenta para levar o público para festa, então as radiolas de ponto como a Itamaraty, a FM Naty Nayfson, todos têm um programa porque tem que ter os seguidores que ficam escutando as programações para poder ir para festa e ao mesmo tempo divulgar o reggae a nível de mundo, porque o reggae é conectado via net, então há um interesse muito grande... porque o reggae ainda é discriminado, tu leva o reggae para uma rádio, basicamente aquele programa é exclusivo daquela radiola, que leva o público daquela radiola.

A partir desta afirmação de Nayfson, confirma-se a ideia de que os programas de rádio ainda estão diretamente voltados a chamar o público para as festas. Estes programas são exibidos em quase todos os dias da semana nas principais rádios de São Luís, como a Difusora, a Mirante e a Cidade, e alguns até com quase duas horas de duração. As radiolas,

por exemplo, na Radio Cidade, têm aproximadamente 1 hora para apresentação de seus programas, sendo que à tarde totalizam 2 horas e à noite, chegam a 4 horas seguidas de programas de reggae, segundo dados disponíveis no site desta rádio.

Tomando ainda como base as palavras do apresentador Naty Nayfson, o público que possivelmente mais acompanha estes programas é o público que frequenta as festas promovidas pelas radiolas e neste caso, seria mais o público que aprecia o reggae eletrônico. Isto também se confirmou dentre os entrevistados para esta pesquisa, onde a maioria afirmou não ter o costume de ouvir tais programas, exceto quando estão querendo saber sobre alguma festa em específico de uma radiola.

Segundo D. Dulcilene:

Eu não acompanho muito não, quando acompanho é mesmo pra saber onde vai ter a festa e acompanho mais pelo radio do que pela televisão, acompanho o de Naty Nayfson e o da Estrela do Som porque são os que mais gosto e vou...na verdade, o reggae tá sendo muito divulgado tanto pela radio, como televisão e pela internet para fora do país.

E para Tiara Sousa Ribeiro⁷:

Eu não tenho muito o costume de acompanhar, mas eu acho que eles são mais voltados para o reggae de radiola, estilo robozinho. Alguns programas talvez alcancem também o público do reggae roots, como por exemplo o do Ademar Danilo, mas é na televisão, os programas mostram as músicas e também imagens das festas.

Além de serem utilizados desta forma, sobretudo como divulgadores das festas, os programas nas rádios contribuíram inicialmente também para que houvesse uma relativa redução da discriminação em torno da manifestação regueira, tendo em vista que nos primeiros momentos ainda havia uma preocupação em mostrar algumas informações sobre o conteúdo das canções ou sobre o ritmo do reggae em si, mas hoje dificilmente se percebe essas características nas programações.

O crescimento do reggae por todo o Estado enquanto produto de um exigente mercado econômico também contribuiu para o aumento da necessidade de ampliação dos espaços para veiculação da música regueira atingindo assim, a mídia televisiva e visando a partir desta, a obtenção de lucros financeiros na medida em que se constituía como mais um meio de fazer propagandas das próximas festas, incentivando o comparecimento do público nestas.

Neste sentido, os programas na televisão seguiram o mesmo estilo dos programas transmitidos pelo rádio, ou seja, a maioria direcionada a anunciar os locais das festas e a

⁷ Entrevista realizada no dia 07 de julho com Tiara Sousa Ribeiro, 27 anos, estagiária de jornalismo.

exibir imagens de outras já ocorridas, alguns cliques e sem muitas informações sobre o conteúdo das canções ou dos motivos que impulsionaram o seu surgimento.

Acompanhando os avanços tecnológicos e midiáticos, a manifestação regueira ultrapassou os espaços de rádio, televisão e jornais e hoje é divulgada também através de vários sites e blogs com significativo número de acessos mensais. Assim foi publicado no jornal *O Imparcial*:

Em São Luís, estima-se que existam mais de 100 clubes de reggae e centenas de amantes desse estilo. Para se ter ideia, segundo Ribamar Sousa, membro da Comissão Integrada do Reggae e sócio do portal reggaetotal.com, o site criado há três anos já tem mais de meio milhão de acessos, com uma média de 20 mil acessos por mês. Prova de que o público quer sempre estar bem informado sobre o que acontece de melhor no mundo do reggae. (SÃO LUÍS... , 2012, p. 10)

Nota-se então que cada vez mais o reggae tem adquirido maior repercussão nos vários meios de comunicação, contribuindo para que se continue na luta pela redução dos preconceitos contra o ritmo. Este ponto sobre a discriminação é consensual entre todos os entrevistados que reconhecem que apesar dessa forte presença do reggae na mídia, nos variados locais da cidade e mesmo tendo atingido um bom apreço nas demais classes sociais, a discriminação ainda existe, se manifestando às vezes de modos diferentes.

Quanto a este aspecto também falou Tiara:

Mudou... a discriminação ainda é mais quanto ao reggae de radiola robozinho porque tem muito negro e o que eu acho mais triste é que, não gostar do reggae robozinho, achar que o som é muito alto, que o lugar é muito lotado, ou que não conhece as pessoas, é uma opção; agora, declarar que o reggae robozinho é um lugar horrível, de gente suada e de não sei mais o que, aí já é preconceito e muita gente do reggae roots considera assim... dentro do reggae roots, muitas pessoas não sabem porque não gostam de reggae, mas hoje o reggae roots é a elite de São Luis, a elite de São Luis tá no reggae roots, as pessoas, q moram muito bem que estudam em particulares estão no reggae roots, se tu entrar no chama maré, tu não vai ver pessoas mal vestidas ... as “patricinhas” e os “boyzinhos” tão lá, eles vão curtir o sertanejo universitário na lagoa, mas eles vão no reggae do Chama Maré, no Trapiche e no Nelson, e eles próprios têm preconceitos contra o reggae robozinho, de periferia.

Como foi mencionado anteriormente, por muito tempo foram constantes as discussões sobre o reggae no Maranhão no que diz respeito ao fato de considerá-lo ou não como forma de manifestação cultural no Estado, tendo em vista que se argumentava que suas origens estariam interligadas à cultura de um outro local, ou seja, adquirida de fora.

Mais uma vez contra este posicionamento, Lino Raposo Moreira, em 2005, assim manifestou-se:

Precisamos considerar tudo isso para entender, mas não justificar, a notória reação contra o reggae em nosso meio. Podemos importar o futebol (*football*), mas não o reggae; o Natal, mas não o reggae; o Papai Noel (São Nicolau), mas não o reggae; e assim por diante. O certo é isto. Apesar de todas as resistências, o reggae veio para ficar. Amalgamado com traços culturais há mais tempo por estas praias, produziu algo nosso, que por sua vez continuará a sofrer mudanças, como todas as coisas vivas sofrem. Não será surpresa se chegar o dia de alguém falar dele como uma autêntica tradição maranhense necessitada de proteção contra ameaças de todo tipo. (MOREIRA, 2005, p.06)

O que pode ser observado nestes dois fragmentos citados, da entrevista com Tiara Sousa e do artigo de Lino Raposo Moreira é que, se antes era muito discutida a questão do reggae como cultura do Maranhão e isto se constituiria como um motivo para se ter uma reação, ou mesmo discriminação contra o ritmo; hoje estes aspectos estariam diminuindo, havendo uma maior aceitação da música regueira pelas classes média e alta da sociedade, mas no entanto, abrindo caminhos para que novas formas de preconceito ganhassem espaço dentro do cenário regueiro maranhense.

Dessa forma, a presença de outras classes no reggae, ao mesmo tempo em que está relacionada à maior visibilidade que o ritmo tem obtido em função de sua forte veiculação pelas mídias audiovisuais e eletrônicas, ela acaba influenciando no surgimento de outros olhares também discriminatórios. A diferença está no alvo da discriminação que agora não mais se encontra centralizado no reggae como um todo, mas sim em um aspecto ou outro dentro do reggae, como por exemplo, um estilo ou outro de dançar, uma forma ou outra de se comportar, se vestir.

Influenciadas pelo crescente poder midiático, mudanças nas concepções de elegância, ou do que pode ser visto como “chique”, ou ainda do que pode estar “na moda” também podem ser consideradas como incentivadoras desse aumento de aceitação da música regueira pelas demais classes, causando por sua vez, modificações nas relações sociais no espaço regueiro maranhense.

Sobre estas questões assim afirmou Nayfson: *“A discriminação amenizou um pouco né... a sociedade aderiu, mas em boa parte como um modismo, mas ainda é discriminado por ser música de negro, e isso aí nunca vai terminar é a mesma coisa do negro, ele sempre vai ser discriminado.”*

Para D. Dulcilene:

Discriminação nunca vai parar de ter, mas eu acho que pro que ele era, melhorou muito... Ainda ouço pessoas que ainda me dizem que o reggae é coisa de marginal, e eu digo que não é bem assim, o reggae é uma festa como outra qualquer, onde tem pessoas que vão e gostam e tem os que não gostam, que gostam de pagode... E como eu tava te falando eu acho que o reggae melhorou muito, acho que também mais devido a divulgação e também devido à sociedade, porque eu me lembro que quando começou, ia muita gente à toa, e hoje em dia não, você vê pessoas um pouco mais

bem vestidinhas, eu acho que isso também chamou o público, a sociedade, pelo que eu observo... Existe ainda o preconceito contra quem vai, mas lá dentro vai universitário, médico, vai todo mundo, o reggae mudou muito, cresceu muito...tem as pessoas que começam a ir por curiosidade, depois descobre que era outra coisa e acaba se encantando e retornando.

Ainda destacando sua opinião sobre as mudanças ocasionadas pela presença de outras classes no reggae, Tiara afirma:

O reggae perdeu muito daquele sentido, principalmente o roots, que era um reggae de gente politizada, alternativo, gente q dizia “sou de um partido ou de outro, gosto reggae roots e vamos debater e usar isso”... perdeu tudo isso a partir do momento em que se tornou um reggae de elite... e Por que a elite entra ali? Porque de repente ser alternativo é chique, antes era muito feito, “ah a menina tá com uma saia longa, um colar muito grande, a negra tá com um cabelo cacheado”, super assumido. Agora virou bonito, tu vê na televisão, as negras com cabelo cada vez mais cheio, as pessoas mais politizadas, ser de esquerda ficou chique, ser alternativo ficou chique, e aí jovens deslumbrados, que chegam nas faculdades, “eu preciso gostar de coisa de gente inteligente, então eu vou gostar de Chico Buarque, vou gostar de reggae roots, vou ser alternativo, vou usar uma roupa diferente”. Então foi a busca do jovem por ser chique que fez isso... A concepção de chique mudou, e a partir do momento que isso acontece, todo mundo vai pro reggae roots porque o reggae roots agora é chique.

De um modo geral, é possível perceber o quanto a aproximação do reggae com todo o aparato midiático – que hoje também contribui na sua produção e divulgação, tanto pelo rádio, televisão ou Internet – se tornou essencial para a construção de novas práticas e representações em torno da música regueira maranhense, na medida em que esta passa a ser vista de formas diferentes e a ter mais frequentadores nos locais onde toca o ritmo, seja pela questão de um “modismo”, como afirmou Nayfson, ou por ter passado a ser “chique”, como afirmou Tiara, ou ainda por uma curiosidade inicial e em seguida “encanto”, como afirmou Dulcilene.

Apesar dessas modificações no cenário do reggae, ainda se fazem presentes as discriminações – manifestando-se de outros modos, às vezes mais discretamente em algumas situações e claramente, em outras – demonstrando e levando a crer que dificilmente deixarão de existir, possivelmente em função de suas raízes que não poderão se modificar e então, por mais que se tenha hoje uma significativa parte da elite também se constituindo como público do ritmo regueiro, ainda assim predominam as concepções de que é melhor ser aproximado culturalmente a culturas descendentes de outras origens que não as africanas.

Em relação a este aspecto da discriminação, foram publicadas por Cássio Bezerra, no Jornal *O Imparcial*, em 2011, as palavras do Professor Carlos Benedito Rodrigues da Silva:

A Jamaica Brasileira pode ser identificada na periferia, nas palafitas, nas áreas de ocupação. Tem uma certa semelhança com a Jamaica, não só em termos culturais, mas com a população. Isso gera uma polêmica muito grande quando se atribui essa definição a São Luís. Para as elites maranhenses é depreciador, porque remete à África, que é o que a elite não quer ser... Melhor identificar com a Europa. Isso é um paradoxo porque São Luís respira a africanidade por todos os cantos da cidade. É muito mais africana que européia, na população, na afetividade, na relação entre as pessoas, na cultura. A leitura social do reggae ainda é uma leitura da marginalidade, ainda é coisa de preto da periferia. (BEZERRA, 2011, p. 11)

Assim, de acordo com o professor Carlos Benedito neste trecho da matéria e também com os trechos de outros artigos do autor Lino Raposo Moreira, anteriormente citados, nota-se que os debates sobre a atribuição do título de Jamaica Brasileira à capital São Luís ainda existem e parecem desagradar a muitos segmentos da sociedade, mesmo com todas as transformações tecnológicas e sociais que têm ocorrido constantemente dentro do espaço da música regueira no Estado.

2.3 O reggae como produto turístico

Ainda dentro deste aspecto de lucratividade que tem movimentado o cenário do reggae no Maranhão – trazendo bons resultados financeiros para diversas partes que hoje trabalham com o ritmo – destaca-se também a intensa vinculação entre a manifestação regueira e o turismo, constatando-se que esta tem se constituído como um dos principais produtos turísticos, sobretudo na capital São Luís.

Assim, uma abordagem acerca da obtenção de lucros a partir de um objeto cultural pode ser ampliada na medida em que se percebe que o objeto em estudo, neste caso, a música regueira passou a ser entendida também como produto possível de ser vendido dentro de um mercado direcionado a atender e incentivar o turismo no Estado.

Apesar de persistirem muitos posicionamentos contra o fato de se considerar o reggae como parte da manifestação cultural da sociedade maranhense – ainda apoiando-se na ideia de que não é algo que nasceu aqui – tem sido cada vez mais difícil negar a sua capacidade de atrair a curiosidade de muitas pessoas que vêm visitar o Estado, com destaque para a capital, e querem conhecer mais de perto algumas das peculiaridades deste ritmo musical que tanto é comentado em outros lugares.

Isto permite que cresçam os interesses na criação de mecanismos que incentivem o desenvolvimento de práticas de cunho amplamente mercadológico, fortalecendo assim mais uma vez os laços entre cultura e economia na sociedade, tendo em vista que a música

regueira, neste caso, torna-se um importante objeto de consumo capaz de render lucros também para o setor turístico do Estado e do município, mais especificamente.

Em 2005, segundo afirmou Nair Michele⁸, que atualmente trabalha como Coordenadora de Operações Turísticas na Secretaria Municipal de Turismo, foi criada a Comissão Integrada do Reggae e Turismo – inicialmente e até o ano de 2008, intitulada apenas como Comissão Integrada do Reggae – com objetivo de transformar o reggae em produto turístico, visto que este foi percebido como algo rentável para vários segmentos na sociedade, tanto para aqueles que participam diretamente da produção e divulgação do ritmo, quanto para aqueles que indiretamente desempenham trabalhos cuja renda também está interligada ao ritmo.

No que diz respeito aos motivos que incentivaram a ideia de tornar o reggae um produto vendável bem como dos agentes que, de alguma forma, podem estar sendo beneficiados a partir disto, assim destacou Nair Michele:

Porque ele é procurado e tudo aquilo que é procurado, que tem uma demanda... Na verdade, antigamente como o reggae era visto com muito preconceito, eles preferiam não vender, eles não saíam de dentro da agência, de dentro do hotel pra conhecer aquele produto; antes de oferecer eles já diziam: não presta! Depois não, como os clientes deles começaram a procurar e a perguntar por que não enxergavam as facilidades, eles disseram: “eu não vou perder dinheiro, eu vou vender isso aí”. Então começaram a sair de dentro dos seus locais de trabalho para conhecer o reggae e aí começaram a ver que gera renda e não só para os donos da casa, gera pros garrafeiros, pros dj’s, pros garçons, pra pessoa que vai tá na bilheteria e para os que estão em torno daquela localidade, as pessoas que vendem lanche lá fora, as pessoas que vendem o próprio cd e dvd ali fora da festa; porque o reggae não se resume a festa, é uma estrutura que vem antes, as pessoas que vão montar o local, as pessoas que pintam, que tem a técnica de pintar com os temas do reggae então é uma cadeia produtiva muito grande, não se resume só as festas de reggae, vem o pré, vem o durante e vem o depois, até as pessoas que vão tá limpando, o dinheiro delas vai tá gerando através do reggae.

Desse modo, percebe-se também por este aspecto, que a questão do preconceito falou bem alto no cenário regueiro por um bom tempo, tendo como um dos motivos para relativas mudanças de concepções, o momento em que o reggae passou a ser visto como algo com possibilidades de gerar renda em um mercado turístico, por ser uma música que no Maranhão tem se manifestado com características específicas e que cada vez mais tem despertado a curiosidade e a procura por pessoas de outros lugares.

É possível ainda afirmar, a partir deste trecho da entrevista, que o setor turístico local começou a enxergá-lo como algo vendável e com capacidade de criar rendimentos

⁸ Entrevista realizada no dia 20 de julho de 2012 com Nair Michele Silva Pinto, 26 anos, turismóloga.

financeiros, guardadas as suas devidas proporções, para outros segmentos que não necessariamente os produtores e divulgadores do ritmo reggaeiro.

A Comissão Integrada do Reggae é subordinada à Secretaria Municipal de Turismo e é composta por representantes de variados segmentos ligados ao reggae como por exemplo, cantores, bandas, bares, associações, casas e clubes de reggae, produtoras, radiolas, dj's, comunicação e mídia, colecionadores e grupos de dança, sendo 2 membros de cada um desses segmentos, segundo informa o Regimento Interno da Comissão.

Dentre os trabalhos propostos pela comissão encontram-se a realização de ações de incentivo a melhorias nas estruturas físicas dos locais onde se dança o ritmo, principalmente em bares e casas onde há uma grande frequência de público. Ainda em relação a este tipo de melhorias, já foram desenvolvidos cursos de capacitação para donos de estabelecimentos e funcionários, no intuito de melhorar também as formas de atendimento ao público, conforme também foi colocado por Nair Michele.

Além disso, ela se propõe a promover seminários e encontros anuais nos quais são discutidos temas relacionados à busca pela implantação de políticas públicas para o reggae no intuito de consolidá-lo como produto turístico que pode proporcionar significativos lucros financeiros para vários setores na sociedade.

Um dos seminários realizados, com o apoio e parceria do Sebrae, foi retratado no *Jornal Pequeno* em 2008. Assim foi publicado:

O Seminário contou com a palestra 'Orientação de Crédito: saiba a forma correta para obter dinheiro', proferida por Paula Waldira, do Sebrae/MA. Durante o encontro, os proprietários de bares e clubes de reggae receberam informações de representantes de alguns bancos de São Luís, sobre as propostas de financiamento para captação de recursos e parceiras. Participaram do seminário, os proprietários de bares e clubes de reggae que aceitaram participar das ações de estruturação do Projeto São Luís Ilha do Reggae e receberam consultoria para melhorarem seus estabelecimentos no mês de agosto, são eles: Cidinho Bar, Bar do Nelson, Root's Bar, Kingston 777, Point Magno Roots, Túnel do Tempo, Celso Cliff e África Brasil Caribe. (PROJETO..., 2008, p. 07)

Em relação aos bares citados como participantes desse seminário, nota-se que alguns deles hoje fazem parte do roteiro intitulado Capital Brasileira do Reggae elaborado pela Secretaria Municipal de Turismo em conjunto com a Comissão Integrada do Reggae e Turismo, como por exemplo, o Bar Túnel do Tempo, o Cidinho Bar, o Bar Celso Clif, o Bar do Nelson e o Roots Bar.

No mesmo mês, também com a mesma parceria do Sebrae, foi realizado um curso de capacitação para elaboração de projetos e captação de recursos, o qual também contou com a presença de segmentos do reggae e de pessoas interessadas em estudos sobre este ritmo. A respeito deste curso, assim foi publicado na Internet através do site *portalaz.com*:

Para a educadora Marinalva Lousero Rabelo, professora da rede municipal e estadual de ensino, o interesse em participar do curso surgiu da necessidade que diagnosticou na sua sala de aula de repassar para os alunos informações sobre a identidade regueira maranhense. “O curso me proporcionou uma vivência, mesmo que curta, com os atores do reggae no Maranhão, que me ajudaram a compreender e reconhecer a importância desse segmento para a cultura maranhense. Com base nessa experiência e nos conhecimentos adquiridos nesses três dias, poderei trabalhar com mais propriedade com meus alunos, o reggae enquanto um ritmo que já está inserido na nossa cultura”, declarou a professora que disse ser a favor da inserção do ensino de reggae na grade curricular dos alunos da rede pública.(SÃO LUÍS..., 2008).

De acordo com este trecho acima citado, nota-se que pode estar havendo um maior interesse em ampliar os estudos a respeito da manifestação regueira também para as redes educacionais de ensino, o que poderia contribuir de certo modo, para um melhor direcionamento de olhares para o ritmo.

Nos dois últimos seminários realizados pela comissão, uma das temáticas debatidas referiu-se à comemoração do quarto centenário de São Luís e às contribuições culturais e mercadológicas do reggae nesta, coincidindo também com as quatro décadas de reggae no Maranhão e uma década de implantação da Lei 4102/2002 que instituiu o Dia Municipal do Regueiro. Conforme foi publicado no *Jornal Pequeno*, em 2011, acerca do quinto *Seminário de Reggae e Turismo*:

De acordo com Cláudio Adão, um dos coordenadores do evento, o seminário tem como missão provocar entre todos os segmentos que envolvem hoje o reggae maranhense, uma reflexão sobre o papel de cada um neste cenário “reggae x turismo”, e também sobre a importância de uma mobilização para as comemorações do quarto centenário de São Luís. “Não podemos ficar fora deste contexto. Escolhemos esse tema para o seminário porque o reggae faz parte de um mercado. Porque existe uma demanda muito grande e é necessário se discutir que tipo de políticas que podemos estabelecer para melhorar estas relações. Vamos criar um documento com propostas que serão enviadas para os gestores públicos para que a gente possa contribuir para a festa dos 400 anos”, disse Cláudio Adão. (MARTINS, 2011, p.11)

E em 2012, sobre o sexto seminário:

O tema central do seminário será "400-40-10 São Luís, do Reggae, do Regueiro Conquistas e Perspectivas". A escolha do tema é uma referência direta aos 400 anos de São Luís, aos 40 anos do reggae no Maranhão e aos 10 anos da Lei Municipal do Dia do Regueiro[...] ‘Nosso objetivo principal é congregar a cadeia produtiva do reggae e do turismo no Maranhão, mais especificamente em São Luís, debatendo e evidenciando propostas que consolidem o ritmo como produto turístico em nossa cidade’, afirmou o secretário municipal de Turismo, Liviomar Macatrão. (PREFEITURA ..., 2012, p.02).

Em ambos os fragmentos das matérias publicadas nos jornais acima destacadas, é possível perceber que tanto Cláudio Adão, um dos representantes da comissão, como o secretário de turismo, Liviomar Macatrão, apontam para um reconhecimento desta vinculação da cultura com os aspectos econômicos e turísticos na sociedade, a partir da ideia da

manifestação regueira como objeto cultural inserido em um contexto mercadológico de produção e direcionado ao atendimento do setor de turismo no Estado.

Observa-se então que, se por um lado o título de *Jamaica Brasileira* atribuído a São Luís pode desagradar a alguns segmentos da sociedade, por outro lado, sob o ponto de vista da busca pelo fortalecimento econômico e turístico, a referida atribuição passa a adquirir outro significado e importância na medida em que cresce o interesse por torná-lo mais ainda um produto com capacidade de satisfazer um amplo mercado consumidor e também gerar lucros financeiros.

Assim também é possível destacar o seguinte trecho publicado no jornal *O Imparcial*, em 2011:

Desde que o reggae chegou a São Luís há cerca de 30 anos, o ritmo jamaicano sempre despertou o interesse de produtores, artistas, donos de radiolas, distribuidores de bebidas e outros segmentos que viram nele um potencial produto cultural a ser explorado comercialmente. Com o fortalecimento da venda da imagem de São Luís como “Jamaica Brasileira” onde a população maranhense criou em sua memória coletiva local uma imagem de semelhança entre as duas ilhas, o reggae tornou-se a menina dos olhos dessa cadeia produtiva. (MARTINS, 2011, p. 11)

Nota-se, então, que a ideia de aproximar São Luís e a Jamaica por possuírem significativas semelhanças não parece, neste caso, estar representando uma ofensa à capital maranhense já que esta imagem, como foi citado no trecho acima, pode se tornar uma interessante oferta comercial para o mercados turístico e econômico. Pensar este aspecto das variadas formas como pode ser visto um mesmo objeto, permite associá-lo aos conceitos de praticas e representações bastante trabalhados na *Nova Historia Cultural*.

Conforme Pesavento (2004), os diferentes sujeitos na sociedade podem atribuir diferentes significados aos mesmos objetos culturais, segundo suas próprias motivações e necessidades, ou seja, algo que pode ser visto positivamente por determinados grupos pode não o ser para outros grupos por razões pessoais que melhor atendam aos seus interesses. E é por isto que esta autora coloca que as representações são capazes de legitimar o social, visto que a partir do momento em que se atribui determinado sentido a um objeto é possível criar ou mesmo incentivar o surgimento de práticas ou ações que justifiquem a atribuição feita. Desta forma, Pesavento (2004, p.41) assim afirma: “*As representações apresentam múltiplas configurações, e pode-se dizer que o mundo é construído de forma contraditória e variada, pelos diferentes grupos do social*”.

Neste sentido, em relação à manifestação regueira, destaca-se por exemplo, que as diferentes representações construídas em torno da imagem de São Luís, enquanto Jamaica Brasileira, ao mesmo tempo em que têm sido entendidas como depreciadoras para

determinados grupos da sociedade, para outros têm significado uma forma de conseguir lucros financeiros a partir do momento em que esta imagem se torna capaz de despertar o interesse de outras localidades por conhecer as peculiaridades do ritmo do reggae no Estado.

No que diz respeito à questão de qual reggae tem sido mais vendido ou também mais procurado – ressaltando-se que aqui no Maranhão a música regueira ainda se manifesta de diferentes modos, havendo o espaço para a divulgação do ritmo pelas radiolas e pelas bandas – Nair Michele também afirmou, assim como outros entrevistados, que o segmento das bandas ainda é bem menor do que o das radiolas e que este último ainda é o que mais chama a atenção para quem é de fora do Maranhão. Assim ela destacou:

A maioria deles, comprovação e depoimentos da própria comissão e, a maioria são os reggaes de radiola, se fosse dividido em uma escala de 100%, 70% hoje é vendido o reggae de radiola, as bandas ainda é em uma quantidade menor. Por que o reggae de radiola? O reggae de radiola, nós só ficamos conhecidos porque existem os paredões... isso que a gente vê como o bonito, a forma bonita, então a banda ainda tem um espaço menor do que a radiola sim, tanto dentro da cidade quanto fora, mas existe uma parcela de preferência pelas bandas sim... O reggae eletrônico tem maior preferência, apesar de não ter pesquisas feitas... mas eu sinto isso através de depoimentos da própria comissão integrada do reggae e turismo.

Os motivos para esta maior procura pelas radiolas não parecem ser tão estranhas, visto que ainda se destacam como um fator diferencial, se comparado ao reggae tocado em outros estados. E dentro do reggae das radiolas, é possível que, como foi afirmado no trecho citado, o eletrônico também tenha ficado cada vez mais conhecido e conseqüentemente também venha se constituindo como um elemento de grande curiosidade, apesar das muitas críticas que recebe localmente por aqueles que apreciam somente o estilo roots do reggae, em razão das formas como os eletrônicos são produzidos bem como seus modos de dançar, o chamado robozinho, mais específicos e diferenciados do estilo agarradinho que se dança o roots no Maranhão.

Apesar de todas as informações apontadas sobre a Comissão Integrada do Reggae, tanto através da entrevista realizada com uma das pessoas que trabalha na Secretaria de Turismo, que atua juntamente com a comissão, quanto também a partir de informações disponíveis em jornais, a exemplo dos que foram acima colocados, ao se perguntar para os demais entrevistados para esta pesquisa – mais precisamente aqueles que apreciam o ritmo como ouvintes, dançarinos e frequentadores de festas em salões ou bares que tocam o reggae – o conhecimento destes sobre as ações dessa comissão, a maioria afirmou que desconhece inclusive sua existência.

Isto pode indicar a necessidade de busca por mais mecanismos que possam aproximar os segmentos receptores desses trabalhos propostos, já que eles também podem ser

enquadrados como parte interessada ou possível de ser beneficiada de alguma forma com o que é feito ou se pretende fazer, podendo acompanhar os resultados obtidos ou mesmo, ainda contribuir direta ou indiretamente para o surgimento de mais ideias que estimulem o crescimento da manifestação regueira no cenário maranhense.

2.4 A presença feminina no cenário regueiro maranhense

Ao mesmo tempo em que tem sido possível observar uma relativa redução nas discriminações dentro da manifestação regueira no Estado, no que diz respeito aos locais frequentados pelo público para curtir o reggae ou mesmo quanto às pessoas que têm frequentado esses locais, tem se tornado cada vez mais significativa a presença das mulheres no cenário regueiro desempenhando papéis que vão além do ato de dançar nas festas dos salões e bares. Estas mudanças não vêm ocorrendo somente aqui no Estado, mas desde a Jamaica já se encontravam mulheres também como referenciais na produção do ritmo.

Na Jamaica – local de onde se encontram interligadas as origens do reggae, a partir de raízes culturais influenciadas por uma mistura de ritmos africanos que remontam a época da escravidão e de outros ritmos surgidos mais tarde – a produção musical também esteve sob o domínio masculino e apenas entre os anos 70 e 80 as mulheres passaram a disputar o espaço nos palcos, destacando-se como dj's, segundo coloca Karie Russel, no artigo *Mulheres Dj's num mundo de homens – queremos respeito*, publicado no livro organizado pelo pesquisador Marco Antonio Cardoso (1997).

Nesse livro são citados os nomes de algumas dj's que se sobressaíram nas festas jamaicanas, dentre elas Lady Junie, Junie Ranks, Lady Mackerel, Lady Patra e Angie Angel com a qual foi realizada uma entrevista por telefone pela autora e onde a entrevistada comentou a respeito das críticas feitas ao trabalho de dj's mulheres, acusando-as de fazê-lo sem o devido comprometimento e de não terem o mesmo grau de criatividade.

Em resposta a essas colocações a autora destaca que a dj Angie Angel concordou em parte com tais críticas, mas afirmou que ela própria fazia seu trabalho por amor e que muitas vezes as mulheres se saíam bem melhores nos palcos do que os homens. Outro ponto destacado por ela é quanto à necessidade que havia de se ter alguém para promovê-las nesse espaço, alegando que aquelas que não possuíam essa ajuda, precisavam fazer de tudo para chamar a atenção do público, reconhecendo então, que muitas utilizavam músicas de conteúdo pouco aproveitáveis.

Sobre essas questões assim destaca a autora Karie Russel (1997, p.160):

Todos os motivos apresentados por Angie Angel são relevantes, demonstram que existe uma pressão constante sobre o artista e seu empresário para assegurar o sucesso. [...] Elas podem ser em número menor que os homens, mas se trabalharem juntas e reunirem forças, as coisas poderiam ser diferentes. Imagine todas elas cantando letras com conteúdo, numa grande promoção e com apoio comercial. As mulheres precisam brilhar no palco e descobrir o caminho. Basta apanhar o microfone.

Outro autor que destaca a participação feminina na música regueira na Jamaica é Carlos Albuquerque (1997), retratando um pouco sobre a trajetória de Lady Patra que começou cantando na igreja e depois de desligar-se desta, passou a arriscar os espaços dos dj's em festas jamaicanas; o autor chega a afirmar que ela possuía um importante diferencial, ou faceta: “*a letra no ponto de vista feminino*” (ALBUQUERQUE, 1997, p.113), sem contudo, demonstrar exemplos dessas letras.

Lady Patra, segundo Albuquerque, foi conquistando público cada vez mais e com o apoio do amigo e também DJ Shabba Ranks lançou discos que tiveram grande repercussão em vários lugares fora da Jamaica chegando a regravar canções de James Brown e até mesmo com a banda brasileira Cidade Negra em 1996 quando esteve por aqui.

Em entrevista por telefone concedida ao autor, Lady Patra, afirma que suas principais influências musicais foram as cantoras Tina Turner, Patti LaBelle e Madonna e algumas cantoras do *rhythm and blues*, a maioria negra. Desse modo, ela destaca: “*Mais isso não muda em nada a minha realidade: sou uma cantora de reggae e raggamuffin. Acontece que minhas maiores influências vieram de fora da Jamaica*”⁹.

Em relação às fortes ideias jamaicanas dotadas de “machismo” e por ser muito conhecida no mundo dos dj's como uma “Shabba Ranks de saias”, assim refere-se à cantora durante a mesma entrevista:

O machismo na Jamaica existe como em qualquer outro país caribenho e latino. É uma característica desses povos. Mas isso nunca me afetou, o que não quer dizer que não me incomode. Mas prefiro pensar apenas no meu trabalho. Enquanto isso não me atrapalhar, está bom. [...] Shabba foi um dos meus maiores incentivadores, devo muita coisa a ele. Fora isso está bem claro que o meu trabalho é diferente do dele. Na verdade prefiro ser conhecida como a Madonna do reggae.

É possível perceber, a partir destas informações fornecidas pelo autor e pelas declarações de suas entrevistadas, algumas das formas como as mulheres passaram a se

⁹ Trecho de entrevista contida no livro *O eterno verão do reggae*, do autor Carlos Albuquerque (1997, p.114-116)

manifestar dentro da música regueira jamaicana, sobretudo entre as décadas de 70 e 80, bem como as formas como elas próprias se viam na manifestação, muitas delas acreditando no seu potencial para produção musical e não apenas se colocando como apreciadoras ou dançarinas do ritmo e ainda demonstrando ser incentivadoras para que mais mulheres conquistem seus espaços e ganhem mais apoio comercial para veiculação de suas músicas.

As formas como algumas destas mulheres se percebem e atuam no reggae constituem-se então, como algumas das *representações* presentes nesta manifestação cultural e como tal, estão fortemente vinculadas aos conceitos de *práticas* na medida em que ambas as noções influenciam umas nas construções das outras, em um processo de circularidade e interação que sofrem influência também dos modos como os objetos culturais podem ser apropriados por seus produtores e receptores.

Assim como na Jamaica, em São Luís as mulheres também ampliaram seu espaço de atuação dentro do cenário regueiro e hoje têm se destacado não mais apenas como dançarinas nos salões e clubes de reggae, mas participando da produção musical como compositoras de algumas canções, intérpretes e discotecárias nas festas.

Um bom exemplo é a cantora Célia Sampaio que já foi uma das componentes da Banda Guetos – que possui grande repercussão dentro desse movimento de reggae conduzido pelas bandas no Estado – e que também já participou como *backing vocal* de cantores regueiros internacionais, como por exemplo, Erick Donaldson e Judy Boucher. Além de cantar, Célia Sampaio tem participação em algumas composições ao lado de Tadeu Obatolá e Paulinho Akomabu.

Outra cantora e compositora que se destacou na música regueira maranhense foi Luciana Simões que fez parte durante algum tempo da Banda *Mystical Roots* e que atualmente canta ao lado do maranhense Alê Muniz, ampliando o repertório de suas músicas para abrangência de outros ritmos sem, contudo, deixar o reggae de fora e fazendo shows por todo o Brasil.

Em relação à participação das mulheres como discotecárias de festas, é possível citar a Dj Nega Glícia, nome que tem sido muito falado e reconhecido como discotecária de grande atuação por vários regueiros, tanto pelo público quanto por outros discotecários.

Quanto a essa questão do crescimento da presença feminina na manifestação do reggae, assim afirmou Tiara Sousa Ribeiro:

[...] O reggae roots mudou a concepção do que é mulher de 2011 pra cá. Primeiro surgiu a Nega Glícia, dj de reggae e que de dj desconhecida que tocava em festinha, ela passou a ser a cara do reggae do Maranhão. Então ela toca em quase todos os bares de reggae roots de segunda a domingo, ela é a dj mais bombada, ela tá em todos os jornais, se você procurar uma festa de reggae, você vai ver lá: “Dj Nega Glícia toca” ... Quando ela entra no cenário do reggae roots e ela começa a tocar pra aquela galera que tava muito acostumada a ver tocar a figura masculina como dj e ela bomba, ela se torna a queridinha da elite, sendo negra, porque pode parecer que não, porque é reggae e reggae não tem problema com negro, mas o reggae roots tem porque a elite tá lá, então o preconceito tá lá também, eles tão ouvindo música de negro e tão como preconceito com os outros e aí chega uma negra com o cabelo de cacheado alto ou um rastafari, enfim, ela muda muito o cabelo, com roupas coloridas e vestidos longos e falando e querendo dizer com uma linguagem assim... *“não adianta ter preconceito, que eu não vou calar minha boca, eu to aqui, eu sou mulher e eu não vou mudar e você vai ter me respeitar”* e aí ela bomba no reggae roots... quer dizer ela muda a concepção, a concepção do reggae roots muda em relação à mulher, através de uma mulher que não tá nem aí... pra ela não tem dessa e os homens aprendem a lidar com isso, e melhor, se tornam fãs dela e isso ajuda a mudar um pouco da concepção da mulher porque antes os caras chegavam no reggae e diziam: *“hum aquela ali, tá dançando assim, e não sei o que lá, hum e não deve valer nada”*, enfim, isso aí muda... agora a mulher também tá no comando literalmente. Tem também a Dona Bill, vocalista de uma banda maranhense, mas que também começou a tocar como dj e aí a produção já vinha também sendo feita por mulheres, enfim, e aí deu uma mudança legal, então os novos dj’s, as novas bandas que também tão bombando, todo mundo apóia muito a Glícia e isso muda um pouco do cenário do preconceito, do cenário do reggae no maranhão, uma redução de preconceito em relação às mulheres.

Nesta colocação da entrevistada, nota-se que ela acredita que tem havido um reconhecimento das mudanças dentro do cenário regueiro em relação aos papéis desempenhados pelas mulheres e que novas concepções são geradas a partir disso, dando-se uma maior valorização a estas mulheres quanto aos seus espaços conquistados – ainda que os preconceitos, de uma forma geral, continuem existindo. Para a entrevistada, um dos principais momentos de ascensão da presença feminina dentro da manifestação do reggae se deu quando a dj Nega Glícia passou a se destacar nas festas, apesar de não ser esta a única mulher nesta função, como outros entrevistados ressaltaram em seus depoimentos e também de não ser apenas como dj’s que elas têm aparecido constantemente.

Dessa forma, as mulheres têm conseguido atingir mais espaços e têm sido promovidas festas comemorando esta participação feminina – e incentivando para que sejam mais propagadas – onde as principais atrações também são representantes femininas entre cantoras, dj’s e bandas compostas principalmente por mulheres. Em dezembro de 2011, assim foi publicado no jornal *O Imparcial* em relação a uma destas festas:

Hoje o reggae tomará conta do Novo Trapiche, Ponta d'Areia. Atrações locais e, uma internacional, foram as escolhidas para fazer a animação da festa Divas do Reggae. No entanto, o melhor do reggae na voz feminina, a cantora internacional Donna Marie, é que vem aí para tirar qualquer um de casa. E ela não vem sozinha, a animação vai ficar por conta, ainda, da banda Regueiras Guerreiras, convidadas especiais, as cantoras Célia Sampaio, Dona Bill, Nelma da Banda Guerreiro Zumbi, Ianara todas juntas pelo amor ao reggae. A festa tem como objetivo principal fortalecer o movimento das mulheres e aproximá-las aos palcos, cantando exclusivamente, o reggae roots (HOJE..., 2011, p. 04)

No que diz respeito à participação das mulheres dentro do cenário do reggae em São Luís e quanto a outras perspectivas para estas, a discotecária Nega Glícia¹⁰ afirma:

Na realidade, a minha intenção é essa, eu acho que vai valer muito mais a pena ainda quando eu ver as meninas chegando, por exemplo, um exemplo básico, cheguei em Belém pra tocar e tinha 10 mulheres dj's, assim, que trabalham semanalmente, que tocam nas casas, então assim, eu fiquei de cara, né, porque a Jamaica Brasileira é aqui, então eu sinto falta de mais meninas, a intenção realmente é essa, saio de casa todos os dias em busca de fixar o trabalho, de mostrar que o trabalho é serio, independente de ser homem ou mulher, tá multiplicando o movimento... mas eu tenho certeza que ainda tem poucas mulheres em São Luís fazendo esse trabalho.

É possível observar através do que foi mencionado neste e em outros trechos desta entrevista que, assim como foi colocado pela autora Karie Russel, em relação à relevância do incentivo à atuação feminina no contexto do reggae jamaicano, a discotecária Nega Glícia também demonstra o seu interesse em tornar cada vez mais efetivos este envolvimento e a presença das mulheres dentro do reggae maranhense, acreditando seguramente no potencial destas, apesar de todas as possíveis dificuldades a ser enfrentadas pelo fato de serem mulheres.

Quanto a este aspecto da discriminação, já foi citado no subitem anterior que apesar de estar havendo um significativo aumento de adesão de outras classes sociais ao reggae no Estado, ainda existem vários pontos que manifestam diferentes formas de preconceitos, inclusive dentro da própria produção do ritmo, por exemplo, quando se pensa nas possibilidades de presenciar uma mulher conduzindo a seleção de músicas e a animação das festas nos bares ou salões.

Embora seja possível afirmar que existe uma boa aceitação das mulheres desempenhando papéis de destaque como o de discotecária, no reggae maranhense – com a ressalva de que, segundo apontou a dj Nega Glícia, em outros lugares como Belém por exemplo, seja algo muito mais comum ver as mulheres se destacando nesse ramo – ainda são notórios alguns traços discriminatórios que marcam as tentativas de ascensão feminina dentro

¹⁰ Entrevista realizada no dia 01 de agosto de 2012 com Glícia Helena, 35 anos, discotecária.

deste espaço que por muito tempo, pelo menos aqui no Maranhão, foi predominantemente conduzido pelos homens, possibilitando-os também de viver profissionalmente deste serviço.

De acordo com Glícia:

Chamadas para esse serviço, nós nunca vamos ser, tem que ser uma coisa mesmo assim que nem eu mesma, sabe... eu falo pra mim mesma, deve ser amor de verdade, porque eu podia tá trabalhando com o que eu estudei...eu amo muito o que eu faço, porque eu vou te falar é um mundo extremamente machista, mas hoje, é que nem o Zagalo, hoje eles têm que me engolir, não to falando isso com ego, não, porque eu não desisti e eu não vou desistir, e graças a Deus tá dando certo, e hoje já tenho amigos, tenho mestres que eu conquistei com a minha humildade, porque se eu fosse bater de frente eu não sei se ainda estaria tocando, não sei como estaria a situação, porque acho que quando se fala de reggae, a humildade é essencial e o que eu quero é aprender, me aperfeiçoar, representar o movimento que eu escolhi com segurança e com respeito então eu busco estar aprendendo cada vez mais, eu conquistei amigos, como eu posso citar, Jorge Black, Junior Black, Serralheiro, hoje já reverti toda essa situação pra o meu benefício, antes me atrapalhava ser mulher, hoje o que me ajuda, o que me destaca, é o fato de ser mulher, então com muita calma, muita paciência, porque não foi fácil, já desligaram meu som, puxaram cabo, só que, como falei antes, André me ensinou tudo, desde ligar o som até tocar, então eu mesmo vou lá e ligo, já passei por muita coisa, já passei por festa e dizerem “*daqui a pouco um dj Nega Glícia*”, uma dj nunca...vou confessar eu já sofri, mas é um desafio a mais, eu acho que essa barreira vai existir sempre, mas eu não sei dizer como e porquê, mas eu tenho uma tranquilidade em mim que pelo menos eu tento quebrar essa barreira assim e eu vou com meu jeito, eu tento mostrar que o que eu quero é aprender, é somar e quase sempre dá certo, então eu vou continuar assim, mas eu me acho muito sozinha, imagina se tivesse pelo menos o tanto que tem em Belém...

A afirmação de Glícia sobre as dificuldades enfrentadas para chegar a um lugar de destaque no reggae, bem como conseguir se manter neste cenário também está presente nas colocações de duas outras entrevistadas que trabalham ou já trabalharam diretamente com o reggae de banda como vocalistas e com trabalho solo, a Fabiana Rasta¹¹ – atualmente na Banda Capital Roots – e Adriana Nogueira¹² – que começou seus trabalhos aqui em São Luís, mas atualmente mora em São Paulo, onde continua trabalhando com o reggae.

Elas também demonstraram que é preciso ter muita vontade e determinação para desenvolver um trabalho com o reggae hoje, principalmente quando se trata de reggae de banda – que, se comparado ao movimento das radiolas, ainda possui um público consideravelmente menor no Estado – e isto aliado ao fato de serem mulheres, exige delas uma constante luta contra os preconceitos implícitos ou explícitos no intuito de demonstrar seu talento, importância e capacidade para produção do ritmo.

¹¹ Entrevista realizada no dia 02 de agosto de 2012 com Fabiana dos Santos Dias, 26 anos, vocalista da Banda Capital Roots.

¹² Entrevista realizada no dia 27 de julho de 2012 com Adriana Nogueira, ex-vocalista da Banda Filosofia Original e atualmente desenvolve trabalho solo, ainda na linha do ritmo regueiro.

Em relação à atuação das mulheres, assim destacou Adriana Nogueira:

Não é tão fácil, mas hoje nós temos cantoras maravilhosas representando o reggae de São Luís apesar da diferença do eletrônico com o roots. O roots tem a Célia Sampaio, Luciana Simões, Fabiana Rasta, eu, apesar de que eu não fiz muitas apresentações aqui, porque na minha carreira foi preciso que pessoas de fora, homens, bandas, me olharem cantando aqui e me levar para lá... a oportunidade aqui sempre foi muito restrita, eu que fui atrás e procurava e tal. Hoje vivo em São Paulo e trabalho diretamente com o reggae lá.

Fabiana Rasta, em seu depoimento, fala sobre a ampliação desta atuação feminina no espaço regueiro, atingindo outras funções além de vocalistas e reconhece também o grande esforço que é preciso fazer para continuar com esse trabalho. Desta forma, colocou:

A presença feminina hoje é algo muito forte, tem mulheres em vários segmentos, dj's, cantoras, instrumentistas, tem muitas mulheres, já tem mais ou menos uns dois anos que surgiram várias mulheres no cenário regueiro ao mesmo tempo, mas ainda tem muito preconceito, é por isso que eu fui estudar, para poder argumentar, o homem não aceita.

Se para conquistar mais espaços na produção do reggae as mulheres precisam tentar de várias formas quebrar as barreiras ainda existentes, no intuito de adquirir respeito com o trabalho que desempenham, dentre o público, a aceitação parece ser muito mais tranquila, sendo cada vez maior a admiração por estas tanto no reggae tocado pelas radiolas, sobretudo o roots, quanto no reggae tocado pelas bandas locais.

De um modo geral, a presença feminina no cenário regueiro maranhense tem conseguido uma grande repercussão em âmbito nacional, tendo sido publicado recentemente na *Revista Reggae Brasil* informações sobre o reggae no Maranhão, destacando uma matéria sobre a trajetória da vocalista da Capital Roots, Fabiana Rasta, e colocando-a como uma das principais revelações do reggae brasileiro na atualidade, valendo-se ressaltar que, embora esteja há apenas 1 ano nesta banda, já desenvolve trabalhos com o reggae há quase 10 anos.

Assim foi colocado nesta revista:

O talento de Fabiana Roots se uniu a grande força da banda Capital Roots, já com pouco tempo de banda, fez uma apresentação espetacular com o astro Derrick Morgan no evento Cidade do Reggae 2011, apresentação esta que foi muito bem aceita pela crítica da cena reggae. Atua também como backing vocal da banda e com as dicas do professor José, tem se aprimorado na segunda voz e já trabalhou com nomes como o de Eric Donaldson, Derrick Morgan, Donna Marie, Kenyatta Hill, Lloyd Parks, Ijahman e Horace Andy. Fabiana Rasta é o que verdadeiramente chamamos de artista pois sabe que o artista ama seu público, se veste para ele, interage com ele e sabe que ele é o responsável pelo seu sucesso, e além disso assumiu o Reggae como música que toca sua alma e por isso tem se revelado como o mais novo talento feminino do reggae brasileiro. (FABIANA..., 2012, p.12)

Nesta mesma edição da revista também foi feita referência à dj Nega Glícia como importante representante feminina no ramo da discotecagem do reggae maranhense, demonstrando então, através desses dois destaques feitos, a variedade de espaços que as mulheres têm conquistado dentro deste contexto de produção regueira no Estado.

Um outro ponto importante a se destacar e ainda dentro desta questão das possibilidades lucrativas que o reggae hoje oferece para alguns segmentos que trabalham com este ritmo é que tem sido notório que não são apenas os donos de radiola ou de bares que conseguem significativos lucros financeiros com a manifestação regueira, pois atualmente muitos dj's têm este serviço como profissão, com carteira assinada e sobrevivendo essencialmente deste trabalho, segundo foi colocado pela dj Nega Glícia que, por sua vez, ressaltou que até onde sabe, ela ainda é a única mulher em São Luís que tem feito isto também – se mantendo profissionalmente do trabalho de dj e dele tirando seu sustento e sua renda.

No que diz respeito ao alcance desses lucros a partir do trabalho com o reggae de banda, pode-se observar através das afirmações de Adriana Nogueira e Fabiana Rasta que há uma semelhança em seus pontos de vista, pois ambas as cantoras acreditam que seja um pouco mais difícil neste ramo porque aqui em São Luís a predominância ainda é para o reggae tocado pelas radiolas, estas ainda têm maior repercussão. Segundo Fabiana Rasta, para os demais instrumentistas talvez seja mais fácil conseguir um bom retorno financeiro pela facilidade de poder se apresentar em várias bandas e locais sem um contrato limitado, porém, no caso dela, como vocalista de uma banda específica, depende mais de como estiverem as condições da banda como um todo.

Publicações como estas feitas na revista e eventos como o que foi anunciado no jornal *O Imparcial*, anteriormente citados, contribuem consideravelmente para o engrandecimento do ritmo regueiro maranhense dentro e fora do Estado e ao mesmo tempo para o reconhecimento e maior divulgação da importância do trabalho que vem sendo feito pelas mulheres no cenário regueiro maranhense que, de acordo também com as informações prestadas pelas entrevistadas, buscam incentivar ainda mais outras mulheres, que também têm interesse pelo ritmo, a procurar formas de superar as dificuldades e desse modo, ampliar as participações femininas nesta manifestação cultural.

3 A MÚSICA REGUEIRA: instrumento de ascensão política

O entrelaçamento das relações culturais com os aspectos econômicos na sociedade se fortalece ainda mais sob a influência dos aspectos políticos aos quais estão submetidos os variados objetos de estudo, incluindo-se neste caso, a música regueira que também tem se constituído como elemento capaz de contribuir no cenário da política tanto para ascensão de pessoas anteriormente já vinculadas ao ritmo, de forma direta ou indireta, como de pessoas já pertencentes ao quadro político e que buscaram apoio na manifestação regueira na tentativa de também ascender politicamente.

Pensar a respeito desta interligação da cultura com a política permite que sejam retomados alguns pontos indicados no primeiro capítulo acerca das culturas políticas em uma sociedade, dentre os quais aqueles referentes ao entendimento destas como importantes instrumentos para uma reflexão acerca das motivações que podem impulsionar os atos dos indivíduos nos diversos campos sociais, culturais, políticos e econômicos, segundo sugeriu Berstein (1998).

Neste capítulo serão enfatizados alguns aspectos da política na sociedade maranhense na tentativa de perceber de que forma a música regueira tem sido utilizada por alguns segmentos para o alcance de votos com capacidade de contribuir para que sejam colocados no poder agentes que possuam determinada vinculação com o ritmo. Serão observadas algumas opiniões de parte do público acerca destas relações entre reggae e política e das possibilidades de se encontrar algum tipo de retorno benéfico para o público em geral e para a manifestação regueira no Maranhão.

Com isto, pretende-se apontar possibilidades de entendimento acerca de como tem se organizado a cultura política no Estado, tomando-se o reggae como objeto cultural sobre o qual têm ocorrido diversificadas influências por parte das relações políticas, resultando em novas práticas e representações em torno do mesmo.

Inicialmente serão feitas algumas considerações sobre as possíveis motivações de comportamentos dos indivíduos no meio político e apontados alguns elementos sobre a conjuntura política no Maranhão desde a década de 1990 – na qual foram encontradas, através desta pesquisa, as primeiras vinculações entre a manifestação do reggae e os fenômenos políticos eleitorais no Estado, a partir da candidatura de Ademar Danilo para o cargo de vereador de São Luís nas eleições de 1992 – até os dias atuais, nos quais nota-se que são cada vez mais fortes os laços entre esses dois campos.

4.1 O reggae no cenário político maranhense

Diante das abordagens feitas anteriormente sobre os conceitos atribuídos à noção de cultura política e trabalhados por historiadores como Serge Berstein, Sandra Pesavento, Peter Burke e José D' Assunção Barros, destaca-se a necessidade de pensá-la como importante ferramenta para os estudos acerca das formas como os indivíduos têm se comportado frente aos fenômenos políticos em uma sociedade.

O autor René Rémond (1994), ao analisar a importância dos estudos sobre a história política e o tempo presente, faz alguns questionamentos referentes ao comportamento do homem quando se trata das questões políticas, destacando que as escolhas e decisões políticas se constituem como algo, de certo modo, independente, sem que existam fatores fixos ou pré-estabelecidos determinando-as, tendo em vista que os diversificados aspectos – culturais e educacionais, por exemplo – podem contribuir na construção das mesmas. Assim, para Rémond (1994, p.16):

Existem convergências, mas é impossível encontrar uma relação de causalidade. Por conseguinte, os indivíduos não são determinados e existe uma variação que remete a outras realidades de ordem imaterial, ligadas às tradições culturais, à educação [...] É preciso admitir que existe aí uma grande liberdade, que as escolhas políticas realmente constituem um domínio relativamente autônomo e auto-explicativo.

Semelhante ao que sugerem Berstein (1998) e Rémond (1994) quanto à relevância da pluridisciplinaridade no entendimento das culturas políticas, é possível destacar que o sociólogo Julian Borba (2005) – que possui trabalhos na área de ciência política e análises sobre o comportamento eleitoral brasileiro – aponta a existência de três correntes que buscam explicar o comportamento eleitoral: a sociológica, a psicológica e a teoria da escolha racional.

Segundo Borba (2005), a corrente sociológica enfatiza o contexto vivenciado pelos indivíduos, como fator essencial e de forte influência no comportamento destes nas eleições. A segunda corrente, a psicológica, chama a atenção para o fato de que o relacionamento dos indivíduos com a política se dá através de suas próprias motivações, percepções e atitudes, fazendo-se necessária a realização de pesquisas para análise de suas opiniões e preferências. Por sua vez, a teoria da escolha racional aponta que as atitudes dos indivíduos estão condicionadas a seus interesses particulares, caracterizando os eleitores como consumidores de um mercado.

Em relação a esta última corrente, assim afirma Borba (2005, p.156):

A esfera política é visualizada como um ‘mercado político’, onde os políticos tentam ‘vender seus produtos’ e os cidadãos assumem o papel de ‘consumidores’ que vão escolher aqueles ‘produtos’ que melhor diminuam seus custos e maximizem ou otimizem seus ganhos.

Uma das possibilidades de entendimento para essa ideia de “produto” apontada pelo autor seria percebê-lo como práticas e discursos utilizados pelos políticos em suas propagandas eleitorais durante a campanha, na tentativa de convencimento dos indivíduos – vistos então, como “consumidores” – para conseguir seus votos.

Ainda segundo Borba (2005), as decisões e escolhas dos eleitores, além de sofrerem influência direta do contexto político em que se encontram, são influenciadas também pela imagem política do candidato, sua competência administrativa e algumas características pessoais como o nível de escolaridade.

Em relação aos elementos que têm influenciado os eleitores no momento da escolha de seus votos, bem como algumas das práticas empregadas pelos candidatos para convencê-los, assim afirmou João Paulo durante a entrevista realizada:

A mídia, a boa imagem, as mensagens subliminares e a falta de conhecimento do eleitor. Tudo isso influencia. Nós estamos em um estado com um dos menores IDH do país, mais de 1 milhão e 6 mil pessoas analfabetas e então isso é um número absurdo... Quanto menos as pessoas sabem, mais elas são manipuladas e aí é que vai o caminho desse voto, esse voto sem consciência, sem análise, por uma camisa, uma sandália, uma entrada na porta do reggae ou a metade da entrada.

Práticas como estas citadas por João Paulo, como redução dos valores das entradas nas festas ou mesmo liberação total destas, promovidas por candidatos envolvidos direta ou indiretamente com o reggae, muitas vezes acabam se tornando motivos para denúncias junto ao Ministério Público, por serem consideradas como crimes eleitorais.

Quanto a estes aspectos, foi publicado no *Jornal Pequeno* em 2006:

O Ministério Público Eleitoral entrou com uma ação de investigação judicial eleitoral por abuso de poder econômico contra Pinto da Itamaraty, candidato eleito ao cargo de deputado federal pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e Alberto Franco deputado estadual reeleito também pelo PSDB. A ação baseia-se em informações de que, durante a campanha, teriam sido realizadas, em diversos municípios do interior do Estado, festas com a participação da radiola de reggae Itamaraty, de propriedade do candidato Pinto da Itamaraty, com o objetivo de promover as candidaturas de ambos os investigados. [...] Nos relatos afirma-se que os preços praticados nos eventos eram, via de regra, inferiores aos usualmente fixados, maximizando a nota do abuso de poder econômico. Muitas vezes, a Radiola Itamaraty, era cedida gratuitamente pelo candidato Pinto da Itamaraty. (MINISTÉRIO ..., 2006, p.08)

Quanto à questão dos indivíduos primarem por seus interesses no momento de decidir em quem votar, assim destaca Rémond (1994, p.19):

O indivíduo engajado na política, na escolha de um voto, certamente está preocupado em salvaguardar seus interesses e os do grupo ao qual pertence. Mas há muito mais que isso. Ele tem convicções, ideias e até paixões como a inveja, o ódio, o medo, o imaginário, o sonho, a utopia, a generosidade e tudo isso se expressa na política. Penso até que um povo se expressa tanto na sua relação com a política quanto na sua literatura, no seu cinema ou na sua culinária.

Nota-se então, a partir deste trecho, que Rémond (1994) demonstra acreditar na importância da vinculação entre os aspectos culturais e políticos em uma sociedade – constituindo as chamadas *culturas políticas* – tendo em vista que ele afirma a capacidade de influência de elementos formadores da cultura sobre as atitudes dos indivíduos nos momentos eleitorais.

No que diz respeito ao cenário maranhense, analisando-se dados eleitorais disponibilizados através do site do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e também por meio de informações publicadas em jornais, a aproximação da manifestação cultural regueira com elementos do quadro político passou a ter maior expressão por volta da década de 1990 quando Ademar Danilo – na época, apresentador de programas de reggae e discotecário e hoje, também proprietário do bar Chama Maré na Ponta D’Areia – em 1992 foi eleito para o cargo de vereador, tentando ainda em 1994, o cargo de deputado federal e embora não tenha sido eleito, conseguiu ficar como suplente.

Assim foi publicado no jornal *O Estado do Maranhão* em 1995:

O movimento reggae cresceu tanto em São Luís nas últimas duas décadas que os adeptos, os chamados regueiros, podem definir, inclusive um momento político. O vereador Ademar Danilo (PT), um dos primeiros radialistas a comandar um programa especializado de reggae, o Reggae Night, foi eleito com 1500 votos da “massa regueira”. Na última eleição obteve 8000 votos em São Luís para o cargo de deputado federal. Não foi eleito, mas o número de votos expressou bem o prestígio que goza dentro do movimento (MOSCOSO, 1995, p. 14).

Ademar Danilo, nas outras tentativas feitas para cargos eletivos, também não conseguiu lograr êxito, ficando apenas como suplente nas eleições.

No ano de 2002, mais uma vez os laços entre política e reggae se aproximaram e foi criada a Lei nº 4102/2002 que institucionalizou o Dia Municipal do Regueiro. Neste momento quem ocupava o cargo de prefeito da capital São Luís era Tadeu Palácio, vice de Jackson Lago que se afastara do cargo para disputar o governo do Estado.

Uma das determinações desta lei, é que em 05 de setembro, data escolhida para comemorar o Dia Municipal do Regueiro, devem ser feitas atividades de recreação para o regueiro, a escolha do “Regueiro do Ano”, além de serem disponibilizados locais de atendimento médico e odontológico para os praticantes do ritmo do reggae. Dentre estas

disposições, a que mais se percebe ser cumprida, é a realização de festas em comemoração à referida data.

Quanto à prestação de atendimento médico e odontológico, por exemplo, de acordo com informações de Nair Michele, estas ações também estariam incluídas entre os trabalhos que vêm sendo desenvolvidos por intermédio da Comissão Integrada do Reggae e Turismo.

O Art.4º da referida lei coloca que: *“O Poder Executivo Municipal é obrigado a tornar disponível, no ‘Dia Municipal do Regueiro’, atendimento médico e odontológico, em locais previamente determinados pela Prefeitura, aos praticantes de ‘reggae’.”*

E segundo Nair Michele:

Além dos seminários que são feitos pra captação de público, pra ver o pessoal que curte o reggae entender o que é o reggae, pra políticas públicas pro reggae, além dos seminários, encontros anuais, eles fazem também, eu to falando porque a Secretaria Municipal de Turismo ela é apenas parceira, a comissão é que existe um presidente, que é liderada pelo presidente Jorge Black, eles conseguem fazer muita coisa independente da Secretaria, eles fazem encontros onde eles vão ta beneficiando o regueiro, o regueiro não vai mais só pra festa, eles precisam de revisão da saúde, aqueles tratamentos básicos, como aferição de pressão, glicemia, vacinação, alguma coisa básica, eles já fizeram um encontro desses e se Deus quiser esse ano será feito novamente, pelo menos uma vez por ano.

Apesar destas afirmações, parece que tais ações não ocorrem com muita frequência ou se ocorrem, são de pouco conhecimento do público talvez em função das formas como estariam sendo divulgadas nos veículos de comunicação, ou mesmo nos locais onde o diversificado público costuma ir para ouvir e dançar o ritmo do reggae.

Retornando ao panorama político eleitoral, em 2004, Tadeu Palácio conseguiu se manter no comando da Prefeitura de São Luís, concluindo o seu mandato em 2008. Também neste pleito, dois outros candidatos vinculados à manifestação do reggae conseguiram o cargo de vereador: José Eleonildo Soares, conhecido como Pinto da Itamaraty, dono da radiola Itamaraty e que na realidade estava sendo reeleito para este cargo que já ocupara desde 2000; e Luís Fernando Santos Costa Ferreira, chamado de Ferreirinha e também dono de radiola, a Estrela do Som. De acordo com os dados do TSE, no referido ano, Pinto da Itamaraty foi o mais bem votado entre os candidatos, obtendo 10758 votos; Ferreirinha, por sua vez, conseguiu 3903 votos.

O candidato Ferreirinha ainda lançou candidatura novamente em 2008 para vereador e em 2010 para deputado estadual, sem contudo, conseguir número suficiente de votos para ser eleito. Já Pinto da Itamaraty, desde as eleições do ano 2000 tem se mantido no

cenário político maranhense, tendo alcançado o cargo de deputado federal em 2006 e reeleito para este mesmo cargo em 2010.

Durante o período entre os anos de 2004 e 2008 outras ações relacionadas à manifestação do reggae foram implementadas como, por exemplo, já citada no capítulo anterior, a criação da Comissão Integrada do Reggae em 2005, já possuindo vínculos com a Secretaria de Turismo do Município, mas apenas em 2009 passando a ser chamada de Comissão Integrada do Reggae e Turismo, segundo informações adquiridas nesta secretaria.

De acordo com Nair Michele, a Comissão em si não possui envolvimento direto com os movimentos políticos no município, ou seja, não apóia diretamente nenhum candidato, podendo ocorrer que membros da comissão apoiem um ou outro candidato, mas de um modo particular e não em nome desta. E também pode ocorrer de membros da comissão se lançarem candidatos e alguns até já conseguindo vencer as eleições, como o próprio Pinto da Itamaraty.

Desse modo, Nair Michele afirmou:

Não, a comissão não apóia candidaturas. Membros da comissão se articulam por motivos pessoais, tu vai olhar sim representante da comissão que vai tá em campanha, mas não é a comissão que apóia, é uma motivação pessoal daquele representante; pessoas vinculadas à comissão que apoiaram um candidato tu vai encontrar e também algumas pessoas já vinculadas a comissão e que conseguiram se eleger.

Quanto às eleições de 2006, os momentos que as antecederam – na escolha para os cargos de governador, senador e deputados estadual e federal – segundo o autor Wagner Cabral da Costa (2009), foram marcados por crises dentro da oligarquia que se mantinha no poder e pela forte propagação de um discurso de luta para libertar o Estado que ficou conhecido nas campanhas eleitorais como *Frente de Libertação do Maranhão*.

Assim, no que diz respeito ao pleito eleitoral de 2006, Costa (2009, p.100) destacou:

Contudo, um outro aspecto precisa ser resgatado para a compreensão das eleições de 2006: o voto plebiscitário. Este sinalizou o cansaço e o desgaste da população em relação à perpetuação da oligarquia Sarney, bem como em relação às lideranças conservadoras tradicionais. No primeiro caso, foi expresso pela campanha do “Xô Rosengana” que mobilizou estudantes às vésperas do pleito e se evidenciou no comportamento eleitoral das maiores cidades (São Luís e Imperatriz) que deram uma votação maciça para Jackson Lago (66,6% e 76,8%, respectivamente). O caráter plebiscitário das eleições 2006 ressalta o aspecto simbólico da estratégia “libertadora”, pois para significativos setores da população, a percepção do processo político foi de efetiva mudança, de que realmente o Maranhão estava em vias de transformação, a qual se iniciava com a alternância no poder e a derrota eleitoral do sarneísmo. Estava em festas, mais uma vez, a “Ilha Rebelde”.

A partir do que foi colocado por Costa (2009), é possível perceber o quanto foram importantes, nas tomadas das decisões políticas, as estratégias utilizadas pelo grupo que pretendia alcançar o poder, sobretudo através de discursos que visavam convencer os eleitores acerca das mudanças que seriam necessárias para melhores possibilidades de desenvolvimento do Estado.

Também no cenário regueiro maranhense foi possível observar, próximo às eleições de 2006, alguns traços das aproximações – cada vez mais intensas – entre cultura e política na sociedade, com o aparecimento de candidatos em eventos promovidos por pessoas vinculadas ao ritmo regueiro, como por exemplo, o Pinto da Itamaraty que, por sua vez, também estava concorrendo ao cargo de Deputado Federal.

Assim foi publicado, em 2006, no *Jornal Pequeno* sobre uma festa promovida por Pinto da Itamaraty em comemoração ao Dia do Trabalhador:

Pinto da Itamaraty, que tradicionalmente promove o “Reggae do Trabalhador”, falou que este foi um momento muito especial para quem participou do evento e que, apesar de não ter tido nenhum ato público, a presença dos pré-candidatos e a menção do nome dos mesmos durante a festa foi seguida de aplausos. “O povo sabe que este é um momento importante. Um momento de mudança. E este sentimento é representado pela Frente de Libertação”, disse Pinto da Itamaraty explicando ainda que a Frente está fazendo um ótimo trabalho ao percorrer várias localidades falando sobre as propostas de mudança para o Maranhão. Jackson Lago agradeceu ao convite de Pinto da Itamaraty para participar do evento e destacou a atuação do vereador junto ao movimento regueiro. “A quantidade de pessoas aqui reunidas neste evento mostra a importância do trabalho desenvolvido por Pinto da Itamaraty, que está sempre à frente de todas as manifestações que envolvam o reggae no Maranhão”, disse (REGUEIROS..., 2006, p.04).

É possível notar que dentro da manifestação regueira também se disseminavam amplamente os discursos incentivando a busca por mudanças que proporcionassem o alcance da liberdade do povo maranhense. Além disto, ficaram perceptíveis, de acordo com este trecho publicado, a forte reciprocidade de discursos de elogios entre as partes direta e indiretamente ligadas ao reggae, podendo assim tentar influenciar os eleitores na votação.

Outro candidato que nas eleições de 2006 manteve aproximação com o ritmo do reggae foi Alberto Franco, também conseguindo ser eleito para o cargo de Deputado Estadual e segundo o que foi informado no *Jornal Pequeno* em 2007, ele teria recebido ajuda de Pinto da Itamaraty no que diz respeito à divulgação de sua campanha através dos shows promovidos pela Radiola Itamaraty.

De acordo com o *Jornal Pequeno*:

O Ministério Público Eleitoral do Maranhão pediu nesta quarta-feira a cassação do mandato do deputado federal Pinto da Itamaraty (PSDB) por abuso de poder econômico. Ele é acusado de promover, em sua campanha, shows com a “Radiola de Reggae Itamaraty” – de sua propriedade o que é vedado pela lei eleitoral. Segundo o procurador regional eleitoral Juraci Guimarães Júnior, muitas vezes, a divulgação dos eventos com a “Radiola Itamaraty” era feita por meio do mesmo carro de som que veiculava propaganda eleitoral do candidato. [...] Além da sua própria propaganda, segundo o MP, os shows eram usados, na visão do procurador, para promover a candidatura do deputado estadual reeleito Carlos (Alberto Franco) de Almeida (PSDB). (MINISTÉRIO..., 2007, p.08)

Como foi citado anteriormente, este tipo de prática no período eleitoral é considerado crime por parte do Ministério Público Eleitoral e por isto os candidatos, ambos eleitos, foram investigados, mas segundo o que foi colocado pelo jornal, apenas o deputado federal Pinto da Itamaraty tivera um pedido de cassação de mandato, que provavelmente não resultara em nada grave para o proprietário de radiola, já que continuou em seu cargo e inclusive fora reeleito em 2010.

No pleito eleitoral de 2008, as disputas foram pelos cargos de prefeito e vereador e segundo Costa (2009), estas eleições foram marcadas pelo acirramento da concorrência entre as duas facções oligárquicas – uma liderada pelo grupo Sarney e a outra liderada pelo grupo de Jackson Lago, eleito em 2006 para governo do Estado – com o forte uso de recursos políticos e econômicos, públicos e privados para financiamento de candidaturas incentivando a competitividade nos vários municípios através de práticas patrimonialistas (referentes ao uso do aparelho estatal) e práticas clientelistas (referentes à compra de votos).

O grupo vencedor das eleições de 2006 e que em 2008 buscava se fortalecer, visando atingir a chamada “produção da maioria” – ou seja, o maior número possível de vitórias dos candidatos vinculados a este grupo – de acordo com Costa (2009), além dos mecanismos citados acima, se utilizava da criação de frentes e coligações de partidos da base aliada e também da alternância de partidos, tendo havido neste momento várias migrações do grupo Sarney para o grupo que estava no poder.

Estas práticas apontadas não são novas no cenário político, estando presentes em várias localidades do Brasil, ainda segundo Costa (2009), para quem o “governismo” – que pode ser interpretado aqui, como o meio de se aproximar do governo e nele se manter através da constituição de uma nova “maioria”, ou seja, de um maior apoio para permanecer no poder – se constitui como uma das características mais comuns da política brasileira, baseando-se por exemplo, na troca de favores, empregos e recursos.

Em relação às constantes trocas de partidos, assim afirmou Costa (2009, p.116):

A acumulação de capital político, obviamente só pode traduzir-se nesse tipo de “mais-valia” (simultaneamente concreta e artificial) se seguir as regras do jogo: aceitar as adesões sem perguntas incômodas, “esquecer o passado” dos atuais aliados, manter as práticas do “toma-lá-dá-cá”, assumir o discurso hegemônico de hoje como se diretriz de toda uma vida fosse.

Esta grande capacidade de incentivar o esquecimento dos fatos que se passaram é também uma das principais características e praticamente comum a todo o cenário político brasileiro, fazendo-se uso de um discurso que busca convencer o eleitor de que as ideias e propostas divulgadas nas campanhas em andamento estão em plena conformidade com o que se propunha e se divulgava anteriormente, em qualquer que fosse o partido, já que isto, afinal, não importaria tanto, pois o eleitor nem lembraria ou perceberia tal alternância.

Quanto à vinculação da manifestação regueira com a política em 2008, outro candidato vinculado ao reggae que apareceu no cenário político foi Naty Nayfson, também proprietário de radiola e que tem grande apreço por parte do público do reggae de radiola, tanto o roots quanto o eletrônico, embora nas urnas, não tenha conseguido um número de votos suficientes para estar entre os eleitos para o cargo de vereador.

Mesmo não tendo concorrido para nenhum dos cargos nas eleições de 2008, os deputados Alberto Franco e Pinto da Itamaraty mais uma vez continuaram envolvidos com as medidas tomadas pelo Ministério Público Eleitoral para proibir festas no referido período com intuito, direto ou indireto, de beneficiar outras candidaturas.

Assim foi colocado no *Jornal Pequeno* em 2008:

A ação cautelar foi ajuizada com base em evento com a presença de duas radiolas de reggae que seria realizado na cidade pelos deputados estaduais Alberto Franco e Pinto da Itamaraty, aliados políticos do atual prefeito do município, José Francisco Pestana, candidato à reeleição. A chapa de Pestana tem como candidato ao cargo de vice-prefeito o irmão de Alberto Franco, Júnior Franco. Para o Ministério Público Eleitoral, a realização de um evento como o pretendido pelos deputados estaduais, às vésperas das eleições de 5 outubro configuraria desrespeito às normas eleitorais que protegem o princípio da igualdade entre os candidatos, uma vez que seria beneficiada a candidatura do próprio prefeito, que concorre à reeleição. "O evento soaria como um prolongamento da propaganda eleitoral do atual prefeito, realizando uma espécie de showmício com objetivo exclusivo de promover politicamente o candidato José Francisco Pestana", afirma o promotor de Justiça (JUSTIÇA..., 2008, p. 08).

Como foi mencionado anteriormente, mesmo com mais estas denúncias, os deputados não tiveram grandes implicações no meio político, já que além de continuarem em seus cargos; pelo menos Pinto da Itamaraty que adquiriu novamente em 2010 votos necessários para estar entre os eleitos; Alberto Franco, no entanto, ficara apenas como suplente.

É possível associar esta ideia de candidatos que se mantêm no poder – apesar de vários escândalos e denúncias envolvendo suas figuras políticas – à ideia apontada por Costa

(2009) referente aos “esquecimentos” comuns no cenário político, sendo bastante incentivados pelos candidatos e também por muitos eleitores que muitas vezes acabam não dando importância devida ao seu voto nem à questão de querer “lembrar” o que um dia dissera ou fizera o candidato, caracterizando o voto da forma como colocara o entrevistado João Paulo, “...um voto sem consciência, sem análise, por uma camisa, uma sandália, uma entrada na porta do reggae ou a metade da entrada”.

Ainda de acordo com Costa (2009), este período entre 2006 e 2010 no que diz respeito ao cenário político, fora marcado por uma significativa visibilidade da corrupção, tanto no nível municipal, quanto estadual – o que não quer dizer que nos demais períodos não ocorressem, mas sim que neste se fizera bem notória – da violência física utilizada como recurso político, com vários atos de vandalismo; da violência simbólica, utilizando-se de vários meios nas próprias campanhas políticas para macular as imagens dos candidatos adversários e também das várias denúncias de compras de votos.

Assim, da mesma forma como destacou Borba (2005), ao associar a política a um mercado de produtos e consumidores, Costa (2009) também aproxima a política a uma espécie de “negócio” que pode ter muito a oferecer aos que com ela se envolvem. Segundo Costa (2009, p. 123):

Nessas condições, a política, antes de tudo, se transformou num negócio, ou, melhor dizendo, num “modo de vida” pessoal, familiar e de grupo, assegurando sua manutenção, ascensão e reprodução social. Se tal modelo de sociabilidade, assentado numa cultura política permissiva e patrimonialista (que privilegia os interesses privados) tem profundas raízes históricas, ele, por outro lado, ganha vida nova e se atualiza nas condições de modernização conservadora conjugadas ao aumento substancial dos recursos administrados pelas prefeituras depois da Constituição de 1988.

Desse modo, observa-se mais uma vez através deste trecho citado, que apesar de bem visíveis na atualidade, várias destas práticas comuns no cenário político não são nada recentes, apenas ganhando novos detalhes que as deixam mais claras, visto que os interesses e as lutas pelo poder assim o “exigem” que seja feito no intuito de encontrar a melhor forma de convencer os eleitores no momento da votação.

E neste sentido, ao se pensar a política enquanto negócio e uma manifestação cultural, como o reggae, também enquanto produto negociável em um mercado consumidor, é possível perceber a proximidade das relações existentes entre cultura e política na sociedade, resultando na utilização da primeira como mecanismo capaz de contribuir no meio político, para ascensão e/ou manutenção no poder de sujeitos com ela envolvidos.

Em relação ao quadro político em construção para as disputas eleitorais em 2012, observa-se, por exemplo, assim como vem ocorrendo desde as eleições na década de 1990, que ainda permanece a aproximação entre a política e a cultura no Estado – e neste caso, a manifestação do reggae – aparecendo dentre os candidatos, pessoas vinculadas a este ritmo que se lançam como pretensos novos representantes dos interesses da música regueira.

Um dos candidatos ao cargo de vereador é o discotecário e apresentador de programas de reggae pela Rádio Cidade, José Jorge Lobato, conhecido como Jorge Black, também eleito recentemente para presidente da Comissão Integrada do Reggae e Turismo na gestão de 2011/2012. Assim foi publicado em *O Imparcial* de junho de 2011 sobre a eleição da Comissão pela Secretaria Municipal de Turismo e sobre as propostas de Jorge Black para a comissão:

A Secretaria Municipal de Turismo (Setur) empossou a nova diretoria da Comissão Integrada do Reggae e Turismo (CIRT) para o biênio 2011/2012. Os membros foram escolhidos através de votação direta pelos profissionais do reggae ludovicense durante a realização do V Seminário do Reggae e Turismo, no último mês de maio. [...] O novo presidente eleito da comissão, José Jorge Lobato, o "Jorge Black", comentou que sua gestão será voltada para a integração e para desenvolvimento do reggae na cidade. "Eu desejo que nós do reggae possamos trabalhar de maneira integrada e que façamos muitos projetos juntos, sempre em parceria com a Setur. Agradeço a credibilidade junto aos parceiros e estamos à disposição para o que for preciso", agradeceu (SETUR..., 2011, p. 07).

Um mês depois, Jorge Black apareceu entre os candidatos para vereador, embora, segundo foi colocado anteriormente a partir das informações obtidas na Secretaria de Turismo, não haja vinculações diretas entre a Comissão e as candidaturas lançadas.

Outro candidato vinculado à manifestação do reggae em São Luís, através da edição de páginas da Internet é César do Egito Lopes Gonçalves Filho, conhecido como Cesinha do Egito, e que em seu blog coloca dentre outros assuntos, informações e opiniões sobre a manifestação regueira, bem como a respeito dos acontecimentos políticos em voga.

Em uma das publicações feitas neste blog, assim foi colocado, sobre a associação do reggae com a política no Estado:

O Reggae e a Política no Maranhão tem tudo a ver, a música jamaicana está hoje em todos setores da sociedade ou seja agradando "gregos, regueiros e troianos". [...] Quando fazemos a ligação entre o reggae e política basta observar que em época de eleição as músicas dos candidatos são no ritmo jamaicano. Eles dançam reggae, beijam os regueiros e invadem os salões de norte a sul do estado. Podem até não gostar de reggae mas sabem que é o ritmo mais influente. Na grande maioria dos municípios os líderes são regueiros e na capital pelo menos 70% do povo envolvido em campanha é humilde e gosta de reggae. As bandeirinhas, os "homens bikes", os motoras de carros de som, as meninas nos bairros distribuindo santinhos na grande maioria são regueiros, ajudando a eleger alguns políticos que na verdade tem nojo de reggae. política é popular. O reggae também Além de ser a

melhor opção, o reggae oferece uma ótima diversão para os menos favorecidos. É impossível separar o reggae da política no Maranhão porque existe uma ligação direta com o povo. (GONÇALVES FILHO, 2010).

Estas palavras foram publicadas em dezembro de 2010 e podem ser capazes de expressar o modo como esta vinculação entre reggae e política tem se fortalecido cada vez mais, seja através de pessoas que se aproximam da manifestação para ter maior apoio político, como também de pessoas que já tinham alguma ligação com o reggae e se lançam no cenário político sob o discurso de necessidade de mais representantes deste ritmo dentro da política, tanto que 2 anos depois, o próprio César do Egito aparece entre os candidatos para disputa eleitoral em 2012.

A aproximação entre os campos político e cultural – que neste caso está representado pelo ritmo regueiro – tem adquirido proporções cada vez maiores também em nível nacional. Recentemente, por exemplo, foi criado o Dia Nacional do Reggae, a ser comemorado no dia 11 de maio, sancionado pela Lei 12630/2012. Segundo a Lei, a escolha por este dia se dera em homenagem a um dos principais referenciais do reggae mundialmente, Bob Marley, que morreria nesta data em 1981.

Conforme foi destacado no site do jornal Estadão de São Paulo:

Mais que uma decisão presidencial, a homenagem tem caráter cultural, já que a lei também é assinada pela ministra da Cultura, Ana de Hollanda, e ainda um fundo racial, pois o mesmo também leva a assinatura da secretária de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Luiza Helena de Bairros (DILMA..., 2012)

De acordo com este trecho publicado é possível observar que talvez se tenha tentado atribuir um sentido social para criação desta lei – quando menciona a participação da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial na legitimação da mesma – além dos sentidos político e cultural, inerentes ao ato, talvez na tentativa de demonstrar um interesse por incentivar a redução dos preconceitos contra o ritmo regueiro.

Também como meio de discutir questões ligadas aos problemas por que passa a manifestação regueira no Maranhão, no que diz respeito a práticas de violência e estigmatização contra o reggae, a Secretaria de Estado de Direitos Humanos e Cidadania, se propôs a contribuir para a realização de um Seminário debatendo estes aspectos, segundo foi colocado no *Jornal Pequeno* em 2011:

O intuito é de promover sensibilizações e mecanismos de combate às práticas de violência e estigmatização, com ações de prevenção. Na oportunidade, serão apresentadas experiências colocadas em prática pelo Movimento Reggae, como projetos de inclusão social, de geração de emprego e renda, entre outros. O seminário tem o apoio da Secretária de Estado de Direitos Humanos e Cidadania. (Sedihc)(SEMINÁRIO..., 2011, p. 12).

Quanto à busca por solucionar problemas de práticas de violência contra a manifestação do reggae, em fevereiro de 2012 – após abordagens policiais em festas promovidas por donos de radiola, com prisões de alguns deles e apreensões de seus equipamentos – foi feita uma reunião entre a Secretaria de Segurança do Estado e proprietários de radiola e clubes com o intuito de entrar em um acordo quanto ao som das aparelhagens utilizadas.

Segundo foi colocado no Jornal *O Imparcial*, a reunião foi solicitada pelo Deputado Federal Pinto da Itamaraty, que também fora prejudicado com uma dessas apreensões. Assim foi publicado:

Entendo que as blitzes ocorrem devido a uma questão disciplinar, e não política, como dizem por aí. A operação anti-poluição sonora é uma medida legal e nós temos que reconhecer e respeitar. O que nós queremos é a realização da medição sonora de forma adequada e uma correta abordagem policial", afirma Pinto. "Se não houvesse o ajustamento entre as partes, eu poderia ir até à governadora, para resolver a questão", diz o deputado. Além da Itamaraty, também foram apreendidas no final de semana passado as radiolas Estrela do Som, na Cidade Operária, e FM Natty Nayfson, no Anil. Também foram presos Ferreirinha, dono da Estrela do Som, DJ Natty Nayfson, dono da radiola que leva seu nome, e o DJ Robertchanko, da Itamaraty, todos liberados após pagamento de fiança de R\$ 2 mil. As abordagens policiais foram alvo de duras críticas na reunião (AZEVEDO, 2012, p.13)

É possível notar, de acordo com o Jornal *O Imparcial*, que o Deputado Federal tenta demonstrar firmeza em suas palavras para defender a manifestação do reggae contra abusos policiais que teriam sido praticados nas festas, colocando-se à disposição de procurar uma instância superior, que no caso seria o Governo do Estado, para intervir no caso, mas segundo também informou *O Imparcial* nesta mesma matéria, o Secretário de Segurança afirmou que logo seria possível resolver o problema sem prejuízos a nenhuma das partes, nem ao trabalho dos policiais contra excessos de altura nos sons, nem aos donos de radiola com suas festas.

Observam-se assim, as estreitas relações que vêm se construindo e/ou se evidenciando ainda mais na sociedade maranhense, no que diz respeito à aproximação da política com a cultura, através do ritmo regueiro, por exemplo, dentro do qual cresce o número de pessoas a ele vinculado e ao mesmo tempo tentando ascender no cenário político, nem todos, entretanto, conseguindo se manter no poder.

3.2 O que diz o eleitor regueiro

A interligação da música regueira com a política no Maranhão é algo bastante perceptível dentro da sociedade e é inegável que boa parte do público regueiro também esteja ciente desta aproximação entre os dois campos – visto que as próprias campanhas eleitorais são marcadas por elementos que tentam despertar a atenção do eleitor para determinado candidato, seja através de músicas, frases, vestuário ou comportamento nas propagandas – e isto que não quer dizer que haja necessariamente uma ampla aceitação por tal envolvimento.

Contar com uma boa divulgação de campanha é essencial para as candidaturas, sobretudo por meio das mídias de televisão e rádio, por serem estas de maior acesso do eleitorado.

No que diz respeito à influência que os meios de comunicação podem ser capazes de exercer sobre as decisões e escolhas dos eleitores, o autor Jean-Noel Jeanneney (2003, p. 221) destaca:

Assim é que existe uma influência específica do rádio, e sobretudo da televisão, na vida política, influência na qual nem sempre se pensa, pois ela escapa ao mesmo tempo ao imediato e ao intencional: é aquela em que o poder dos microfones e das câmeras exerce sobre os modos de expressão dos atores. A eloquência dos políticos foi certamente modificada por isso – a forma, a expressão, o vocabulário e a sintaxe e talvez também seu gestual, sua maneira de se vestir e de se mover.

É importante lembrar, então, o quanto se faz necessária a habilidade em articular as palavras e ideias com o intuito de encontrar as melhores formas para convencer os eleitores sobre suas propostas e por isso diante das mídias de divulgação das propagandas, os candidatos precisam estar preparados o mínimo possível no momento de se apresentar nos programas eleitorais e programas de rádio ou televisão.

Apesar de todos os recursos – econômicos, políticos e midiáticos – que têm sido utilizados nas campanhas políticas, de acordo com boa parte dos entrevistados para esta pesquisa, muitos eleitores que constituem o diversificado público do reggae, têm procurado ficar mais atentos na hora de dar um voto a alguém vinculado à manifestação regueira e que próximo às eleições se apresente como candidato para representar o reggae no meio político.

Como já foi mencionado anteriormente, segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral, pessoas ligadas ao reggae vêm lançando candidaturas desde o início da década de 1990, algumas conseguem votos necessários para se alcançar os cargos, mas dificilmente conseguem aprovação suficiente para se reeleger nos mesmos cargos ou em cargos diferentes. O processo inverso também acontece: pessoas que já tinham uma significativa vivência

política, em uma eleição se aproxima da manifestação regueira e são eleitas, mas não conseguem repetir o feito nas eleições seguintes.

Neste sentido, Pinto da Itamaraty vem se destacando no cenário político maranhense por estar conseguindo se manter desde o ano 2000 dentre os eleitos para algum dos cargos disputados, tendo iniciado como vereador e atualmente é Deputado Federal. Houve rumores de que ele poderia ser lançado como candidato a Prefeito para o pleito eleitoral de 2012, mas isso não aconteceu.

Quanto a esta aproximação da política com a cultura, a maioria dos entrevistados durante esta pesquisa, demonstraram acreditar que poderia ser algo bom e válido para o reggae, porém se na prática fossem desenvolvidas ações em benefícios significativos para o público regueiro.

Na opinião de Mihael Nicássio¹³, que afirmou ter envolvimento maior com o reggae há pouco tempo, mas que tem muito apreço por este ritmo, afirmando sentir algo diferente do que sente por outros ritmos:

Pelo que eu observo, é que tem muita gente que é dj, dono de radiola ou que de alguma forma ta envolvida com o reggae e aí quando chega na época de campanha política ficam tentando se promover e tem muita gente que realmente gosta de reggae, que frequenta; outros não, só se aproximam mesmo para se promover e aí as pessoas que realmente gostam do rimo acabam aderindo a estas campanhas, e sendo assim, na verdade nem sei se esta é uma mistura assim muito boa...Seria muito boa, se tivesse um bom retorno, mas aí parece que só tem é mais festa de reggae, com entrada liberada, e isso e aquilo, é só o que tenho visto mesmo.

Para o entrevistado Thiago Pablo¹⁴, que também passou a gostar do ritmo há pouco tempo, apesar de suas raízes familiares terem fortes vínculos com o reggae, já que seu pai é também discotecário:

Essa relação da política com o reggae é algo que depende muito, tem seu lado bom e seu lado ruim porque tem muita gente que infelizmente se usa do reggae apenas em benefício próprio, pra ganhar nome e voto, e tem pessoas que se aproveitou do seu nome dentro do reggae e foi pra política, alguns saíram e outros ainda tão lá, mas eu acho que isto é muito relativo mesmo, depende de quem são as pessoas e dos projetos que ela apresenta.

Através das entrevistas, observa-se que muitos destes apreciadores do reggae que frequentam bares e clubes e que constituem parte do público regueiro – e que obviamente, também são eleitores – apontam a necessidade de um retorno mais significativo à manifestação regueira por parte destes candidatos que se aproximam do ritmo no período das

¹³ Entrevista realizada no dia 03 de agosto de 2012 com Mihael Nicássio Silveira, 23 anos, técnico de informática.

¹⁴ Entrevista realizada no dia 03 de agosto de 2012 com Thiago Pablo Carvalho, 24 anos, operador de sistemas.

campanhas eleitorais, muitas vezes alegando que poderão ser seu representante no cenário político e depois acabam não fazendo ou pelo menos não demonstrando muito bem benefícios em prol do reggae e/ou da população em geral.

Em relação a esta questão, José de Ribamar Coelho¹⁵, mais conhecido como Saci, assim afirmou:

Se a galera que a partir dele detém um certo poder, por exemplo, a galera da radiola, se eles tivessem a sacação que esse ritmo pode mudar socialmente, não vai salvar o mundo, mas através desse ritmo, mas sério e não só diversão, não só sensualidade, mas através dele você tirar o bom proveito, porque a forma como ele congrega jovens, crianças, adultos mesmo, é impressionante... Mas aí não, é mais fácil você entregar para um regueiro uma saca de arroz para segurar ele e aí vem um político e diz: “Ó, eu tenho um trabalho pra ti tem uma determinada figura que eu quero que tu ajude”... É, tem muita gente que acaba monopolizando; saber, eles sabem, mas se eles tivessem a hombridade, a fé, a consciência, a vontade de realmente usar o reggae como uma forma de transformação social, como eu disse ainda há pouco, é uma cidade com 365 dias respirando reggae, é o maior entretenimento que congrega para mais de 2 milhões de pessoas durante o ano, é o lazer mais barato que existe na face da terra, que hoje em dia é de gari à presidente.. tanto prova que tem o dia nacional do reggae, não é só maranhense, que é o dia 11 de maio, o nosso aqui é 5 de setembro, que vai coincidir com o aniversário da cidade, sabe as pessoas aproveitam, eu apanhei por ser regueiro, hoje em dia neguinho utiliza o reggae como uma forma de sabe... é mais um bem querido na cidade, é mais um bem querido do Estado, como se eles fossem o detentor da sabedoria e da ascensão do reggae.

Um ponto importante a se destacar, a partir destas afirmações de Saci, refere-se à crença que ele demonstra ter na ideia de que o reggae pode ser muito melhor utilizado dentro da sociedade – além do lazer e diversão que proporciona ao seu diversificado público – na medida em que pode servir como elemento capaz de contribuir para mudanças sociais, talvez por exemplo, com investimentos em projetos e ações que envolvam crianças e jovens e que visem um desenvolvimento destes nas áreas educacional, cultural e até profissional.

No entanto, ainda de acordo com o que se pode notar por meio da entrevista realizada com Saci e também segundo a opinião de outros entrevistados, o que tem sido mais comum, é o uso do reggae enquanto elemento com capacidade para incentivar as práticas econômicas e turísticas no Estado e como instrumento para auxiliar no crescimento dos agentes com ele envolvido dentro do quadro político.

Neste mesmo sentido, quanto a esta forma de utilização do reggae com finalidades, que vão além do entretenimento e aquém de práticas que possam contribuir socialmente para o desenvolvimento dos indivíduos, assim comentou João Paulo:

¹⁵ Entrevista realizada no dia 03 de agosto de 2012 com José de Ribamar Coelho, conhecido como Saci, 57 anos, professor de dança e atualmente também é um dos vocalistas da Banda Guetos.

Acho que eles se apropriam de forma indevida, errada, eu acho que se eles fizessem políticas públicas para o movimento do reggae, eu acho que seria interessante, esse seria o caminho, mas eu não vejo assim isso acontecendo, acho que se apropriam daquele mercado, por exemplo, se lançando e se denominando como representantes do movimento reggae na política, só que na verdade, políticas públicas para o movimento não se vê, ainda tá muito fraco, porque assim, tem as táticas que eles utilizam, por exemplo, um grande dono de radiola, baixa os preços num determinado evento e isso aí vai fazendo o nome dele, então se era 10 reais ele cobra 5, 3 reais e faz uma mídia gigantesca em cima disso, então as pessoas com menor instrução, acham que ele é pessoa maravilhosa, gente muito boa e mais na frente no processo eleitoral acabam votando nele.

A partir deste trecho da entrevista é possível destacar algumas ideias colocadas como, por exemplo, a questão do ato de apropriar-se do ritmo regueiro e dele fazer uso para se lançar ou avançar dentro da política e utilizando-se de mecanismos como a redução dos preços das entradas nas festas visando atrair mais pessoas e possíveis eleitores.

Assim, três conceitos anteriormente trabalhados no primeiro capítulo e que podem ser neste ponto lembrados referem-se, por exemplo, à noção de apropriação, que neste caso, seria o uso deste objeto cultural como elemento contribuidor para ascensão política na sociedade; as estratégias, que seriam os mecanismos usados pelos candidatos para o alcance de votos e, por sua vez, as táticas que seriam os atos dos eleitores ao decidirem votar em tais candidatos.

Além de demonstrar estar mais atentos a este envolvimento da música regueira com a política, quando foi perguntado aos entrevistados a respeito da possibilidade destes votarem ou não em candidatos vinculados direta ou indiretamente ao reggae, a maior parte deles afirmou que nunca votara, porém até poderiam fazê-lo, desde que o candidato fosse alguém que apresentasse propostas boas, viáveis e de certo modo, mais convincentes quanto à probabilidade de ser cumpridas no mandato; alguns disseram que nunca votariam por não acreditar que tal vinculação pudesse realmente trazer benefícios significativos para esta manifestação.

Sobre a decisão de votar ou não em pessoas ligadas ao reggae e também sobre o que pode estar influenciando muitos eleitores na escolha do voto, assim afirmou Mário Jorge¹⁶ durante a entrevista:

Eu acho que hoje se pensa muito assim, não só o regueiro, mas a maioria do povo, acho que os eleitores de um modo geral pensam assim: “que se ele tá me ajudando, to nem aí se ele vai fazer alguma coisa pelo meu município ou meu estado, se ele tá me ajudando, à minha família, então eu vou votar nele”. Infelizmente muitas pessoas pensam desse jeito, mas eu não. Eu nunca votei em alguém ligado ao reggae, mas

¹⁶ Entrevista realizada no dia 03 de agosto de 2012, como Mário Jorge Moraes Júnior, 22 anos, estudante de Engenharia Elétrica.

também não posso dizer que nunca votaria porque, sabe, se o candidato apresentasse realmente boas propostas, por que não votar?

Assim como Mário Jorge, outros entrevistados também afirmaram que ainda existem muitos eleitores que são influenciados pela satisfação de alguma necessidade pessoal ou familiar, ou seja, muitos ainda têm o ato de negociar seu voto, visando interesses particulares.

No que diz respeito à existência de benefícios proporcionados pela aproximação entre a política e a música regueira, a maioria dos entrevistados informou que na prática não percebem muitas ações significativas ou mesmo o retorno que se espera destes candidatos que se elegem também com o apoio do ritmo regueiro.

Quanto a estas questões assim colocou Naty Nayfson:

Bem, você sabe que tudo gira em torno da política; tudo o que você pensar tem que ter a política no meio então o reggae não podia tá fora, tanto é que hoje nós temos deputados no contexto político e de certa forma é bom para o reggae porque o reggae é discriminado e a gente tem que ter uma pessoa para defender e ter o poder ao nosso favor, tem essa vantagem também, se não ficaria alheio ao reggae, é preciso representar nossa categoria...Mas também é muito flutuante; às vezes tem muita proposta, mas ai depois se esquece, a gente tem que sempre tá cobrando quem a gente vai apoiar porque o reggae precisa disso e daquilo e temos sempre que tá cobrando... Tem um certo retorno, mas não é o retorno esperado, é difícil, a política é sempre complicado, é muita coisa pra fazer e não se pode olhar somente para o reggae, a gente ta sempre cobrando deles, porque é realmente uma luta demorada. Quando a gente vai e coloca um projeto na secretaria de cultura, ah menina, pra sair esse projeto de lá é difícil demais porque ainda é discriminado demais, então o que a gente criou o nosso próprio recurso, dificilmente eu consigo um patrocínio por causa da discriminação [...] Então praticamente o reggae tem seu próprio recurso porque é difícil conseguir recurso pra ele.

Adriana Nogueira também afirmou:

Olha, falar sobre isso é um pouco complicado, mas pra falar a verdade eu acho que o regueiro acaba perdendo, tem pouco retorno, é aquela coisa de festa, dia disso, dia daquilo, é uma alegria que dura ali naquele dia da festa e eu não vejo as promessas, o que a galera diz que vai fazer e acaba não fazendo e é mais ou menos por aí [...].

Observa-se então, que não somente o público frequentador de festas de reggae ou apreciador do ritmo demonstra perceber a necessidade de um melhor retorno para a manifestação, mas também agentes envolvidos com a produção de reggae como por exemplo, foi destacado pela cantora Adriana Nogueira e no caso de Naty Nayfson, em sua entrevista, referiu-se também à dificuldade de conseguir apoio ou patrocínio nas próprias festas que são promovidas por sua radiola.

Outro ponto que a maioria dos entrevistados, constituinte do público de reggae, relatou não saber dizer foi em relação à qual é a data escolhida para comemorar o Dia Municipal do Regueiro, embora já tivessem ouvido falar nesta; e quanto à existência do Dia

Nacional do Regueiro, a maioria informou desconhecê-lo, talvez em função de ter sido criado este ano, há poucos meses, sem grande repercussão e que segundo afirmou a discotecária Nega Glícia, a proposta para legitimação deste dia teria sido feita por um deputado da Bahia, local onde a manifestação do reggae é mais direcionada ao reggae de banda.

Assim destacou Nega Glícia sobre o *Dia Nacional do Reggae* e sobre a relação do reggae com a política:

Essa aproximação da política com o reggae dependendo muito da pessoa, com certeza.. Por exemplo, lançaram o Dia Nacional do Reggae e foi um deputado de Salvador que fez a proposta, pode? A parada deles é diferente da nossa, de banda, a galera de lá, aqui é a radiola... A parada da política é importante sim porque o reggae é política, mas agora caindo na mão da pessoa certa, que eu ainda não vi acontecer.

Desta forma, observa-se que, de um modo geral, as opiniões acerca do que tem ocorrido no cenário político maranhense – quanto à interligação cada vez mais intensa entre os objetos culturais, neste caso, destacando-se a música regueira, e os aspectos políticos e eleitorais – convergem para a ideia de que seria importante e inevitável que as práticas políticas se vinculem às práticas culturais, mas há uma necessidade maior de que se desenvolvam ações que possam trazer benefícios significativos para o público regueiro e para a população como um todo, como por exemplo, chegou a ser citada por entrevistados, a criação de creches, bibliotecas e trabalhos para auxiliar na educação de crianças e adolescentes e ao mesmo tempo aproximá-los de manifestações culturais como o reggae.

Como exemplos deste tipo de trabalho, que também foi reconhecido por boa parte dos entrevistados, é possível citar aquele desenvolvido pelo Grupo GDAM – embora, este não utilize apenas o reggae como instrumento de incentivo educacional, mas também com outras manifestações afro maranhenses – e pelo Grupo Garotinhos Beleza, que chegou a ser notícia em 2005 no site do *Jornal Hoje* pela Rede Globo de Televisão. Assim foi publicado na matéria:

O que matemática e português têm a ver com o reggae? Tudo a ver quando a idéia é mostrar que estudo e manifestação cultural andam juntos. No Maranhão, o desempenho escolar serve de passaporte para meninos e meninas que sonham fazer parte do projeto Garotinhos Beleza, um grupo de dança de São Luís. As crianças estão ficando famosas entre os vizinhos. “Tenho um grupo de reggae no bairro”, disse um garotinho. Ter boas notas no boletim é uma exigência para dançar no grupo. A seleção começa com provas de português e matemática. Só então os candidatos podem passar para a segunda etapa: o teste do reggae. Graças ao dom de dançar, o vendedor de jornal Jordman deu os primeiros passos para formar a Companhia de Reggae. Há dez anos, Jordman começou a ensinar aos filhos. Hoje o grupo tem 20 pequenos bailarinos, que ensaiam três vezes por semana na quadra do bairro vizinho. As mães também estão lá. Jonatan e Silmara têm que se esforçar para acompanhar o ritmo. Eles acabaram de entrar no grupo, mas já estão conhecendo os segredos de um bom regueiro. “Quem não respeitar o pai sai do grupo”, disse Jonatan (GAROTINHOS..., 2005, p. 02).

Estes dois grupos, atualmente caracterizados como ONG's (Organizações Não Governamentais), fazem parte do Roteiro *Capital Brasileira do Reggae*, elaborado pela Secretaria Municipal de Turismo, mas que segundo Nair Michele ainda está em fase de redefinições e que deve ter a finalidade de indicar aos interessados, pontos turísticos vinculados à manifestação do reggae. A ONG Garotinhos Beleza, por exemplo, esteve entre as rotas turísticas disponibilizadas pela Universidade Federal do Maranhão durante a realização do evento da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) em julho de 2012.

A partir do que foi mencionado pelos entrevistados e notando-se que as ideias que eles destacaram como necessárias para melhor aproveitamento do reggae – no sentido de fazê-lo servir como mais do que um elemento de diversão e lazer – têm possibilidades de serem realizadas, não apenas por ONG's, mas também dentro do quadro de projetos e ações políticas governamentais, desde que haja uma contribuição mais significativa, principalmente, por parte dos candidatos que conseguem se eleger também com a ajuda do público regueiro que, às vezes acaba lhes confiando votos na expectativa de que algum benefício social possa ser construído.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto, é possível observar o quanto têm se crescido as relações que envolvem as práticas culturais, econômicas e políticas em uma sociedade. A manifestação da música regueira no Maranhão, tomada como base de estudo para esta pesquisa, revela-se como importante objeto cultural em torno do qual podem ser percebidas as fortes influências que os aspectos de âmbito econômico e político são capazes de exercer sobre os elementos culturais.

É inegável a forte atração que este ritmo sempre exercera sobre alguns segmentos da população maranhense desde que aqui chegara, sendo geralmente alvo de inúmeras formas de discriminação, tanto devido às suas origens rítmicas africanas quanto por ter se propagado inicialmente entre os setores menos favorecidos financeiramente na sociedade.

Na medida em que o reggae conseguia conquistar, cada vez mais, um maior número de pessoas que o tinha como principal opção de lazer e diversão, passando a lotar as festas, ia despertando também a atenção dos donos dos locais onde estas ocorriam, bem como dos donos das radiolas e responsáveis por tocar as músicas, os discotecários, mas ainda sob olhares preconceituosos de várias outras classes sociais.

Aos poucos a música regueira chegou aos espaços da classe média, conseguindo ali também uma boa aceitação e chegando aos meios de comunicação como o rádio e a televisão que contribuíram para melhor divulgação do ritmo. Quando se passou a perceber que o reggae poderia oferecer muito mais do que uma forma de entretenimento para a sociedade, já que começava a gerar importantes lucros financeiros para os proprietários das radiolas, discotecários e donos de clubes e salões de festas, mais e novos investimentos passaram a ser feitos no sentido de atrair ainda mais pessoas para o ritmo e na tentativa de redução dos preconceitos contra esta manifestação cultural.

As peculiaridades nas formas de dançar e as diferenças nas formas de produção da música regueira no Maranhão – lembrando-se que aqui ela se manifesta sob o estilo roots e o eletrônico, característicos no movimento das radiolas, e através do reggae produzido pelas bandas, também sob o estilo roots, embora com um público ainda menor, mas em crescente aceitação – chamaram a atenção do turismo para as possibilidades de uso do reggae como forma de incentivar a expansão deste setor, pois muitas pessoas de outras localidades demonstravam interesse por conhecer “o reggae que toca no Maranhão”, e conseqüentemente isto, poderia trazer bons resultados econômicos para o Estado, a partir do aprimoramento do setor turístico.

Hoje é possível afirmar que o reggae já atingiu as classes mais altas da sociedade, embora isto não signifique necessariamente que a discriminação tenha desaparecido, pois como foi observado com esta pesquisa, em alguns casos, ela se mostra de modo bem evidente e em outros, aparece sutilmente através de um simples olhar, comportamento ou discurso. É importante lembrar que foi destacado por vários entrevistados que hoje muitos frequentam lugares onde tocam o ritmo do reggae por uma questão de “modismo”, termo bastante utilizado durante os depoimentos, por está acontecendo uma mudança de concepções que favoreceria o apreço por manifestações como o reggae na sociedade.

A discriminação ainda se faz bem notória sobretudo quanto ao reggae eletrônico, predominante em boa parte do movimento das radiolas, pelo fato de ser considerado por muitos, como uma desvirtuação do reggae vindo da Jamaica ou pelo fato de possuir um público menos favorecido do ponto de vista econômico e social e diferente do que costuma frequentar os bares considerados mais elitizados devido a sua localização.

Desse modo, a partir da pesquisa feita, pode-se notar que a música regueira tem servido como importante instrumento de obtenção de lucros financeiros na sociedade maranhense para vários agentes com ela diretamente envolvidos, principalmente os que trabalham com o movimento do reggae das radiolas – como, por exemplo os discotecários, proprietários de radiolas, bares e salões de festas de reggae, compositores para radiolas – já que para o movimento das bandas, segundo afirmaram alguns entrevistados, as dificuldades de retorno financeiro são um pouco maiores em função deste tipo de trabalho ainda ter uma repercussão ainda menor, embora já se tenha tentado, inclusive, em algumas oportunidades, aproximar ou unir os dois movimentos, mas encontrando-se muitas barreiras e rejeições por parte de muitos representantes do reggae das radiolas.

Outro ponto observado refere-se ao destaque cada vez maior que as mulheres passaram a ter no cenário regueiro maranhense, ocupando variados espaços que não mais apenas o de dançarinas, mas também aparecendo como cantoras, compositoras e discotecárias nas festas, poucas ainda conseguindo manter seu sustento exclusivamente destes trabalhos – diferente do que acontece com muitos homens dentro desta manifestação, que sobrevivem apenas do reggae – e quase todas apresentando coragem e determinação para enfrentar as várias dificuldades e preconceitos ainda existentes por serem mulheres e estarem ocupando espaços anteriormente de predominância masculina.

Além de estar se constituindo como um elemento de forte contribuição para o crescimento econômico de vários agentes vinculados à produção do reggae no Maranhão, a música regueira também vem sendo utilizada como instrumento que tem possibilitado a

ascensão de pessoas interligadas a esta manifestação dentro do cenário político e de pessoas já envolvidas no quadro político estatal ou municipal e que se aproximam do reggae para crescer politicamente.

Esta vinculação entre cultura e política na sociedade maranhense, e mais precisamente neste caso, com a música regueira, conforme esta pesquisa realizada, é algo que tem ocorrido desde a década de 1990 e até os dias atuais se fortalece e se faz notar de um modo cada vez mais claro, sobretudo nos períodos em que se aproxima o dia das eleições.

Dentre os agentes vinculados ao reggae e que se lançam na política como candidatos, o que mais se observa é a presença de pessoas participantes do movimento direcionado ao reggae de radiola, principalmente os grandes proprietários destas, como já o fizeram Naty Nayfson, Ferreirinha da Estrela do Som e Pinto da Itamaraty que ainda hoje se mantém no poder. Quanto ao reggae das bandas, não tem sido observado representantes destas lançando-se como candidatos. Os entrevistados também afirmaram que é mais comum se vê proprietários de radiolas e discotecários nas disputas eleitorais do que pessoas ligadas ao movimento das bandas de reggae maranhense.

Embora ainda não tenham sido lançados diretamente como candidatos, sabe-se do apoio que alguns deles oferecem a um ou outro candidato. Recentemente, por exemplo, tem sido possível perceber o apoio dado pelo vocalista da banda Tribo de Jah, Fauzy Beydoun, a um dos candidatos para as eleições de 2012, Washington Luiz, que exercia o cargo de vice governador do mandato atual; em algumas páginas da Internet chegou-se a ser publicado que Fauzy seria lançado como candidato a vereador, contudo, ao final do registro das candidaturas seu nome não aparecera.

Na tentativa de apontar alguns elementos que possibilitassem uma reflexão acerca dos fatores que têm influenciado os comportamentos dos indivíduos diante dos fenômenos políticos na sociedade maranhense, ou seja, as ações e motivações que podem incentivar os eleitores no momento das escolhas de seus votos – caracterizando as chamadas culturas políticas – buscou-se analisar as opiniões dos entrevistados sobre tais questões, sobre o modo como partes do diversificado público regueiro e de pessoas vinculadas à produção do ritmo têm percebido este forte entrelaçamento da cultura com a política no cenário do reggae no Maranhão e também sobre a possibilidade de dar o voto a alguém que tenha vínculos diretos ou indiretos com a música regueira.

Levando-se em consideração que a maior parte dos entrevistados nesta pesquisa mantém maior apreço pelo reggae roots, com preferência para as radiolas, foi possível notar que a maioria das opiniões destacou a ideia de que as boas propostas e aquelas possíveis de

ser concretizadas é que deveriam incentivar os eleitores na hora da votação, no entanto, na realidade o que se tem notado são as grandes influências de práticas que ludibriam parte dos eleitores e os convence a votar em quem oferece benefícios apenas nos momentos das festas, sem nenhum retorno importante para este público e para a população em geral.

Os entrevistados demonstraram que veem com bons olhos a aproximação dos campos culturais e políticos e que até votariam em candidatos pertencentes a esta vinculação, desde que se pudesse realmente perceber mais compromisso nas ações desempenhadas e nas propostas apresentadas nas propagandas eleitorais.

Sabe-se que o número de pessoas entrevistadas ainda é relativamente pequeno para se afirmar com melhor precisão algumas ideias, mas a partir do que foi coletado nestas entrevistas e por meio das informações que se pode ter acesso através de jornais, revistas, ou internet é possível traçar um panorama de algumas probabilidades acerca do que vem ocorrendo no cenário político maranhense, no que diz respeito às práticas utilizadas em torno da música regueira para beneficiar alguns segmentos na sociedade.

Os dados obtidos permitem pensar que muitos dos votos conseguidos por candidatos, de alguma forma vinculados ao reggae e que conseguem se manter no poder – como tem acontecido com Pinto da Itamaraty – provêm de um público mais direcionado a festas de reggae eletrônico, visto que esta ainda é a maior especificidade da radiola de propriedade do referido político que, segundo foi apontado na pesquisa, por muitas vezes foi acusado de utilizar mecanismos indevidos em suas campanhas eleitorais, mas mesmo assim tem vencido as eleições que disputa desde o ano 2000.

Foi mencionado por alguns entrevistados que os candidatos vinculados ao reggae que um dia se elegeram e não conseguiram ser novamente eleitos ou mesmo os que nunca conseguiram votos suficientes seria em função de nada terem feito de significativo pelo público regueiro ou pela população. Apesar disto, os entrevistados não souberam informar o que de fato aqueles que conseguem retornar ao poder possam ter feito de real benefício para a manifestação regueira, exceto realização de festas e eventos, alguns com reduzidos preços. A maioria também pouco demonstrou saber sobre a existência do Dia Nacional do Reggae, do Dia Municipal do Regueiro e da Comissão Integrada do Reggae que por existir há mais de cinco anos já poderia ser de um maior conhecimento do público.

O que se observou também a respeito desta Comissão foi que os jornais que publicam algo sobre os eventos que ela realiza, apenas anunciam o que está programado para acontecer sem depois mostrar um retorno do que realmente ocorrera nos eventos, seminários e reuniões propostos, além de quase nenhuma divulgação na mídia televisiva, algo que poderia

ajudar para uma maior repercussão dos trabalhos feitos e, talvez, maior contribuição por parte de quem também se interessasse.

Desta forma, as considerações feitas acerca das diferentes possibilidades de uso de um objeto cultural, como neste caso a música regueira, permitem perceber que cada vez mais ela está inserida em um contexto de atendimento às necessidades de caráter econômico e político na sociedade maranhense, adquirindo então, outros sentidos ou finalidades de acordo com os diferentes sujeitos que dela se utilizam, reforçando-se assim, a ideia de circularidade entre práticas e representações em torno dos objetos culturais, segundo as diferentes apropriações possíveis de serem feitas.

Assim, torna-se inegável que o reggae, além de servir como elemento de entretenimento para vários agentes na sociedade, hoje ele também tem sido utilizado como instrumento de grande capacidade para gerar lucros financeiros significativos para os que trabalham direta ou indiretamente com ele, e ainda dentro do contexto político, tem contribuído para a ascensão política de pessoas de alguma forma a ele vinculadas.

Outras possibilidades de utilização talvez possam futuramente se destacar, caso sejam ampliadas as práticas em torno do reggae direcionadas ao desenvolvimento de projetos e ações que o tenham como objeto capaz de contribuir para o crescimento cultural e educacional de segmentos infantis e jovens na sociedade. Estas se constituiriam como outras formas de apropriação deste objeto e conseqüentemente influenciariam no surgimento de outras práticas e representações, assim como, nos modos de produção e recepção da música regueira enquanto objeto cultural.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Carlos. **O eterno verão do reggae**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- BARROS, José D'Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- BERSTEIN, Serge. "A cultura política". In: RIOUX, Jean Pierre e SIRINELLI, Jean François. **Para uma História Cultural**. Lisboa: Estampa, 1998.
- BORBA, Julian. Cultura política, ideologia e comportamento eleitoral: alguns apontamentos teóricos sobre o caso brasileiro. **Revista Opinião Pública**. Campinas, vol.11, nº 1, mar 2005, p147-168. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 27 abr. 2012.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1988.
- _____. Textos, impressões e leituras. In: HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- COELHO, Teixeira. **O que é Indústria Cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- COSTA, Wagenr Cabral da. "Pelo sapato furado": bipolarização e reestruturação oligárquica da política maranhense. In: COSTA, Wagner Cabral da (Org) e CARNEIRO, Marcelo Sampaio (Org). **A terceira margem do rio: ensaios sobre a realidade do Maranhão no novo milênio** São Luís: EDUFMA, Instituto Ekos, 2009.
- _____. "A bomba suja: crise, corrupção e violência no Maranhão contemporâneo (2004-9)". In: COSTA, Wagner Cabral da (Org) e CARNEIRO, Marcelo Sampaio (Org). **A terceira margem do rio: ensaios sobre a realidade do Maranhão no novo milênio** São Luís: EDUFMA, Instituto Ekos, 2009.
- FALCON, Francisco. "História e Poder". In: CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: ensaios da teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- FOUCAULT, Michel. Aula de 14 de janeiro de 1976. In: _____. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. Martins Fontes: São Paulo, 2000.
- FREIRE, Karla Cristina Ferro. **Que reggae é esse que jamaicanizou a "Atenas Brasileira"?**. 2010, 217f. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Maranhão, São Luís.
- JEANNENEY, Jean Noel. "A mídia." In: RÉMOND, René (Org). **Por uma História Política**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- NAPOLITANO, Marcos. **História e Música**. São Paulo: Autêntica, 2005.

OLIVEIRA, Paulo Rogério Costa de. **Ao som da radiola, dançando bem juntinho: configurações e identidades no reggae midiático do Maranhão**. 2009. 101 f. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

PASSOS, Iran de Jesus Rodrigues dos. “O Bumba-meu-boi Pirilampo: a expressão da cultura popular para a cultura de massa no Maranhão”. IN: PASSOS, Iran. **A transição da cultura popular para a Cultura de Massa no Maranhão: aspectos do bumba-meu-boi Pirilampo**. São Luís: Quatro Passos, 2003.

PEREIRA, Ana Lúcia Ribeiro. **A trajetória do reggae em São Luís**. 2003. 70f. Monografia (Graduação em História). Universidade Estadual do Maranhão, São Luís.

PESAVENTO, Sandra. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RÉMOND, René. Por que a História Política?. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.07, nº 13, 1994, p.7-19. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br>>. Acesso em: 19 abr. 2012.

RIBEIRO, Alessandra dos Santos. **Reggae em São Luís: um estudo sobre o ritmo como elemento de atratividade turística**. 1998. 55f. Monografia (Graduação em Turismo). Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

RIOS, Adriano Farias. “Folclore e tradição: o bumba-meu-boi do Maranhão”. In: **Nada é tão velho/ nada é tão novo no bumba-meu-boi da Maioba: uma reflexão sobre tradição / modernidade na cultura popular do Maranhão**. 2004. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Pará, Pará.

RUSSEL, Karie. Mulheres DJs num mundo de homens – queremos respeito. In: CARDOSO, Marco Antonio (Org). **A magia do reggae**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 1997.

SANTOS, Fábio Abreu. **Produção e consumo do reggae das radiolas em São Luis: significados, simbolismos e aspectos mercadológicos**. 2009, 229f. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SILVA, Ângela Saraiva. **No embalo das canções: um estudo sobre a música regueira no Maranhão (1980-2006)**. 2006. 102 f. Monografia (Graduação em História Licenciatura). Universidade Estadual do Maranhão, São Luís.

SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. **Da terra das primaveras à ilha do amor: reggae, lazer e identidade cultural**. São Luís: EDUFMA, 1995.

_____. **Ritmos da identidade: mestiçagens e sincretismo na cultura do Maranhão**. 2001, 213f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

VAINFAS, Ronaldo. “História das mentalidades e história cultural”. In: CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: ensaios da teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

ARTIGOS E SITES DA INTERNET

BARROS, José D'Assunção. História Política, Discurso e Imaginário: aspectos de uma interface. **Revista de História** [12]; João Pessoa, jan./ jun. 2005. Disponível em <<http://www.cchla.ufpb.br>> Acesso em: 18 abr, 2012.

_____. A Nova História Cultural: considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**. Disponível em <<http://periodicos.pucminas.br>> Belo Horizonte, v.12, n. 16, 1º sem. 2011. Acesso em 18 abr, 2012.

BRASIL, Marcus Ramúsyo de Almeida. Processo histórico das mídias de reggae em São Luís/MA: 30 anos. Disponível em: <<http://www.jornalismo.ufsc.br>>. Acesso em: 20 abr. 2006.

DILMA cria Dia Nacional do Reggae. 14 mai. 2012. Disponível em: <www.estadao.com.br> Acesso em: 12 jun. 2012

FERREIRA, Maria de Moraes. A nova “velha história política”: o retorno da história política. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.5, nº10, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br>>. Acesso em: 19 abr. 2012.

GAROTINHOS Beleza. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornalhoje>> 28 nov. 2005. Acesso em: 23 mai. 2012.

GONÇALVES FILHO, César do Egito Lopes. O Reggae e a política: a verdade dos fatos. 22 dez. 2010. Disponível em: <<http://cesardoegito.blogspot.com.br>>. Acesso em: 22 mai. 2012.

LEI nº 4102 de 30 de outubro de 2002. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br>> Acesso em: 12 jun. 2012.

LEI nº 12.630, de 11 de maio de 2012. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>> Acesso em: 12 jun 2012.

SÃO LUÍS, a Ilha do Reggae, investe em capacitação. Disponível em: <www.portalaz.com.br> 29 set. 2008. Acesso em: 18 ago. 2012

DOCUMENTOS PESQUISADOS

AZEVEDO, Patrick. Reunião entre proprietários de aparelhagens e de clubes com representantes da Secretaria de Segurança. **O Imparcial**. São Luís, p. 13, 04 fev. 2012.

BEZERRA, Cássio. A Jamaica Brasileira. **O Imparcial**. São Luís, p.11, 07 set. 2011.

FABIANA Rasta. **Revista Reggae Brasil**. São Paulo, vol 03, p.12. 2012.

FERREIRA, Tarcísio. O reggae maranhense e sua crise de identidade. **Jornal Pequeno**. São Luís, p.7, 22 jun. 2008.

JUSTIÇA proíbe realização de festa de reggae no aniversário de Cururupu. **Jornal Pequeno**. São Luís, p.08, 4 out. 2008.

HOJE divas do reggae se apresentará no novo trapiche. **O Imparcial**. São Luís, p.04, 09 dez. 2011.

MARTINS, Samartony. Reggae nos 400 anos de São Luís. **O Imparcial**. São Luís, p.11, 10 mai. 2011.

MINISTÉRIO Público pede cassação do deputado Pinto da Itamaraty. **Jornal Pequeno**. São Luís, p.8, 04 jan. 2007.

MINISTÉRIO Público investiga Pinto da Itamaraty e Alberto Franco por abuso de poder econômico. **Jornal Pequeno**. São Luís, p.8, 14 out. 2006.

MOREIRA, Lino Raposo. Ainda o reggae. **O Estado do Maranhão**. São Luís, p.06, 14 jan. 2005.

MOREIRA, Lino Raposo. Reggae do Maranhão. **O Estado do Maranhão**. São Luís, p.06, 14 jan. 2001.

MOREIRA, Lino Raposo. Reggae no samba. **O Estado do Maranhão**. São Luís, p.05, 26 fev. 2012.

MOSCOSO, Sílvia. Reggae vira filão de negócios em São Luís. **O Estado do Maranhão**. São Luís, p.14, 23 jul. 1995.

PREFEITURA realiza VI Seminário de Reggae e Turismo nesta quarta-feira. **O Imparcial**. São Luís, p.08, 29 mai. 2012.

PROJETO São Luís Ilha promove Seminário Investimento e Cursos de Marketing e Elaboração de Projetos **Jornal Pequeno**. São Luís, p.08, 05 set. 2008.

REGUEIROS comemoram 1 de maio com pré candidatos da frente. **O Imparcial**. São Luís, p.4, 03 mai. 2006.

SÃO LUÍS respira reggae e tem programação durante toda semana. **O Imparcial**. São Luís, p.10, 14 jul. 2012.

SEMINÁRIO discutirá problemas enfrentados por movimentos de reggae. **Jornal Pequeno**. São Luís, p.12, 5 out. 2011.

SETUR empossa nova Comissão Integrada do Reggae e Turismo. **O Imparcial**. São Luís, p.07, 3 jun. 2011.

ENTREVISTAS

CARVALHO, Thiago Pablo. **Entrevista concedida a Ângela Saraiva Silva**. São Luís, 03 ago. 2012.

COELHO, José de Ribamar. **Entrevista concedida a Ângela Saraiva Silva.** São Luís, 03 ago. 2012.

DIAS, Fabiana dos Santos. **Entrevista concedida a Ângela Saraiva Silva.** São Luís, 02 ago. 2012.

JUNIOR, João Paulo Soares. **Entrevista concedida a Ângela Saraiva Silva.** São Luís, 27 jul. 2012.

JUNIOR, Mario Jorge Moraes. **Entrevista concedida a Ângela Saraiva Silva.** São Luís, 03 ago. 2012.

LANDIM, Glícia Helena Silva. **Entrevista concedida a Ângela Saraiva Silva.** São Luís, 01 ago. 2012.

MADEIRA, Ivan. **Entrevista concedida a Ângela Saraiva Silva.** São Luís, 19 jul. 2012.

NOGUEIRA, Adriana. **Entrevista concedida a Ângela Saraiva Silva.** São Luís, 27 jul. 2012.

PINTO, Nair Michele Silva. **Entrevista concedida a Ângela Saraiva Silva.** São Luís, 20 jul. 2012.

RIBEIRO, Tiara Sousa. **Entrevista concedida a Ângela Saraiva Silva.** São Luís, 04 jul. 2012.

SANTOS, Nayfson Henrique. **Entrevista concedida a Ângela Saraiva Silva.** São Luís, 31 ago. 2012.

SILVA, Dulcilene. **Entrevista concedida a Ângela Saraiva Silva.** São Luís, 16 jul. 2012.

SILVEIRA, Mihael Nicassio. **Entrevista concedida a Ângela Saraiva Silva.** São Luís, 03 ago. 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A- Roteiro das Entrevistas

NOME:

IDADE:

PROFISSÃO:

ESCOLARIDADE:

BAIRRO:

- 1) Desde quando você tem interesse por este ritmo? Por qual estilo de reggae você tem maior preferência, aquele tocado pelas bandas ou pelas radiolas?
- 2) Como você poderia caracterizar a diferença entre estes estilos?
- 3) Você tem ou já teve o costume de frequentar festas de reggae em clubes ou salões? Quais? Por quê?
- 4) Quem são as pessoas que têm frequentado essas festas (faixa etária e profissões)?
- 5) Quais as principais radiolas de reggae na sua opinião, de qual você mais gosta e o que mais te atrai nessa radiola?
- 6) Ainda existe a questão da exclusividade das músicas pelas radiolas? Ainda existe disputa entre radiolas? Como ela tem sido mantida?
- 7) Você acha que esta exclusividade é algo bom para a manifestação regueira no Estado? Por quê?
- 8) O que você acha dos programas de reggae na rádio e na televisão? Você tem o costume de acompanhar? Quais? Por quê?
- 9) Você acha que ainda existe muita discriminação contra o reggae? Por quê?
- 10) O reggae ainda é algo lucrativo para os donos de radiola, discotecários e outros mais vinculados à produção e divulgação do reggae?
- 11) Na sua opinião, como é que se pode obter lucros com o reggae no Maranhão, hoje?
- 12) Tem sido comum observar uma maior aproximação de políticos com o reggae ou também de pessoas ligadas ao reggae envolvidas com o meio político. O que você acha sobre essa aproximação? E isto de alguma forma é bom para o reggae? Como?
- 13) Você já votou ou votaria em um candidato vinculado ao reggae? Por quê?
- 14) Na sua opinião, como as pessoas têm escolhido seu voto hoje dentro da MA? O que tem influenciado os eleitores na escolha de seus votos? O que eles têm esperado destes candidatos em relação ao reggae?
- 15) Você acha que tem havido algum tipo de retorno para o reggae, para o regueiro, a partir da eleição de pessoas ligadas ao reggae? Qual?
- 16) Você acha que essas pessoas gostam do ritmo de fato ou apenas se aproveitam para conseguir atender um interesse?

- 17)Essa aproximação entre o reggae e a política tem se dado apenas com o reggae das radiolas ou existem cantores ou integrantes de bandas de reggae também envolvidos com a política?
- 18)Na sua opinião, por que alguns políticos, mesmo envolvidos com o reggae, não conseguem eleger-se?
- 19)Você já ouviu falar nas leis que instituíram o dia municipal do regueiro em são Luis e o dia nacional do regueiro? O que a criação destas leis pode representar para a manifestação do reggae no Maranhão?
- 20)O que você sabe sobre a Comissão Integrada do Reggae e Turismo? Qual a sua importância para o desenvolvimento do reggae no Maranhão?
- 21)Em relação à presença feminina no reggae maranhense, que papéis as mulheres têm desempenhado além de se destacarem na dança? Em que mais elas têm se destacado?
- 22) O que o reggae representa em sua vida?

APÊNDICE B- Fotos

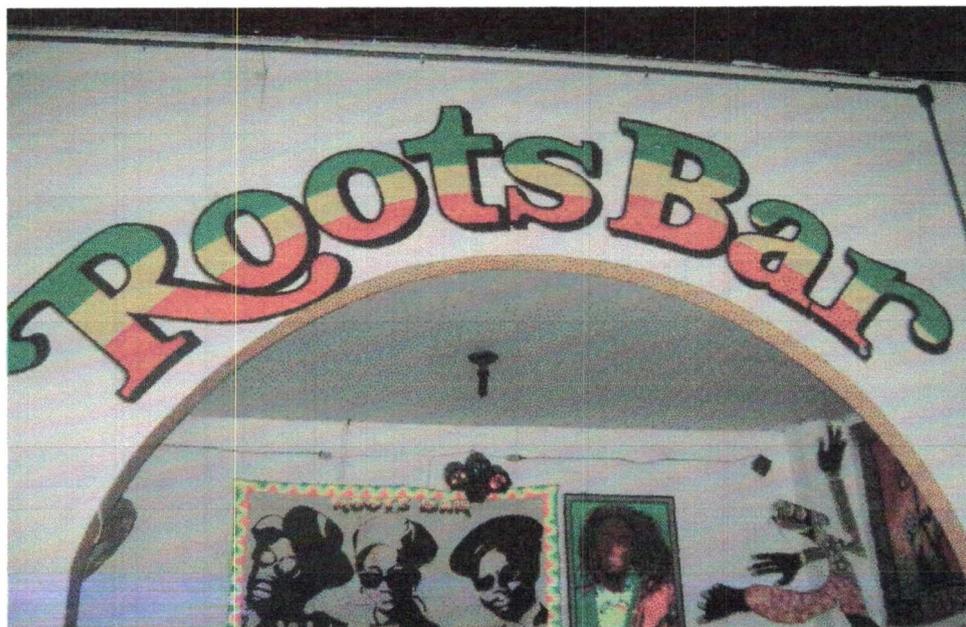


Foto 01 – Roots Bar (Praia Grande)
Fonte: Ângela Saraiva Silva (01 ago. 2012)



Foto 02 – Radiola de Reggae (Roots Bar – Praia Grande)
Fonte: Ângela Saraiva Silva (01 ago. 2012)



Foto 03 – Apresentação da Banda Guetos na 64ª SBPC
Fonte: Ângela Saraiva Silva (24 jul. 2012)

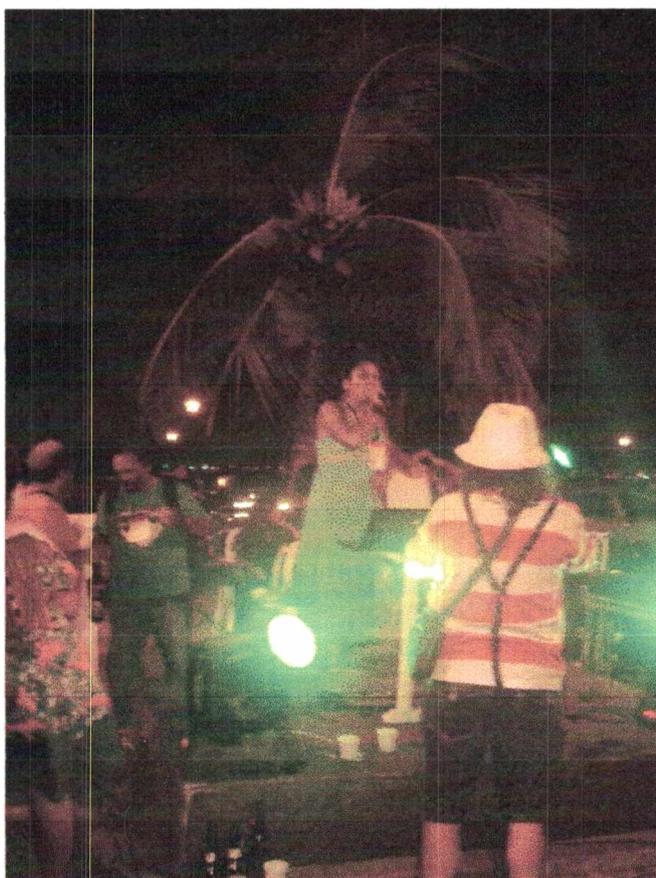


Foto 04 – Apresentação da Dj Nega Glícia na 64ª SBPC
Fonte: Ângela Saraiva Silva (27 jul. 2012)



Foto 05 – Apresentação das cantoras Fabiana Rasta e Adriana Nogueira na 64ª SBPC
Fonte: Ângela Saraiva Silva (27 jul. 2012)

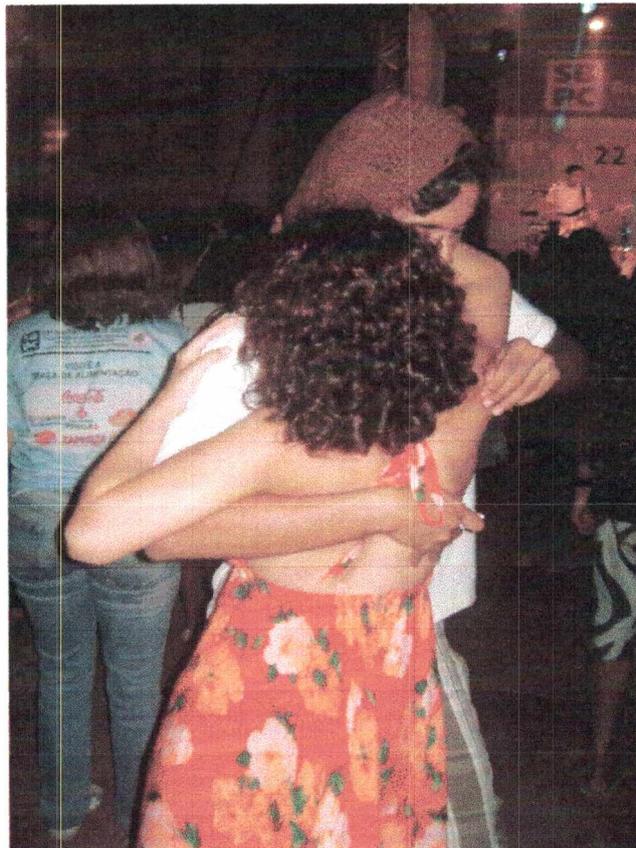


Foto 06 – Casal dançando ao som do reggae
Fonte: Ângela Saraiva Silva (26 jul. 2012)